

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS, CULTURA E REGIONALIDADE

Marciele Borchert

Explorando Construções Superlativas do Português Brasileiro:
um estudo sociocognitivo

Caxias do Sul
2017

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS, CULTURA E REGIONALIDADE

Marciele Borchert

Explorando Construções Superlativas do Português Brasileiro:
um estudo sociocognitivo

Dissertação apresentada como requisito parcial
para a obtenção do grau de Mestre em Letras,
Cultura e Regionalidade, na Universidade de
Caxias do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Heloísa Pedroso de Moraes Feltes

Caxias do Sul
2017

B726e Borchert, Marciele

Explorando Construções Superlativas do Português Brasileiro : um estudo sociocognitivo / Marciele Borchert. – 2017.

110 f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade, 2017.

Orientação: Heloísa Pedroso de Moraes Feltes.

1. Gramática das Construções. 2. Construções Superlativas. 3. Linguística Cognitiva. I. Feltes, Heloísa Pedroso de Moraes, orient. II. Título.

Explorando Construções Superlativas do Português Brasileiro: um estudo sociocognitivo

Marciele Borchert

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras, Cultura e Regionalidade, Área de Concentração: Estudos de Identidade, Cultura e Regionalidade. Linha de Pesquisa: Língua, Cultura e Regionalidade.

Caxias do Sul, 14 de agosto de 2017.

Banca Examinadora:

Dra. Carina Maria Melchiors Niederauer
Universidade de Caxias do Sul

Dra. Cecil Jeanine Albert Zinani
Universidade de Caxias do Sul

Dra. Heloísa Pedroso de Moraes Feltes
Orientadora
Universidade de Caxias do Sul

**Participação via videoconferência*

Dra. Maity Simone Guerreiro Siqueira
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

AGRADECIMENTOS

À minha família, razão de minha existência, de meu caráter, de minha perseverança. Incentivo constante, mesmo de longe.

À minha mãe, cujo carinho e palavras de ânimo sempre me mantiveram forte.

Ao meu pai (*in memoriam*), que sempre desejou que eu fosse feliz e traçasse o caminho de minha escolha.

Aos meus amados irmãos, carinho e presença sempre indispensáveis, cuja preocupação e incentivo para que meus estudos se tornassem viáveis fizeram enorme diferença.

Ao Anderson, companheiro inseparável, com quem divido minha vida, minhas alegrias, meus sonhos e angústias, que esteve ao meu lado incansavelmente nesta caminhada permeada por ausências e oscilações de humor.

À minha orientadora, Profa. Dra. Heloísa Pedroso de Moraes Feltes, por ter desempenhado seu papel de forma primorosa, por ter sido paciente e compreensiva, por ter me ajudado incondicionalmente nesta caminhada. Sem ela, esta dissertação não seria possível.

À Profa. Dra. Carmen Maria Faggion, por todas as aulas motivadoras e por todo o incentivo na pesquisa voluntária.

À tia Eliane e ao tio Andreas, cujas discussões e auxílio foram imensuravelmente preciosos.

À tia Ilici e ao tio Canhoto, torcedores constantes por meu sucesso.

À Caroline Fracalossi, amiga que sempre se dispôs a me ouvir e me compreender, cuja amizade sincera e sem julgamentos sempre me foi um alento.

À Jociéli Pires, cuja preciosa amizade me serviu de conforto e ânimo em momentos de desespero, e cuja torcida sincera e constante muito me motivou.

À Priscila Paris, que me auxiliou quando ninguém mais tinha tempo, e que sempre esteve disponível para me ouvir e para discutir sobre os desafios da vida acadêmica.

À Daniele Marcon, pelas dicas e palavras de incentivo, pela bondade com que sempre me auxiliou.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade, a todos os professores por seus ensinamentos, e à Secretaria, sempre prestativa.

À CAPES, pelo apoio financeiro.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo explorar construções superlativas sob a ótica da Gramática das Construções (GOLDBERG, 1995, 2003, 2006; MIRANDA; SALOMÃO, 2009), tendo como aporte teórico-metodológico central estudos já realizados sobre superlatividade (SAMPAIO, 2007; MIRANDA, 2008; ALBERGARIA, 2008; COSTA, 2010; SANTOS, 2012; PIRES, 2013; CARRARA, 2010, 2015; MACHADO, 2011, 2015). A fim de averiguar se existem expressões produtivas que sejam candidatas a construções superlativas no uso coloquial do Português Brasileiro regional, investigamos as ocorrências das expressões *tri* (como prefixo), *de cair os butiá [do bolso]*, *frio de renguear cusco*, *frio de rachar*, *frio de lascar*, *baita*, *medo que me pelo*, *que dói*, *pra cacete/pra caralho*, *do cacete/do caralho*, *[que] afudê/afu* e *puta*, prioritariamente, no *Corpus* do Português, recorrendo, também, à pesquisa adicional no *Corpus* Brasileiro e no *Google*. Na análise, consultamos definições das expressões ou de palavras que as compõem, nos casos de ausência da expressão nos dicionários, com o objetivo de elucidar a possível origem e motivação para as expressões. Quanto à formalização das expressões, enquadrando-as em padrões propostos nos estudos revisados, com as seguintes proposições: *de cair os butiá [do bolso]*, *frio de renguear cusco*, *frio de rachar*, *frio de lascar*, *medo que me pelo* e *que dói* como instâncias da Construção Superlativa Causal Nominal (CARRARA, 2010); *tri* como um caso da Construção Prefixal Modificadora de Grau (CARRARA, 2015); e *baita*, *pra cacete/pra caralho*, *do cacete/do caralho*, *[que] afudê/afu* e *puta* como parte das Construções Superlativas Genéricas (MACHADO, 2011). A análise dos dados possibilitou a proposta de matrizes construcionais, baseadas nas formalizações já propostas, bem como a sugestão de ampliação da rede construcional superlativa do Português Brasileiro.

Palavras-chave: Gramática das Construções; Construções Superlativas.

ABSTRACT

This work aims at exploring superlative constructions under the lens of Construction Grammar (GOLDBERG, 1995, 2003, 2006; MIRANDA; SALOMÃO, 2009), having as main theoretical and methodological approach completed studies about superlativization (SAMPAIO, 2007; MIRANDA, 2008; ALBERGARIA, 2008; COSTA, 2010; SANTOS, 2012; PIRES, 2013; CARRARA, 2010, 2015; MACHADO, 2011, 2015). In order to verify if there are productive expressions which can be candidates for superlative constructions in the colloquial use of regional Brazilian Portuguese, we have investigated the occurrences of the expressions *tri* (as a prefix), *de cair os butiá [do bolso]*, *frio de renguear cusco*, *frio de rachar*, *frio de lascar*, *baita*, *medo que me pelo*, *que dói*, *pra cacete/pra caralho*, *do cacete/do caralho*, *[que] afudê/afu* and *puta*, primarily, in *Corpus do Português*, referring, as well, to additional research in *Corpus Brasileiro* and on *Google*. In the analysis, we have looked for definitions of the expressions or of words which are part of them, in the cases which the expression is not defined by the dictionaries, with the objective of eliciting the possible origin and motivation for the expressions. Regarding the formalization of the expressions, we have fitted them into the patterns proposed in the reviewed studies, with the following assumptions: *de cair os butiá [do bolso]*, *frio de renguear cusco*, *frio de rachar*, *frio de lascar*, *medo que me pelo* and *que dói* as instances of Causal Nominal Superlative Construction (CARRARA, 2010); *tri* as a case of the Prefixal Degree Modification Construction (CARRARA, 2015); and *baita*, *pra cacete/pra caralho*, *do cacete/do caralho*, *[que] afudê/afu* and *puta* as part of the General Superlative Constructions (MACHADO, 2011). The analysis of the data made possible the proposal of constructional matrices, based on those which have already been formalized, as well as the suggestion of the enlargement of the superlative constructional net of Brazilian Portuguese.

Keywords: Construction Grammar; Superlative Constructions.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Formalização da Construção Superlativa Genérica	27
Figura 2 - Formalização da Construção Superlativa Nominal e da Construção Superlativa Verbal	29
Figura 3 - A Rede das Construções com Léxico da Morte no Português Brasileiro	30
Figura 4 - Rede das Construções Concessivas de Polaridade Negativa	32
Figura 5 - Rede de herança parcial da Construção Superlativa de Expressão Corporal	36
Figura 6 - Formalização da construção <i>chorar mais que bebê</i>	38
Figura 7 - Descrição do constructo licenciado pela Construção Hiperbólica por Símile	39
Figura 8 - Formalização da Construção Superlativa Causal Nominal	41
Figura 9 - Descrição informal da Construção Prefixal de Modificação de Grau	42
Figura 10 - Construção Superlativa Genérica de Estados Absolutos	46
Figura 11 - Formalização da Construção Mórfica de Modificação de Grau	47
Figura 12 - Construção Prefixal Modificadora de Grau: <i>tri</i>	60
Figura 13 - Construção Superlativa Genérica: <i>baita</i>	65
Figura 14 - Construção Superlativa Causal Nominal: <i>de cair os butiá do bolso</i>	69
Figura 15 - Construção Superlativa Causal Nominal: <i>frio de renguear cusco / frio de rachar / frio de lascar</i>	72
Figura 16 - Construção Superlativa Causal Nominal: <i>medo que me pelo</i>	74
Figura 17 - Construção Superlativa Causal Nominal: <i>que dói</i>	78
Figura 18 - Construção Superlativa Genérica: <i>para / pra cacete, para / pra caralho e do cacete / do caralho</i>	87
Figura 19 - Construção Superlativa Genérica: <i>afudê / afu</i>	90
Figura 20 - Construção Superlativa Genérica: <i>puta</i>	93

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - A superlatividade para Bechara (2009) e Cunha e Cintra (2008)	25
Quadro 2 - A superlatividade para Neves (1999)	26
Quadro 3 - Construções Superlativas: estado da arte	48
Quadro 4 - Forma das expressões superlativas/intensificadoras	53
Quadro 5 - <i>Tri</i> : escopo da intensificação/superlatividade	56
Quadro 6 - Definições de <i>baita</i>	61
Quadro 7 - <i>Baita</i> : escopo da intensificação/superlatividade	63
Quadro 8 - Definições de <i>butiá</i>	66
Quadro 9 - Definições para <i>pelar-se de medo</i> encontradas no verbete <i>medo</i>	73
Quadro 10 - <i>Que dói</i> : escopo da intensificação/superlatividade	75
Quadro 11 - Definições de <i>cacete</i>	80
Quadro 12 - <i>Para cacete / pra cacete</i> : escopo da intensificação/superlatividade	81
Quadro 13 - Definições de <i>caralho</i>	84
Quadro 14 – <i>Pra / prá caralho / para caralho</i> : escopo da intensificação/superlatividade	85
Quadro 15 - Definições de <i>puta</i>	91
Quadro 16 - <i>Puta</i> : escopo da intensificação/superlatividade	92
Quadro 17 - Total de expressões e ocorrências	95

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 GRAMÁTICA DAS CONSTRUÇÕES E LINGUÍSTICA COGNITIVA: UMA BREVE INTRODUÇÃO.....	12
3 A SUPERLATIVIDADE NO PORTUGUÊS BRASILEIRO.....	23
3.1 SUPERLATIVIDADE NAS GRAMÁTICAS NORMATIVAS DO PORTUGUÊS ...	23
3.2 SUPERLATIVIDADE PELA GRAMÁTICA DAS CONSTRUÇÕES	27
4 CONSTRUÇÕES SUPERLATIVAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO REGIONAL	50
4.1 MÉTODO, TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS	50
4.2 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	54
4.2.1 <i>Tri</i>	55
4.2.2 <i>Baita</i>	61
4.2.3 <i>De cair os butiá [do bolso]</i>	66
4.2.4 <i>Frio de renguear cusco / frio de rachar / frio de lascar</i>	69
4.2.5 <i>Medo que me pelo</i>	72
4.2.6 <i>Que dói</i>	74
4.2.7 <i>Para cacete /pra cacete /do cacete e para caralho / pra caralho / do caralho</i>	79
4.2.8 <i>[Que] afudê / afu</i>	88
4.2.9 <i>Putá</i>	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	97
REFERÊNCIAS	100
ANEXOS	104
ANEXO A	104
ANEXO B	105
ANEXO C	106
ANEXO D	107
ANEXO E.....	108

1 INTRODUÇÃO

Expressar sentimentos e pensamentos é inerente ao ser humano, e a linguagem é um meio muito usado para tal. A Língua Portuguesa dispõe de mecanismos para efetivar essa expressão, que pode ser intensificada através da superlatividade, objeto de nosso estudo. Esta dissertação surgiu da sugestão da Profa. Dra. Heloísa Pedroso de Moraes Feltes, ao saber de meu interesse em ingressar no Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade e estudar gramática. Considerando que a pesquisa da professora se situa em Linguística Cognitiva, a proposta lançada foi a de explorar estudos já existentes no Brasil que se servem da Gramática das Construções. Nesse sentido, a professora vinha acompanhando as produções geradas pelo grupo de pesquisa Gramática e Cognição, coordenado pela Profa. Dra. Neusa Salim Miranda, no âmbito dos estudos sobre construções superlativas, os quais já alcançaram maturidade. Esse é um dos fatores centrais da escolha, haja vista o fato de a Gramática das Construções ser um modelo de gramática apenas muito recentemente adotado nos estudos do Português Brasileiro. Desse modo, foi estabelecido o propósito de mapear tais estudos, descrevê-los e explorar sua potencialidade para o exame de um conjunto adicional de expressões que se comportam, na língua em uso, como superlativas e intensificadoras no Português Brasileiro e, em alguns casos, mais especificamente no Rio Grande do Sul.

O tema desta dissertação, em suma, é a expressão da superlatividade no Português Brasileiro, com ênfase em algumas construções mais tipicamente presentes no Rio Grande do Sul, embora outras sejam de uso mais amplo na Língua Portuguesa.

A tradição gramatical oferece diversas alternativas para construir o superlativo, que consiste na comparação de um ser a todos os outros de sua categoria, como, por exemplo, quando dizemos que um determinado livro é o melhor que já lemos em nossas vidas, ou na intensificação de seus atributos. Porém, por mais variados que sejam os recursos oferecidos em uma perspectiva normativa da língua, esses não dão conta da variedade expressiva da superlatividade, tanto na fala como na escrita, no presente caso, do Português Brasileiro. Por essa razão, há recursos criados pelos falantes para expressar a superlatividade não descritos e exemplificados nas gramáticas normativas. A língua e seu uso socioculturalmente situado não se resumem às estruturas contempladas pela Gramática Normativa, o que fornece espaço para que, a partir da Linguística Cognitiva, possa-se examinar a língua em seu funcionamento, e impulsiona a proposição de gramáticas sociocognitivamente motivadas, como a Gramática das Construções proposta por Goldberg (1995, 2003, 2006).

Nosso trabalho tem como base a revisão da literatura sobre os estudos acerca da superlatividade no âmbito da Gramática das Construções. Essa revisão, ao mesmo tempo, representa a base teórico-metodológica e analítica para alcançar os objetivos propostos.

Partimos da seguinte questão de pesquisa: No uso coloquial do Português Brasileiro e no Português regional no Rio Grande do Sul encontram-se expressões produtivas que sejam candidatas a construções superlativas? A partir dessa questão, estabelecemos o objetivo geral desta dissertação, que é o de examinar um conjunto de expressões utilizadas com função superlativa e intensificadora no Português Brasileiro e, mais especificamente, no Português no Rio Grande do Sul, na perspectiva dos estudos já realizados no âmbito da Gramática das Construções. Os objetivos específicos, por sua vez, são: (a) investigar as ocorrências de um conjunto de expressões superlativas, especialmente no *Corpus* do Português e no *Corpus* Brasileiro; (b) analisar o significado dessas expressões a partir de pesquisa lexicográfica e em obras que tratam de expressões regionais da Língua Portuguesa; (c) enquadrar as construções superlativas identificadas nas matrizes construcionais já propostas em estudos sobre a superlatividade no Português Brasileiro na perspectiva da Gramática das Construções; e (d) propor matrizes construcionais como variações da Construção Superlativa Genérica.

O aporte teórico central de nossa pesquisa abrange os estudos de Sampaio (2007), Miranda (2008), Albergaria (2008), Costa (2010), Santos (2012), Pires (2013), Carrara (2010; 2015), Machado (2011; 2015), que serviram como aporte teórico e de análise, Goldberg (1995; 2003; 2006), na formulação da base da Gramática das Construções, Miranda e Salomão (2009), com relação às construções em Língua Portuguesa, e autores importantes para situar a Gramática das Construções, a saber, Croft e Cruse (2004), Salomão (2002), Miranda e Machado (2014), Fillmore (1979), Fillmore, Kay e O'Connor (1988), Lakoff (1987), Evans (2007).

Esta dissertação está organizada em quatro capítulos. A primeira parte é a introdução do trabalho. O segundo capítulo situa a Gramática das Construções (GOLDBERG, 1995, 2003, 2006; MIRANDA; SALOMÃO, 2009; SALOMÃO, 2002; MIRANDA; MACHADO, 2014; CROFT; CRUSE, 2004; FILLMORE, 1979; FILLMORE; KAY; O'CONNOR, 1988; LAKOFF, 1987; EVANS, 2007), nossa perspectiva teórica central, a partir dos compromissos epistemo-metodológicos da Linguística Cognitiva assumidos por esses autores. O terceiro capítulo aborda os estudos sobre superlatividade no Português Brasileiro, inicialmente sob o olhar da Gramática Normativa, a partir de algumas gramáticas da Língua Portuguesa (BECHARA, 2009; CUNHA; CINTRA, 2008; NEVES, 1999); em seguida, apresenta-se uma revisão dos estudos já realizados sobre construções superlativas no Português Brasileiro sob a perspectiva da Gramática das Construções, os quais constituem o referencial teórico de base para a análise desenvolvida no capítulo 4. O quarto capítulo trata do método, técnicas e

procedimentos, analisam-se as expressões com valor superlativo, a partir das matrizes de construções superlativas já levantadas na seção 3.2. Em nossa pesquisa, de natureza exploratória, compilamos um conjunto de expressões, aparentemente frequentes na língua coloquial em uso pelos sul-rio-grandenses, tais como: *tri* (como prefixo), *de cair os butiá [do bolso]*, *frio de renguear cusco* e *baita*, além de outras que não são apenas regionais, como *frio de rachar*, *frio de lascar*, *medo que me pelo*, *que dói*, *pra cacete/pra caralho*, *do cacete/do caralho*, *[que] afudê/afu* e *puta*. Para a compilação das ocorrências dessas expressões, utilizamos o *Corpus* do Português, especificamente em Web/Dialetos¹, que contém aproximadamente um bilhão de palavras em Língua Portuguesa, de quatro países (Brasil, Portugal, Angola e Moçambique), provenientes de textos muito recentes – dos últimos três ou quatro anos, de acordo com informações do *site*. Outra ferramenta utilizada para a pesquisa das expressões foi o *Corpus* Brasileiro², porém de maneira secundária, conforme justificado na seção 4.1. Após a análise dessas expressões sob a perspectiva construcionista de gramática, discutem-se os resultados. Estes revelam três propostas de enquadre das expressões pesquisadas nas formalizações já propostas pelos autores dos estudos revisados: *de cair os butiá [do bolso]*, *frio de renguear cusco*, *frio de rachar*, *frio de lascar*, *medo que me pelo* e *que dói* como instâncias da Construção Superlativa Causal Nominal (CARRARA, 2010); *tri* como constitutivo da Construção Prefixal Modificadora de Grau (CARRARA, 2015); e *baita*, *pra cacete/pra caralho*, *do cacete/do caralho*, *[que] afudê/afu* e *puta* como Construções Superlativas Genéricas (MACHADO, 2011). A partir do enquadre das expressões pesquisadas nas respectivas formalizações existentes, pudemos propor as respectivas matrizes construcionais e corroborar, devido à variedade de construções, que os recursos utilizados para expressar superlatividade/intensificação estão muito além daqueles prescritos pela tradição gramatical, e que, certamente, ainda há muitas expressões regionais que podem ser abordadas em estudos sobre construções superlativas.

¹ Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>>. Acesso em: out. 2016 a jun. 2017.

² Disponível em: <<http://corpusbrasileiro.pucsp.br/x/>>. Acesso em: out. 2016 a jun. 2017.

2 GRAMÁTICA DAS CONSTRUÇÕES E LINGUÍSTICA COGNITIVA: UMA BREVE INTRODUÇÃO

Partindo de uma abordagem geral dos compromissos epistemo-metodológicos da Linguística Cognitiva, este capítulo objetiva caracterizar a Gramática das Construções em suas teses, conceitos e características mais centrais.

Como se verifica no capítulo 3 com relação à superlatividade, as gramáticas normativas consultadas não tratam dos usos efetivos de várias expressões da Língua Portuguesa. As regras da gramática normativa dizem respeito ao que é padrão na modalidade escrita da variedade “cultura” da língua, e seu foco não é a linguagem em sua riqueza expressiva, como um fenômeno sociocognitivo.

Já na perspectiva da Linguística Cognitiva, a faculdade da linguagem é uma habilidade cognitiva humana, que utiliza o mesmo aparato cognitivo de outras tarefas, afirmam Croft e Cruse (2004). Tal suposição se diferencia da premissa gerativista de que o ser humano possui uma capacidade inata e autônoma exclusivamente para a linguagem. A principal preocupação da Linguística Cognitiva é demonstrar o papel das habilidades cognitivas gerais na linguagem. Conforme os autores:

A linguagem é uma habilidade cognitiva distintivamente humana, certamente. A partir de uma perspectiva cognitiva, a linguagem é a percepção e produção em tempo real de uma sequência temporal de unidades discretas, estruturadas e simbólicas. Essa configuração particular das habilidades cognitivas é provavelmente única à linguagem, mas as habilidades cognitivas requeridas não o são. (CROFT; CRUSE, 2004, p. 2)³.

Para os autores, há três hipóteses principais que guiam a abordagem da linguagem pela Linguística Cognitiva: (a) a linguagem não é uma faculdade cognitiva autônoma, o que se opõe à hipótese da Gramática Gerativa sobre a linguagem ser uma faculdade cognitiva autônoma e inata, ou um módulo separado das habilidades cognitivas não linguísticas; (b) gramática é conceptualização, hipótese que contraria a semântica das condições de verdade, segundo a qual se avalia a metalinguagem em termos de veracidade e falsidade relativas a um modelo de mundo; (c) o conhecimento da língua emerge do uso da língua, o que se opõe às tendências reducionistas tanto na Gramática Gerativa quanto na semântica das condições de verdade.

³ **Do original:** “Language is a distinct human cognitive ability, to be sure. From a cognitive perspective, language is the real-time perception and production of a temporal sequence of discrete, structured symbolic units. This particular configuration of cognitive abilities is probably unique to language, but the component cognitive skills required are not.” (CROFT; CRUSE, 2004, p. 2). Todas as traduções são de responsabilidade da autora desta dissertação.

A Linguística Cognitiva defende que as representações sintática, morfológica e fonológica são basicamente conceptuais, e, embora sons, e até os enunciados, sejam entidades físicas, eles precisam ser compreendidos e produzidos através de processos mentais. Portanto, há processos cognitivos envolvidos na interação linguística, e tais processos utilizados para a linguagem não são muito diferentes daqueles usados para outras tarefas cognitivas, tais como a percepção visual, o raciocínio ou a atividade motora, de acordo com Croft e Cruse (2004).

As abordagens cognitivas para as gramáticas são guiadas por duas teses: a tese simbólica e a tese baseada no uso. Evans (2007) assim as resume:

a) **Tese simbólica:** a unidade fundamental da gramática é o pareamento forma-significado, o que acarreta que

[...] a **abordagem modular** da linguagem e da mente não pode ser significativamente sustentada em **linguística cognitiva**, onde a fronteira entre **semântica cognitiva** e abordagens cognitivas da gramática é menos claramente definida [...] significado e gramática são vistos como mutuamente interdependentes e complementares (EVANS, 2007, p. 208, grifos originais)⁴.

b) **Tese baseada no uso:** sobre a gramática mental (conhecimento da língua), Evans explica que

[a] tese baseada no uso defende que a gramática mental do **usuário da língua** (seu conhecimento da língua) é formada pela **abstração** de unidades simbólicas a partir de instâncias situadas de uso da língua: um **enunciado**. Uma consequência importante de adotar a tese baseada no uso é que não há distinção consistente entre o conhecimento da língua e o uso da língua [...], uma vez que conhecimento da língua é conhecimento de como a língua é utilizada (EVANS, 2007, p. 216-217, grifos originais)⁵.

A abordagem cognitiva linguística da sintaxe está sob o nome Gramática das Construções, que surgiu a partir de questionamentos que fundamentavam a Gramática Gerativa. Croft e Cruse (2004) explicam que, de acordo com a maioria das teorias da Gramática Gerativa, o conhecimento gramatical de um falante é organizado em componentes, os quais são, partindo de um princípio geral, fonético, sintático e semântico, perpassados pelo léxico. A ligação entre esses componentes é chamada de *linking rules*, de acordo com os autores. Segundo eles, o desenvolvimento da Gramática das Construções rompe a visão componencial da organização gramatical:

⁴ **Do original:** “[...] the **modular approach** towards language and the mind cannot be meaningfully upheld within **cognitive linguistics** where the boundary between **cognitive semantics** and cognitive approaches to grammar is less clearly defined. Instead, meaning and grammar are seen as mutually interdependent and complementary” (EVANS, 2007, p. 208, grifos originais).

⁵ **Do original:** “The usage-based thesis holds that the mental grammar of the **language user** (his or her knowledge of language) is formed by the **abstraction** of symbolic units from situated instances of language use: an **utterance**. An important consequence of adopting the usage-based thesis is that there is no principled distinction between knowledge of language and use of language [...], since knowledge of language is knowledge of how language is used.” (EVANS, 2007, p. 216-217, grifos originais).

[...] por que as *linking rules* são apenas um conjunto de regras que ligam componentes, enquanto os componentes definem o modo como o conhecimento gramatical é dividido na mente do falante? Como veremos, essa é essencialmente a questão que a gramática das construções pergunta. (CROFT; CRUSE, 2004, p. 227, grifo nosso)⁶.

Goldberg (2006, p. 4-5) explica que as abordagens construcionistas compartilham algumas ideias com a corrente gerativista, tais como: (a) é essencial considerar a linguagem como um sistema cognitivo mental; (b) deve existir uma maneira de combinar estruturas para criar novos enunciados; e (c) é necessária uma teoria não trivial de aprendizagem da linguagem. Por outro lado, há ideias que diferem fortemente entre os dois paradigmas, tais como: (a) a abordagem gerativista sustenta que se pode revelar a natureza da linguagem estudando-se estruturas formais, independentemente de suas funções semânticas e discursivas, o que contraria os modelos baseados no uso defendidos pela Gramática das Construções; (b) o significado, para os gerativistas, provém do dicionário mental de palavras, processo que ignora amplamente as diferenças funcionais entre padrões formais; (c) os gerativistas argumentam que a linguagem não pode ser aprendida de forma indutiva a partir de mecanismos cognitivos gerais, com base na hipótese de que nascemos com uma “gramática universal”, contida no cérebro, com princípios específicos à aquisição da linguagem, o que contradiz a hipótese da abordagem construcionista, que defende que “[a] totalidade do nosso conhecimento linguístico é capturada por uma rede de construções” (GOLDBERG, 2003, p. 219)⁷.

Segundo Goldberg, o termo *construcionista*, relacionado a *construções*, tem diferentes motivações:

A motivação primária para o termo é que as abordagens construcionistas enfatizam o papel das CONSTRUÇÕES gramaticais: pares convencionalizados de forma e função. Além disso, as abordagens construcionistas de modo geral enfatizam que as línguas são aprendidas – que elas são CONSTRUÍDAS à base de *input* juntamente com restrições gerais cognitivas, pragmáticas e de processamento. (2006, p. 3, grifos originais)⁸.

Em termos gerais, a autora esclarece que, na categorização,

a codificação seletiva e a memória imperfeita asseguram que nossos exemplares sejam de alguma maneira abstratos. Nós não armazenamos um número ilimitado de representações completas de enunciados; o que nós mais propriamente retemos são

⁶ **Do original:** “[...] why are the linking rules just a bunch of rules that link components, while the components define the way that grammatical knowledge is divided up in the speaker’s mind? As we will see, that is essentially the question that construction grammar asks.” (CROFT; CRUSE, 2004, p. 227).

⁷ **Do original:** “The totality of our knowledge of language is captured by a network of constructions” (GOLDBERG, 2003, p. 219).

⁸ **Do original:** “The primary motivation for the term is that constructionist approaches emphasize the role of grammatical constructions: conventionalized pairings of form and function. In addition, constructionist approaches generally emphasize that languages are learned – that they are CONSTRUCTED on the basis of the input together with general cognitive, pragmatic, and processing constraints.” (GOLDBERG, 2006, p. 3, grifos originais).

instâncias com algum nível de abstração. Ou seja, nós não retemos passivamente um *corpus* mental enorme, composto por todas as sequências que já ouvimos, como um computador pode fazer. Ao contrário, nós constantemente dividimos o significado, formamos abstrações, e generalizamos as instâncias que ouvimos. (GOLDBERG, 2006, p. 62, grifo nosso)⁹.

Além disso, para a Gramática das Construções, assim como para a Linguística Cognitiva, a gramática é um *continuum* entre sintaxe e léxico, baseada no uso. Miranda explica que a Gramática das Construções “delineia-se como *uma gramática gerativa, simbólica e baseada no uso, que ambiciona a descrição de todas as Construções de uma língua e não distingue criterialmente léxico e gramática.*” (2009a, p. 11, grifo original).

Goldberg (2006) afirma que é de conhecimento dos linguistas a existência de uma ampla variedade de construções semi-idiossincráticas em cada língua, as quais “não podem ser explicadas por princípios ou restrições gerais, universais ou inatos.” (GOLDBERG, 2006, p. 14)¹⁰.

Uma construção, segundo Goldberg, pode ser reconhecida como tal quando algum aspecto de sua forma ou função não é rigorosamente previsível a partir de seus componentes ou a partir de outra construção existente. Tal concepção reforça a ideia de que uma construção é um pareamento de forma e significado (“*form and meaning pairings*”):

Qualquer padrão linguístico é reconhecido como uma construção desde que algum aspecto de sua forma ou função não seja estritamente previsível a partir das partes que a compõem ou de outras construções com existência reconhecida. Além disso, padrões são armazenados como construções mesmo sendo totalmente previsíveis desde que eles ocorram com frequência suficiente (GOLDBERG, 2006, p. 5)¹¹.

Além disso, Goldberg (2006) assinala que a abordagem da Gramática das Construções é não derivacional, ou seja, é monoestratal, de modo que não há processos (regras) de transformação em que uma estrutura é “derivada” de outra.

Em suma, como afirma Miranda (2009b, p. 63-64), “a linguagem é prática social e a gramática de uma língua é uma rede de símbolos erguida na cultura” e “o conhecimento linguístico do falante é uma coleção sistemática de pares de forma-função, isto é, de construções aprendidas com base na língua que ouve ao seu redor.”.

⁹ **Do original:** “selective encoding and imperfect memory ensure that our exemplars are somewhat abstract. We do not store an unlimited number of complete utterance representations; rather what we retain are instances at some level of abstraction. That is, we do not passively retain a huge mental corpus, consisting of all the strings we have ever heard, as a computer might do. Instead we constantly parcel out meaning, form abstractions, and generalize over the instances we hear.” (GOLDBERG, 2006, p. 62).

¹⁰ **Do original:** “[...] cannot be accounted for by general, universal, or innate principles or constraints.” (GOLDBERG, 2006, p. 14).

¹¹ **Do original:** “Any linguistic pattern is recognized as a construction as long as some aspect of its form or function is not strictly predictable from its component parts or from other constructions recognized to exist. In addition, patterns are stored as constructions even if they are fully predictable as long as they occur with sufficient frequency” (GOLDBERG, 2006, p. 5).

Salomão (2009b, p. 38-51), por sua vez, destaca três asserções fundadoras da Gramática das Construções: construções são unidades básicas do conhecimento linguístico; construções são pareamentos de forma-sentido; e a gramática é uma rede de construções.

A autora se serve da expressão “Tudo certo como dois e dois são cinco” para ilustrar a discrepância entre a concepção de gramática como conhecimento da linguagem e o entendimento tradicional da gramática como “um sistema de padrões formais paradigmaticamente contrastáveis e gerativamente combináveis, observado um conjunto de restrições de diversa natureza” (2009, p. 33). Salomão afirma que uma expressão como “Tudo certo como dois e dois são cinco”, com peculiaridades que fogem a uma explicação meramente formal, provavelmente não seria abarcada pelas concepções tradicionais de conhecimento da linguagem, e que uma solução adotada comumente é deixar de lado as expressões que não se adequam às regras prescritas pela gramática. Tem-se, então, a oportunidade perfeita para a linguística mostrar sua contribuição como ciência, tratando das “numerosíssimas construções anteriormente negligenciadas”, conforme explica a autora. Há, nesse sentido, o desafio de “descrever todas as construções de uma língua, inclusive aquelas que, por razões teóricas, são reputadas ‘desinteressantes’.” (p. 35).

Apesar dos recentes esforços em estudar as construções do Português, Salomão explica que nada ainda foi feito que leve a constituir uma versão integrada de uma gramática do Português do Brasil. A importância dessa audaciosa empreitada reside no fato de que o todo nem sempre é a soma das partes quando se trata das inúmeras expressões de uma língua, conforme explica a autora: “O elemento crítico que levou à postulação das Construções como unidades básicas da gramática resultou da percepção de que, no caso das expressões linguísticas reconhecíveis como objetos analíticos, o todo não é a soma das partes.” (2009, p. 39).

Em um artigo sobre a integração entre sintaxe e léxico, Salomão (2002) retoma, de forma breve e elucidativa, o percurso que antecedeu o surgimento da abordagem construcionista da gramática, mencionando a hipótese gerativa e o quanto esta não contempla o fenômeno do idiomatismo, que origina formações lexicais não composicionais, logo não previsíveis pelo conhecimento do léxico e da sintaxe de uma língua.

Salomão (2002, p. 67) explica o surgimento de uma Gramática das Construções, que emergiu em Berkeley, no fim dos anos 1980, a partir de três movimentos analíticos, os quais:

- a) **estudo das redes polissêmicas:** liderado por George Lakoff, reconhece redes construcionais, motivadas por projeções conceptuais, principalmente de natureza figurativa, tendo como instância-núcleo da irradiação uma construção gramatical.

Lakoff analisou as construções com *there*, cuja instância central é a “construção locativa” e a irradiação motivada chega até a “construção existencial”;

- b) **estudo das fórmulas situacionais (colocações sintáticas):** Fillmore e Kay são os estudiosos de destaque desse movimento, tendo elaborado um trabalho em parceria com O'Connor, no qual analisam o marcador discursivo *let alone*, cuja função é relacionar comparativamente dois eventos evocados por duas orações ligadas por esse conectivo, caso similar aos marcadores proporcionais *quanto mais, por mais que*, em Português, conforme explica Salomão;
- c) **estudo da variação das valências:** proposto por Goldberg, ex-aluna de Lakoff, este movimento postula, como solução para verbos que apresentam valências distintas, “uma configuração sintática, pareada com a indicação pragmático-semântica correspondente”, em vez de se usar uma valência *ad hoc* para cada verbo, como propõem os neo-lexicalistas.

Segundo Salomão, o que esses três movimentos têm em comum é a convergência em duas premissas fundadoras: (a) a indistinção entre léxico e gramática, sendo a linguagem uma grande rede construcional, e (b) a concepção do signo linguístico como vetor bipolar indissociável, que pareia forma e condições da construção do sentido, indissolivelmente semântico-pragmáticas.

Miranda e Machado (2014, p. 121) afirmam que, a partir da teoria da Gramática das Construções,

a *construção*, vista como um símbolo ou signo, adquire um estatuto teórico de unidade básica do conhecimento linguístico. A partir daí, fenômenos linguísticos, desde os mais idiossincráticos até os mais gerais recebem o mesmo tratamento; todas as unidades linguísticas, em todos os níveis, têm um formato único de descrição, adquirindo contornos construcionais. (MIRANDA; MACHADO, 2014, p. 121, grifo original).

Fillmore (1979) sugere a existência de uma segunda idealização em linguística, que sucede a de falante/ouvinte ideal em uma comunidade de fala homogênea, proposta por Chomsky em 1965: a do falante/ouvinte inocente, aquele que conhece as estruturas gramaticais e as utiliza para elaborar seu discurso e transmitir a mensagem que deseja da forma mais direta possível, sem inferências entre o que diz e o significado que almeja transmitir. Como um “decifrador de códigos” (*decoder*), ele calcula o significado de cada sentença com base em seus conhecimentos sobre sentenças e sua organização, não considerando cálculos já realizados: cada nova sentença implica um novo cálculo. O autor afirma que o discurso desse tipo de falante/ouvinte “tende a ser lento, chato, e pedante.”

(FILLMORE, 1979, p. 64)¹². Para Fillmore, o falante/ouvinte inocente tem diversas limitações importantes: “Resumindo, o falante/ouvinte inocente não sabe sobre expressões idiomáticas lexicais, expressões idiomáticas frasais, colocações lexicais, fórmulas situacionais, comunicação indireta, ou sobre estruturas esperadas de textos de certos tipos.” (p. 66)¹³.

O que Fillmore explica nos interessa para corroborar a ideia de que o conhecimento gramatical de uma língua, incluindo-se aqui aquele que está nas gramáticas tradicionais, não é suficiente para conferir a um falante amplas habilidades de compreensão. As expressões idiomáticas constituem parte considerável da comunicação. O falante que domina as construções de uma língua conta com um acervo de expressões que têm significado próprio, integral, que não pode ser compreendido separando-se as partes, pois o todo não é formado pela soma das partes, mas sim a composição das partes que forma o todo.

Avançando no que já foi rapidamente mencionado por Salomão (2002), Fillmore, Kay e O’Connor (1988) sugerem que aquilo que é idiomático em uma língua pode ser pensado como um apêndice para a gramática, constituindo um vasto repositório de expressões idiomáticas, que deve incluir descrições de conjuntos de fenômenos importantes e sistemáticos, os quais interagem de modo significativo com o resto da gramática. Os autores defendem que “uma expressão ou construção idiomática é algo que um usuário da língua poderia falhar em conhecer enquanto conhece todo o resto na língua.” (p. 504)¹⁴, e estabelecem uma tipologia de expressões idiomáticas, cujos parâmetros são ponto de partida para as várias realizações de construções em uma língua. São elas:

- a) **codificação/decodificação:** as primeiras são expressões que não requerem experiência prévia do falante para que este possa compreendê-las, como em *answer the door*, *wide awake* e *bright red* (*atender à porta*, *de olhos bem abertos* e *vermelho brilhante*, respectivamente), expressões que podem ser compreendidas mesmo quando ouvidas pela primeira vez. As expressões de decodificação são aquelas cujo significado não pode ser entendido apenas pelo conhecimento das palavras que as compõem, e sim pela expressão como um todo, independentemente de seus componentes isolados, como em *kick the bucket*, que significa literalmente *chutar o balde*, mas quer dizer *morrer*, semelhante a *bater as botas* em Português;

¹² **Do original:** “[...] tends to be slow, boring, and pedantic.” (FILLMORE, 1979, p. 64).

¹³ **Do original:** “Summarizing, the innocent speaker/hearer does not know about lexical idioms, phrasal idioms, lexical collocations, situational formulas, indirect communication, or the expected structures of texts of given types.” (FILLMORE, 1979, p. 66).

¹⁴ **Do original:** “an idiomatic expression or construction is something a language user could fail to know while knowing everything else in the language.” (FILLMORE; KAY; O’CONNOR, 1988, p. 504).

- b) **gramaticais/extragramaticais:** são gramaticais as expressões que obedecem às regras da gramática, apresentando uma estrutura produtiva, como em *kick the bucket*, *spill the beans* e *blow one's nose* (morrer, contar um segredo e assoar o nariz, respectivamente), constituídas por um verbo seguido de um complemento direto; já as extragramaticais costumam ser idiossincráticas, uma vez que não refletem uma regra sintática geral da língua, como *all of a sudden*, *by and large* e *so far so good* (de repente, no geral e até aqui tudo bem, respectivamente), expressões que não podem ser previstas pelo conhecimento gramatical da língua inglesa. Os autores explicam que, apesar de possuírem estrutura gramatical, tais expressões não podem ser compreendidas através do conhecimento das regras familiares da gramática e de sua usual aplicabilidade, sendo necessário o conhecimento idiomático para tornar possível a compreensão;
- c) **substantivas/formais:** as primeiras têm um preenchimento (mais ou menos) previsto de todas as posições em sua estrutura sintática, como em *kick the bucket*, que prevê itens lexicais específicos; as expressões idiomáticas formais são padrões sintáticos dedicados a propósitos semânticos e pragmáticos não reconhecíveis a partir de sua forma isolada, sendo, portanto, para os autores, o tipo de expressão idiomática que suscita as questões teóricas mais sérias.

A partir dessa ideia, Salomão (2009) explica que, por ser uma grande rede construcional, a gramática é um *continuum* entre sintaxe e léxico, calcada no uso linguístico, de modo que as unidades construcionais divergem apenas em sua especificação formal: há construções abertas (a exemplo da construção Sujeito-Predicado), parcialmente especificadas (como a construção proporcional **Quanto mais x, mais y**) e inteiramente especificadas (como o uso de um sufixo com sentido específico, expressões formulaicas e proverbiais, por exemplo).

Salomão (2009b) menciona que as construções podem ser postuladas como unidades básicas da gramática e explica que o fato de, em algumas expressões linguísticas, o todo não ser a soma das partes foi o ponto crítico que levou a tal postulação. A questão é que o resultado da combinação presente em uma construção pode ser mais complexo do que os elementos que a constituem, conforme explica a autora através do exemplo de *carcereiro* e *prisioneiro*, lexemas formados pelo acréscimo do sufixo *-eiro* e que possuem duas raízes sinônimas (*cárcere* e *prisão*), porém o acréscimo do mesmo sufixo aos dois lexemas confere-lhes significados antagônicos e complementares do *frame* PRISÃO. Dessa forma, para Salomão, “[a] construção não é matéria de pura combinação sintagmática; ou seja, não é pura

forma. Na condição de signo, ela impõe um recorte específico à integração conceptual a que procede.” (2009b, p. 41).

Tendo em vista o exposto até aqui, é importante reforçar que a proposta central da Gramática das Construções diz respeito a uma gramática constituída por uma rede de construções, as quais são motivadas e se relacionam com outras construções em termos de herança. Lakoff (1987) propõe a organização da gramática como uma categoria radial, a partir da qual se tem construções regulares e prototípicas e, em contrapartida, construções específicas e idiossincráticas, que ocupam um lugar periférico e são herdeiras de instâncias centrais. Segundo o autor, os sistemas cognitivos possuem uma ecologia, e o conceito de nicho ecológico é uma parte importante da Gramática das Construções: “quanto mais redundantes são as propriedades de uma dada categoria, mais ela é motivada por sua locação ecológica, e melhor ela se encaixa em um sistema como um todo” (LAKOFF, 1987, p. 493)¹⁵.

Sendo a gramática organizada por redes, tem-se a ideia de conceptualização, que sugere diferentes ligações entre as construções de uma língua. Goldberg (1995) explica os elos (*links*) que elucidam as relações de herança entre construções. São eles:

- a) **elo por subparte:** neste caso, uma construção é uma subparte de outra e existe independentemente. Um exemplo dado por Goldberg (1995, p. 78) é a Construção de Movimento Intransitiva, como em *Kim ran* (*Kim correu*¹⁶), a qual se relaciona à Construção de Movimento Causado, a exemplo de *Kim ran Pat off the street* (*Kim tirou Pat da rua*), que se torna herdeira do primeiro tipo;
- b) **elo por instanciação:** ocorre quando uma construção é um caso especial de outra, sendo mais específica que aquela que lhe deu origem, como, por exemplo, segundo Goldberg, as acepções do verbo *drive*, que em sentido primário significa *dirigir*, mas que pode assumir o significado de conduzir a algum estado, como em *Kim drove Fred crazy* (*Kim levou Fred à loucura*), na qual o sentido de se dirigir de um lugar a outro é usado para indicar uma mudança de estado;
- c) **elo por extensão metafórica:** Goldberg (1995, p. 81-89) exemplifica este elo com a Construção de Movimento Causado, como em *Joe kicked the bottle into the Yard* (*Joe chutou a garrafa para o pátio*), que se estende metaforicamente para a Construção Resultativa, com em *Joe kicked Bob black and blue* (*Joe chutou Bob até deixá-lo roxo*), construções nas quais se tem uma mudança de lugar que se estende a uma mudança de estado;

¹⁵ **Do original:** “the more the properties of a given category are redundant, the more it is motivated by its ecological location, and the better it fits into a system as a whole” (LAKOFF, 1987, p. 493).

¹⁶ As traduções dos exemplos são uma interpretação livre de responsabilidade da autora desta dissertação.

- d) **elo por polissemia**: ocorre quando construções apresentam a mesma sintaxe e diferem semanticamente. Como um exemplo de herança por polissemia, Goldberg (1995, p. 75) analisou a Construção Ditransitiva, a qual dá origem a outros quatro padrões de construções, que são, portanto, seus herdeiros. A Construção Ditransitiva é representada por um sujeito, um verbo e dois complementos [S V OBJ1 OBJ2], na qual (1) “X causa Y a receber Z” (*Joe gave Sally the ball – Joe deu a bola a Sally*). A partir dessa construção, tem-se outras quatro, a saber, (2) “X causa Y a não receber Z” (*Joe refused Bob a cookie – Joe negou um biscoito ao Bob*), (3) “X age para causar Y a receber Z” (*Joe bequeathed Bob a fortune – Joe deixou uma fortuna de herança para Bob*), (4) “X proporciona Y a receber Z” (*Joe permitted Chris an apple – Joe concedeu a Chris uma maçã*) e (5) “X pretende causar Y a receber Z” (*Joe baked Bob a cake – Joe assou um bolo para Bob*).

Tais *links* de herança motivam as construções herdeiras, daí se dizer que uma construção é motivada, contendo algum traço da construção-mãe.

Conforme a síntese oferecida por Jesus (2005, p. 144-145), há hipóteses básicas a serem assumidas ao adotar-se a abordagem da Gramática das Construções, quais sejam:

- a) de que há uma “continuidade essencial entre léxico e gramática, pois ambos são pares forma-sentido”;
- b) de que Semântica e Pragmática são indissociáveis;
- c) de que os princípios de motivação e herança provêm o caráter gerativo da gramática, capturando não apenas generalizações, mas exceções e irregularidades, de modo que “as construções não formam um conjunto aleatório, mas constituem uma rede organizada por relações de herança que motivam as propriedades das construções particulares”;
- d) de que a gramática é monoestratal, ou seja, constitui um “único estrato analítico para léxico e gramática em sua constituição sintático-semântico-pragmática, sem derivações e transformações”.

Os estudos desenvolvidos pela Gramática das Construções se servem do aparato teórico-metodológico da Linguística Cognitiva, tais como: esquemas de imagens (e.g., LAKOFF; JOHNSON, 1980); metáforas e metonímias conceituais, pela via da Teoria da Metáfora Conceptual (e.g., LAKOFF; JOHNSON, 1980, 1999) ou da Teoria das Mesclagens (e.g., FAUCONNIER; TURNER, 2002); *frames*, como a Semântica de *Frames* (e.g.,

FILLMORE, 1982, 1985)¹⁷. Ao longo da revisão de estudos sobre a superlatividade no Português Brasileiro, objeto do capítulo 3, alguns desses referenciais teórico-metodológicos são referidos no modo como atuam no estudo da superlatividade/intensificação na Gramática das Construções, ao mesmo tempo em que, em alguns pontos, se esclarecem os mecanismos analíticos desse modelo de gramática.

¹⁷ Não faremos uma revisão desse aporte teórico-metodológico, pois nossa análise parte especificamente dos estudos sobre superlatividade, e estes supõem tal aporte.

3 A SUPERLATIVIDADE NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

A intensificação é um fenômeno recorrente entre os falantes de uma língua, pois auxilia a expressão mais aproximada possível dos sentimentos e percepções do mundo. A tradição gramatical abrange parte desse fenômeno, aquela mais formalizada, e, embora tenha havido esforços de mencionar algumas instâncias constatadas no uso pragmático da língua, as gramáticas ainda carecem de grande parte dos recursos efetivamente utilizados para intensificar.

Neste capítulo, apresentaremos um breve panorama do superlativo, dentro do fenômeno da intensificação, sob o olhar das gramáticas tradicionais e da Gramática das Construções. Nossa intenção é mostrar que as lacunas existentes na tradição gramatical são o impulso para os trabalhos que têm sido desenvolvidos sobre Construções Superlativas.

3.1 SUPERLATIVIDADE NAS GRAMÁTICAS NORMATIVAS DO PORTUGUÊS

Para que se desenvolva o tratamento dado à superlatividade no Português Brasileiro pela Gramática das Construções, é necessário abordar brevemente como as gramáticas normativas do Português discorrem sobre a formação de expressões superlativas. Para tanto, selecionamos três obras renomadas de gramáticas da Língua Portuguesa: a *Moderna Gramática Portuguesa*, de Evanildo Bechara (2009), a *Nova gramática do português contemporâneo*, de Celso Cunha e Lindley Cintra (2008), e a *Gramática de usos do português*, de Maria Helena de Moura Neves (1999). Neves explica itens lexicais e gramaticais da língua em textos efetivamente produzidos, o que a difere das demais gramáticas analisadas, que seguem a linha tradicional, com as regras e exemplos artificiais, descontextualizados, ou retirados, principalmente, de textos literários, considerados exemplos de uso “corretos”, dado o caráter prescritivo dessas gramáticas. Vejamos o que cada uma delas apresenta sobre a superlatividade.

Bechara (2009, p. 148) afirma que o superlativo pode ser usado para: “a) ressaltar, com vantagem ou desvantagem, a qualidade do ser em relação a outros seres [...] b) indicar que a qualidade do ser ultrapassa a noção comum que temos dessa mesma qualidade”. Segundo o gramático, quando a qualidade é ressaltada em comparação a outros seres, trata-se do superlativo relativo (“*O rapaz é o mais cuidadoso dos pretendentes ao emprego*”); quando se trata de superioridade ressaltada sem relação com outros seres, tem-se o superlativo absoluto ou intensivo, que se subdivide em analítico (“*O rapaz é muito cuidadoso*”) e sintético (“*O rapaz é cuidadosíssimo*”).

O autor considera que o superlativo sintético, formado pelo acréscimo do sufixo derivacional *-íssimo* ao adjetivo, é semanticamente mais enfático, e sugere outras formas de intensificação na linguagem coloquial, como a repetição da palavra intensiva (“*Ele é muito mais cuidadoso*”) ou do adjetivo com valor superlativo (“*O dia está belo belo*”), ou, ainda, o uso de sufixos imprevistos, como *-ésimo* (p. 152).

Bechara fornece exemplos de adjetivos que mantêm a forma latina, além de observar que formas como *cheio – cheíssimo* e *feio – feiíssimo* costumam ser grafadas apenas com um *i*, o que contraria a regra da língua padrão, segundo ele.

O que mais se distancia do padrão tradicional do superlativo apresentado por Bechara são as comparações em lugar do superlativo, por exemplo *pobre como Jó* (= paupérrimo), *feio como a necessidade* (= feiíssimo), *claro como água*, *malandro como ninguém*, e outras expressões como *podre de rico*, *feio a mais não poder* e *grande a valer*, e a menção aos adjetivos diminutivos que podem adquirir valor de superlativo, como em “*Blusa amarelinha, garoto bonitinho*” (BECHARA, 2009, p. 152). Porém, o autor não analisa essas expressões visando explicar seu valor semântico-pragmático de superlatividade.

Cunha e Cintra (2008) apresentam o superlativo de forma semelhante à de Bechara, com o acréscimo do exemplo “*Ela é a cantora*”, mostrando que o uso do artigo antes de um substantivo, com tonicidade e duração particular, pode denotar que esse seja o melhor de todos. Os autores subdividem o superlativo relativo em de superioridade (“*Carlos é o aluno mais estudioso do Colégio*”) ou de inferioridade (“*João é o aluno menos estudioso do Colégio*”). Bechara não usa essa denominação, apenas afirma que o superlativo pode ressaltar uma qualidade com vantagem ou desvantagem.

O Quadro 1 resume a classificação da superlatividade para Bechara e Cunha e Cintra.

Quadro 1 - A superlatividade para Bechara (2009) e Cunha e Cintra (2008)

SUPERLATIVO RELATIVO (CUNHA E CINTRA, 2008; BECHARA, 2009)	(a) superioridade (vantagem): “ <i>O rapaz é o mais cuidadoso dos pretendentes ao emprego</i> ”. (b) inferioridade (desvantagem): “ <i>João é o aluno menos estudioso do Colégio</i> ”.
SUPERLATIVO ABSOLUTO OU INTENSIVO (BECHARA, 2009)	(a) analítico : “ <i>O rapaz é muito cuidadoso</i> ”. (b) sintético : “ <i>O rapaz é cuidadosíssimo</i> ”.
OUTRAS FORMAS DE EXPRESSÃO DA SUPERLATIVIDADE	(a) Repetição da palavra intensiva : “ <i>Ele é muito mais cuidadoso</i> ” (BECHARA, 2009; CUNHA; CINTRA, 2008). (b) Repetição do adjetivo com valor intensivo : “ <i>O dia está belo belo</i> ” (BECHARA, 2009; CUNHA; CINTRA, 2008). (c) Comparações : <i>pobre como Jó, feio como a necessidade</i> (BECHARA, 2009; CUNHA; CINTRA, 2008). (d) Uso de artigo definido: “ <i>Ela é a cantora</i> ” (CUNHA; CINTRA, 2008).

Fonte: Elaborado pela autora.

Neves (1999), em sua *Gramática de usos do português*, apresenta o conceito de intensificação de uma forma muito peculiar, diferentemente da maneira usual escolhida por outros gramáticos. A autora utiliza o subtítulo “Os adjetivos qualificadores”, dentro do capítulo sobre adjetivos, para se referir ao fenômeno da intensificação. Segundo a autora, “[o]s **adjetivos qualificadores** têm algumas propriedades ligadas ao próprio caráter vago que se pode atribuir à qualificação” (1999, p. 186). Tais propriedades são a graduação e a intensificação. Como exemplos da primeira, há adjetivos precedidos de *mais* (*mais bonitas, mais modernas, mais pimponas*); para a intensificação, Neves fornece exemplos como *muito grave, extremamente religiosa, bem baixo e extraordinariamente vivo e alegre*. A autora ressalta que são os sufixos que caracterizam os adjetivos qualificadores, sugerindo ideia de abundância de qualidade, como *-oso, -udo e -ucha* (*gostoso, barriguda, bochechuda, gorducha*, por exemplo). A menção ao superlativo aparece, apenas, no seguinte trecho: “são, em princípio, **qualificadores** os **adjetivos** que admitem **sufixo superlativo**, ou **sufixo diminutivo** com valor de intensificação” (p. 188, grifo original). Alguns dos exemplos citados por Neves são *fraquíssimo, valiosíssimo, limpinha, pequenininho*. A autora adverte,

porém, que o diminutivo não atua como intensificador quando aplicado a adjetivos classificadores¹⁸. O Quadro 2 resume a superlatividade para Neves.

Quadro 2 - A superlatividade para Neves (1999)

SUPERLATIVIDADE (NEVES, 1999)	
Graduação	Intensificação
(a) Uso de <i>mais</i> antes do adjetivo: <i>mais bonitas, mais modernas.</i> (b) Uso dos sufixos: <i>-oso, -uda e -ucha: gostoso, barriguda, gorducha.</i>	(a) Uso de advérbios antes do adjetivo: <i>muito grave, meio sufocado, extremamente religiosa.</i> (b) Uso de prefixos intensificadores: <i>hipervazio, super-simplificadas, hiper-realista.</i> (c) Uso de sufixo superlativo: <i>fraquíssimo, valiosíssimo.</i> (d) Uso de sufixo diminutivo (não se aplica a adjetivos classificadores): <i>limpinha, pequenininho.</i>

Fonte: Elaborado pela autora.

A partir da revisão de três gramáticas da Língua Portuguesa, podemos perceber que, mesmo que incluam expressões da linguagem coloquial, elas não conseguem abarcar a ampla variedade de construções superlativas que vem sendo levantada em dissertações e teses sobre a superlatividade. Parte dessa escassez nossa tarefa investigativa, que integra um conjunto de estudos empreendidos com o mesmo objetivo, o de desvelar nódulos da rede de construções superlativas do Português Brasileiro.

Na próxima seção, apresentamos os estudos realizados sobre superlatividade, que mostram o estado da arte até a redação desta dissertação, estudos esses basilares para nossa tarefa investigativa, os quais nos permitiram escolher as expressões que contemplamos neste trabalho.

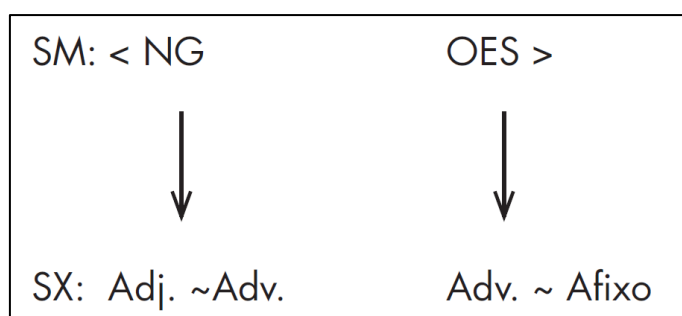
¹⁸ Para Neves, adjetivos classificadores ou classificatórios são aqueles que “colocam o **substantivo** que acompanham em uma subclasse, trazendo em si uma indicação objetiva sobre essa subclasse. Eles constituem, pois, uma verdadeira denominação para a subclasse, e, portanto, são **denominativos**, e não **predicativos**, possuindo um caráter não-vago” (NEVES, 1999, p. 186, grifos originais).

3.2 SUPERLATIVIDADE PELA GRAMÁTICA DAS CONSTRUÇÕES

A partir de vários estudos, a rede de construções superlativas do Português Brasileiro vem sendo construída. Revisamos, assim, a seguir, o estado da arte até a elaboração desta dissertação.

Partimos da matriz da Construção Générica da Superlatividade, proposta por Machado (2011), cujo intuito é evidenciar um padrão existente em Português para tratar da superlatividade. A Figura 1 mostra a formalização da Construção Superlativa Générica.

Figura 1 - Formalização da Construção Superlativa Générica



Fonte: Machado (2011, p. 75).

Conforme podemos ver na Figura 1, uma Construção Superlativa Générica possui em sua semântica (SM) um Núcleo Graduável (NG), que pode ser um adjetivo (ADJ) ou advérbio (ADV) no nível sintático (SX), e um Operador de Escala Superlativa (OES), que é representado, sintaticamente, por um advérbio ou por um afixo. Tal matriz générica considera o superlativo sintético, que dispõe de recurso morfológico (os sufixos), e o superlativo analítico, realizado por meio de estratégia lexical, como o uso tradicional de advérbios de intensidade, até a repetição do adjetivo para intensificar, conforme vimos na seção 3.1, sobre a abordagem da superlatividade nas gramáticas de Língua Portuguesa. Machado menciona que o Português dispõe de outras formas de expressão para a superlatividade, menos gramaticalizadas e com carácter metafórico¹⁹ e que se estendem a outras classes gramaticais como escopo. A partir dessa matriz générica, apresentamos alguns estudos sobre superlatividade em termos de Gramática das Construções.

Uma das primeiras propostas de construção superlativa foi elaborada por Sampaio (2007), que teve como objetivo geral tratar do **uso metafórico do léxico da MORTE**²⁰ no Português Brasileiro. Tendo encontrado dois grupos de construções com o léxico da morte –

¹⁹ Machado menciona o estudo de Albergaria (2008), o qual consta nesta seção de revisão do estado da arte.

²⁰ Categorias e conceitos são referidos em versalete na Linguística Cognitiva.

(1) EF [protagonista Ser] e (2) EF [protagonista Entidade]²¹, a partir da submissão dos dados obtidos para o *frame* de MORTE descrito pelo FrameNet²², a autora tem dois problemas de pesquisa: “(i) Se uma língua é uma rede de construções [...], quais as construções predominantes em cada um dos dois grupos? (ii) Se uma construção é um pareamento de forma/sentido, quais os sentidos mais recorrentes das construções com Protagonista SER? E das construções com Protagonista ENTIDADE?” (p. 69).

Sampaio constituiu o *corpus* específico a partir de buscas nas páginas da internet de revistas da Editora Abril²³, escolha que se deu pela existência de uma versão *on-line*, que facilitou as buscas através dos exemplos que a página fornecia, com os termos de busca em negrito e inseridos em um contexto satisfatório para possibilitar a compreensão.

A partir do Princípio da Invariância, segundo o qual “os mapeamentos metafóricos preservam a topologia cognitiva do domínio fonte, de um modo consistente com a estrutura inerente do domínio alvo”²⁴ (p. 64), Sampaio tomou a MORTE como domínio-fonte,

²¹ EF se refere ao elemento do *frame*, ou *frame element*, em inglês. Protagonista Ser se refere a Protagonistas humanos, enquanto Protagonista Entidade, a Protagonistas não humanos. Sampaio explica que os exemplos da Construção Superlativa Nominal por ela encontrados no *corpus* são predominantemente de Protagonista SER, e aqueles com protagonista Entidade se dão por uma metonímia, genericamente de ENTIDADE PELO SER, como em “As empresas **morrem de medo**”. A autora afirma ter encontrado apenas quatro exemplos com protagonista Entidade (2007, p. 80). Para Fillmore, *frame* é “qualquer sistema de conceitos relacionados de tal modo que para entender qualquer um deles você tem que entender a estrutura integral na qual ele se encaixa” (1982, p. 111) [Do original: “[...] any system of concepts related in such a way that to understand any one of them you have to understand the whole structure in which it fits”]. Fillmore (1982, 1985) define *frames* como esquemas estruturados para a modelagem conceptual do mundo, que representam situações, eventos e ações complexas, a partir de uma experiência socioculturalmente situada. Nessa abordagem, papéis semânticos (ou temáticos em certos modelos) descrevem, de uma forma genérica, os componentes conceptuais numa situação, independentemente de sua realização gramatical a partir de certas construções. Algumas categorias de papéis semânticos seriam, por exemplo: ENTIDADE, PROPRIEDADE, RELAÇÃO, PROCESSO, ESTADO, EVENTO/CURSO DE EVENTOS. Em tais categorias, enquadram-se papéis semânticos, tais como: AGENTE, EXPERIENCIADOR PACIENTE, BENEFICIÁRIO, INSTRUMENTO, TEMA, CAUSA, entre outros.

²² Ver <<http://framenet.icsi.berkeley.edu/>>: projeto lexicográfico computacional, coordenado por Charles J. Fillmore e Collin F. Baker, da Universidade de Berkeley, na Califórnia, cujo objetivo é identificar e descrever *frames* semânticos.

²³ As revistas pesquisadas por Sampaio foram: *Ana Maria*, *Boa Forma*, *Bons Fluidos*, *Capricho*, *Claudia*, *Contigo!*, *Elle*, *Estilo*, *Exame*, *Info*, *Manequim*, *Minha Novela*, *Nova Escola*, *Nova*, *Quatro Rodas*, *Recreio*, *Saúde!*, *Sou + eu!*, *Tititi*, *Vida Simples*, *Viva Mais!*, das quais oito (*Ana Maria*, *Estilo*, *Manequim*, *Minha Novela*, *Recreio*, *Saúde*, *Sou + eu!* e *Tititi*) foram excluídas por apresentarem um número pouco significativo de dados (10, ao todo).

²⁴ Segundo Evans (2007), “[h]á dois tipos de restrições que o Princípio da Invariância captura. Primeiramente, ele estipula que tipos de domínios-fonte podem servir para determinados domínios-alvo para uma **metáfora** conceptual particular. Em segundo lugar, ele estipula as restrições nos **vínculos metafóricos** que podem ser aplicadas a domínios-alvo particulares. O Princípio da Invariância faz isso estipulando que em um mapeamento metafórico cross-domain, a topologia cognitiva (a **estrutura conceptual**) associada com o **domínio-fonte** é preservada, ou permanece invariável, na operação do mapeamento.” (p. 117, grifos originais) [Do original: “There are two sorts of constraints that the Invariance Principle captures. Firstly, it stipulates which sorts of source domains can serve particular target domains for a particular conceptual **metaphor**. Secondly, it stipulates the constraints on **metaphorical entailments** that can apply to particular target domains. The Invariance Principle does this by stipulating that in a metaphoric cross-domain mapping, the cognitive topology (the **conceptual structure**) associated with the **source domain** is preserved, or remains invariant, in the mapping operation.”]. Ver Lakoff (2012) para Hipótese da Invariância, texto traduzido do inglês *The invariance hypothesis: Is abstract reason based on image schemas?* (1990), com revisão técnica de tradução da orientadora desta dissertação).

considerando as projeções de padrões referenciais e lexicais por ela implicados²⁵. Assim, há o elemento central do *frame* (EF), o EF [protagonista], noção que norteou a divisão e organização dos dados do *corpus* em dois grandes grupos: (1) EF [protagonista Ser]; (2) EF [protagonista Entidade], o que resultou em 311 ocorrências (46%) para o primeiro e 360 (54%) para o segundo, de um total de 671 ocorrências.

Sampaio apresentou como um dos resultados a alta frequência de uma construção específica, instituída pelo EF [causa] do *frame* de MORTE, como em:

- a) “Acho o cúmulo da folga e **morro de raiva**”;
- b) “Eu entrei, me puseram uma modelinho na garupa, que **morreu de medo**”;
- c) “Vai dizer que nunca se lembrou do famoso saco vazio não pára em pé depois de **morrer de dor** de estômago por ter ficado horas sem comer?”.

Esses casos são instâncias da Construção X MORRER DE Y (sendo Y uma causa), que corresponde à quase totalidade das ocorrências do grupo Protagonista SER. A autora verificou que nesse grupo Protagonista Ser há alta frequência (92%) de três construções, as quais acredita que façam parte da mesma rede com o EF [causa]: MORRER DE + SN (82%), MORRER DE + SV (8%) e MORTA/O DE + SN (3%). Sampaio apresenta a formalização básica para a Construção Superlativa com o léxico de MORTE, conforme Figura 2.

Figura 2 - Formalização da Construção Superlativa Nominal e da Construção Superlativa Verbal

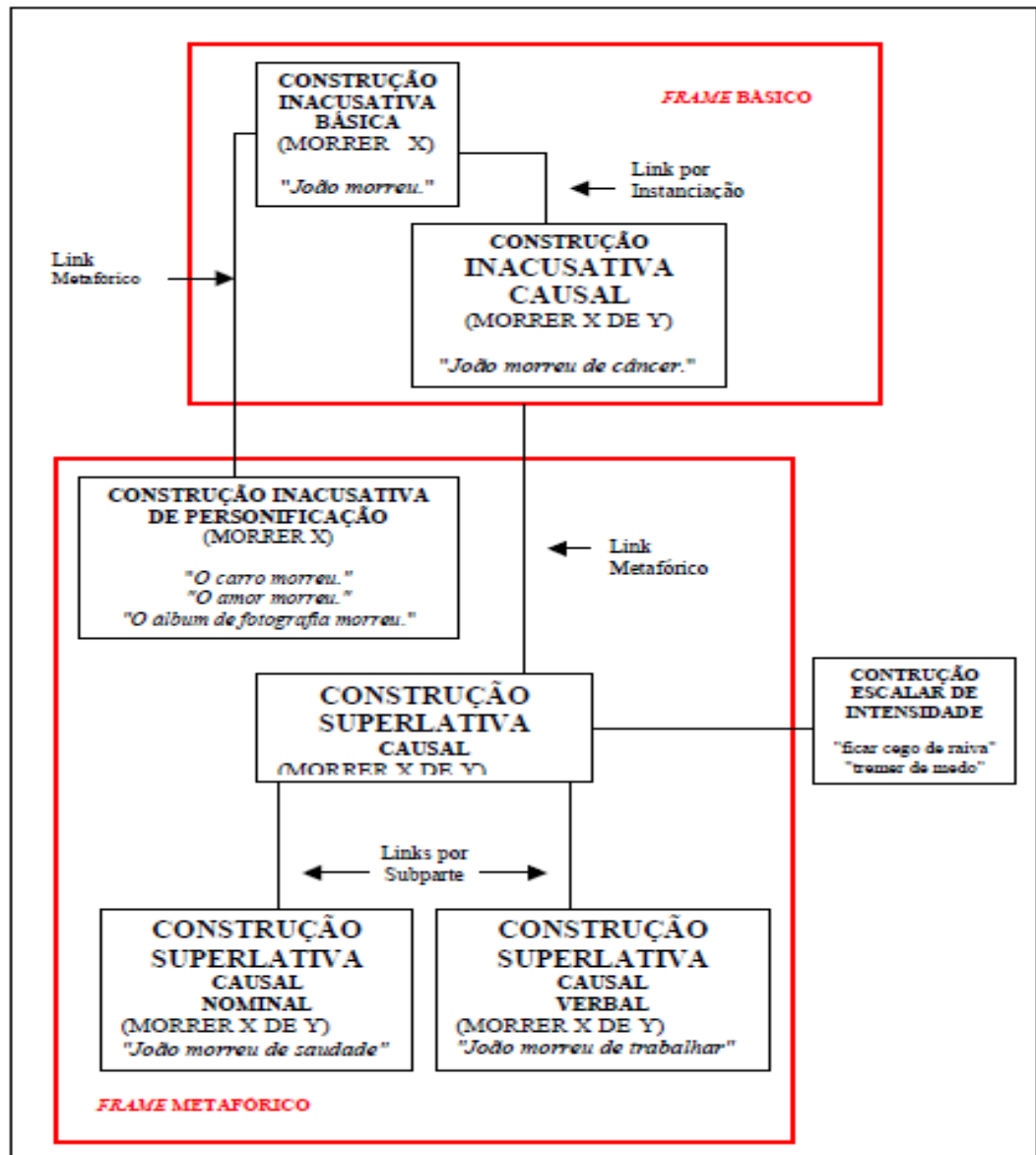
Construção Superlativa Nominal – CSN X MORRER DE Y				Construção Superlativa Verbal – CSV X MORRER DE Y			
Sem.	EF[protagonista] humano	efeito máximo	EF[causa]	Sem.	EF [protagonista] humano	efeito máximo	EF [causa]
Sint.	SN	V	SPrep [de SN]	Sint.	SN	AUX.	de SV
Léx.	João	morrer	de medo	Léx.	João	morrer	de estudar

Fonte: Sampaio (2007, p. 74).

A autora também apresenta as relações de herança que motivam as Construções Superlativas Nominais e Verbais, conforme ilustra a Figura 3.

²⁵ O domínio conceptual fonte é o domínio a partir do qual se projetam mapeamentos para o entendimento/construção do domínio conceptual alvo. No caso, MORTE é o domínio-fonte a partir do qual são mapeadas metáforas que constituem o domínio-alvo, no caso, SUCUMBIR À RAIVA/MEDO.

Figura 3 - A Rede das Construções com Léxico da Morte no Português Brasileiro



Fonte: Sampaio (2007, p. 104).

Há, ainda, a construção *lindo de morrer*, que, segundo Sampaio, parece remeter à gradação escalar, mas, por ser um tipo diferente de construção daquelas analisadas na dissertação, foi deixada em anexo em seu estudo.

Miranda (2008), a partir das **Construções Concessivas Hiperbólicas**, com prótases²⁶ inteiramente preenchidas por itens lexicais específicos – “*Não vou nem que chova canivete! a vaca tussa! a galinha nasça dente!*”, almejou desvelar os padrões abstratos regulares a que tais construções se vinculam por relações de herança e motivação. A autora teve como objetivo verificar a hipótese de que as **Construções Concessivas de Polaridade Negativa** se

²⁶ Próteses são as orações que exprimem condição em uma construção condicional (tradicionalmente a subordinada) (NEVES, 1999, p. 832).

constituem como um padrão construcional específico dentro da rede de construções concessivas do Português Brasileiro.

Tendo a Linguística de *Corpus* como metodologia, constituiu-se um *corpus* com ocorrências do Português Brasileiro, obtidas através de métodos de busca *on-line*, de *blogs*, revistas em versão *on-line* da Editora Abril²⁷, *corpus* Folha de São Paulo *Gold*, *corpora* NILC (Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional) e acórdãos, disponibilizados *on-line* no site do Tribunal de Justiça de Minas Gerais²⁸, totalizando 300 ocorrências com o conectivo concessivo *nem que*.

A partir do NILC, pôde-se ter contato com outros 20 *corpora* do Português Brasileiro e de Portugal. Desses, foram utilizados apenas dois (ECI-EBR e Chave), além do próprio NILC, dos quais Miranda compilou um *corpus* específico com ocorrências de construções concessivas introduzidas pelo conectivo *nem que*, com 52 dados e 1.106 palavras. O *corpus* sobre o qual a autora se debruçou para a análise conta 300 ocorrências, que totalizam 12.931 palavras.

Foi utilizada a ferramenta *Concord* do programa *WordSmith Tools*, versão 4, que permite visualizar a palavra de busca (*search word*) no contexto em que ocorre, além de ressaltar outra palavra além da *search word*, escolha que se deu pelo auxílio que essa ferramenta computacional presta quanto à detecção de possíveis regularidades nas construções.

A partir da análise dos dados, Miranda verificou a baixa ocorrência com cláusulas nucleares negativas (65), contra a presença preponderante das construções com cláusulas principais afirmativas (230), constatando a existência de dois padrões distintos da Construção Concessiva de Polaridade Negativa:

- a) **P *nem que* Q** (*Type* Afirmativo), que indica condições mínimas – “*Recorra à aromaterapia para relaxar, **nem que** seja por 15 minutos*” (Revista Cláudia);
- b) **~P *nem que* Q** (*Type* Negativo), que seleciona condições máximas e hiperbólicas – “*o empresário não vai querer a estrada **nem que** o Estado implore*” (Revista Exame).

Miranda afirma que a permuta do *nem que* com outro conectivo concessivo resulta na perda da polaridade negativa por ele anunciada, o que evidencia o vigor enfático das concessivas com *nem que* e a convencionalização que tal construção já desfruta dentro da rede

²⁷ Miranda não menciona os nomes das revistas consultadas.

²⁸ A autora justifica a escolha de cada uma das fontes de pesquisa basicamente pela variedade de gêneros e diferentes níveis de formalidade.

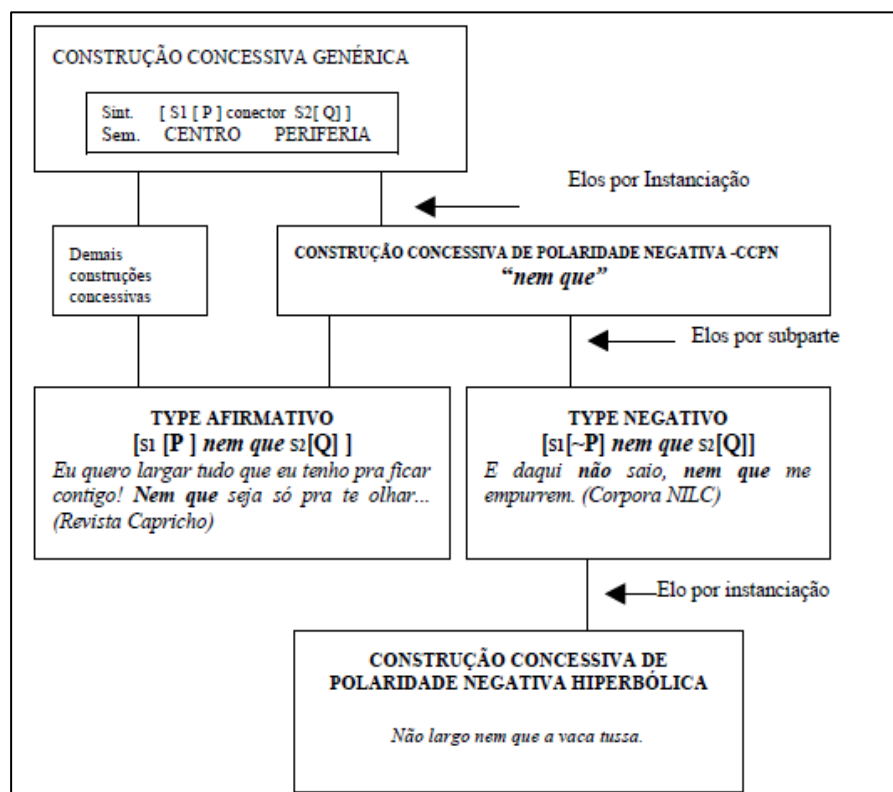
de concessivas. A autora exemplifica suas afirmações através de exemplos com o conectivo *embora*:

- a) “(-) *Eu não o apoiaria **nem que** ele fosse o último dos moicanos.*” (ele não é o último) (*Corpora NILC*) (p. 115);
- b) *“*Eu não o apoiaria **embora** ele fosse o último dos moicanos.*” (ele é o último)” (p. 115).

A autora explica que o sentido dos dois exemplos muda consideravelmente, e que o sentido hiperbólico transmitido por *nem que* não é expresso por *embora*.

Miranda conclui que as Construções Concessivas de Polaridade Negativa ocorrem, na maioria das vezes, em ambientes informais e dialógicos, estando praticamente ausentes em contextos formais, que são pouco propícios a manifestações de subjetividade e intersubjetividade. Conforme Figura 4, a autora apresenta a relação de herança entre as construções, a fim de explicar a motivação para a Construção Concessiva de Polaridade Negativa.

Figura 4 - Rede das Construções Concessivas de Polaridade Negativa



Fonte: Miranda (2008, p. 125).

O que a Figura 4 evidencia são os elos de herança da rede construcional de Construções Superlativas Concessivas, em que há uma relação de instanciação, na qual a

Construção Concessiva de Polaridade Negativa é uma instância da Construção Concessiva Genérica, esta última a construção-mãe. O elo por subparte se dá na divisão da Construção Concessiva de Polaridade Negativa em dois *types*, o afirmativo (S1 [P] *nem que* S2 [Q]) e o negativo (S1 [~P] *nem que* S2 [Q]), os quais originam, por meio de um elo de instanciação, a Construção Concessiva de Polaridade Negativa Hiperbólica.

Em outro estudo, embora não se situe no âmbito da gramática das construções, Albergaria (2008) buscou descrever a **dimensão semântico-pragmática e formal da rede lexical de *frame animal***, bem como desvelar a motivação conceptual – esquemas imagéticos²⁹ e processos metafóricos e metonímicos – dessa rede, a fim de compreender os possíveis elos cognitivos que a instituem. A autora destaca dois esquemas imagéticos de maior interesse para seu trabalho: o esquema de FORÇA, motivado pela experiência corporal, e o de ESCALA, que oferece uma dimensão de graduação no domínio e um ponto zero. É o enfoque nessa dimensão de graduação escalar que nos faz inserir este estudo no conjunto desta revisão teórica focada na superlatividade/intensificação. Como podemos ver em alguns exemplos fornecidos por Albergaria, os Operadores Semânticos de Escala atuam claramente como intensificadores de diferentes atributos, tais como força física (“O seu irmão parece um **cavalo**”), dimensão física (“Nem fazendo dieta ela deixa de ser **baleia**”), sujeira (“É uma maneira **porca** de se safar do problema”) e covardia (“O nosso prefeito é um rato”).

Tendo como base a Linguística de *Corpus*, a busca começou por *corpora* tratados, sete no total, a saber, Banco de Português, *Corpus* do Português Brasileiro Contemporâneo, NURC, VARPORT, GOLD/FOLHA, NILC - CONDIVPT V1.0 e CETENFolha (VISL)³⁰, dos quais apenas o último apresentou quantidade significativa de ocorrências. Albergaria menciona que a possível causa para a improdutividade desses *corpora* tratados seja os gêneros textuais veiculados, mais formais, tanto na modalidade escrita, textos acadêmicos e cartas comerciais, por exemplo, quanto na modalidade falada, composta por aulas expositivas e entrevistas.

Impossibilitado o uso exclusivo dos *corpora* tratados, o *corpus* específico foi obtido através de pesquisa na internet. Albergaria explica que buscou as palavras-chave *animal*, *bicho*, *fera*, *monstro* e *gigante* no site de revistas da Editora Abril (ABRIL.COM), no CETENFolha/Folha de São Paulo, no G1 – Portal de Notícias da Globo.com, em *blogs* e comunidades de relacionamento do *Orkut*. Então, coletou os dados manualmente, a partir da

²⁹ Esquemas imagéticos são modelos cognitivos que têm natureza corporal-cinestésica, os quais impõem uma estrutura à experiência de espaço e são projetados para domínios conceituais abstratos através de metáfora e metonímia. Exemplos de esquemas imagéticos são: CONTAINER (RECIPIENTE), PARTE-TODO, LIGAÇÃO, CENTRO-PERIFERIA, ORIGEM-PERCURSO-META, PARA CIMA-PARA BAIXO (LAKOFF; JOHNSON, 1980).

³⁰ Disponíveis, respectivamente, em: <<http://lael.pucsp.br/corpora/>>, <www.clul.ul.pt/projectocrpc.html>, <www.letras.ufrj.br/nurc-rj/>, <www.letras.ufrj.br/varport/>, <acdc.linguateca.pt/acesso/NILC> e <<http://www.linguateca.pt/CETEM>>.

seleção da ocorrência (metafórica) em fragmentos ou textos na íntegra, utilizando os recursos COPIAR (Ctrl+C) e COLAR (Ctrl+V), conversão do texto para o formato .txt e nomeação de cada arquivo. Foram 190.872 *tokens* distribuídos em 3.115 ocorrências³¹. Para o processamento do *corpus*, foi utilizada apenas a ferramenta *Concord*, que permite analisar a composição lexical.

Como resultados, a autora constatou que a frequência dos *types* e *tokens* é maior no *corpus* da Abril.com e no G1, contextos relativamente formais, o que evidencia a presença do uso metafórico dos lexemas pesquisados. Alguns exemplos apresentados são:

- a) “[...] reúne **feras** do jazz em SP”;
- b) “Adobe compra Macromedia e cria **gigante** do software”;
- c) “A minha aula foi legal, E meu dia foi **animal!!!!**”;
- d) “Treino **Monstro**./ Treino muito pesado”.

Albergaria afirma estar em curso um processo de expansão lexical de *animal*, *fera*, *bicho*, *monstro*, *gigante*, integrantes do nóculo da rede metafórica do *frame* animal, que passam a atuar como Operadores Semânticos de Escala, compondo uma rede polissêmica.

Já Costa (2010) teve como objetivo de sua dissertação analisar o padrão formal e semântico-pragmático da **Construção Superlativa de Expressão Corporal**, através de uma abordagem sociocognitiva e construcionista, a partir de três bancos de dados de linguagem: *Corpus* do Português, *Corpora* do Projeto VISL (*Visual Interactive Syntax Learning*) e portal Abril.com³².

O problema de pesquisa residiu em mostrar como a Construção Superlativa de Expressão Corporal se estrutura e de que modo contribui para a grande rede das construções superlativas, além de situá-la como uma construção em processo de gramaticalização.

Como método, usou a Linguística de *Corpus* e tomou como ponto de partida os resultados de Sampaio (2007), para os quais *rir* foi o elemento mais frequente no padrão X DE Y. Inicialmente, Costa investigou três bancos de dados: o *Corpus* do Português, composto por quarenta e cinco milhões de palavras, distribuídas em textos que perpassam os séculos XIV-XX, os *corpora* do Projeto VISL, com 360 milhões de palavras, e portal Abril.com, com quantidade não disponível. Após deparar-se com a impossibilidade de busca por todas as

³¹ Albergaria explica que os *tokens* correspondem à frequência de um determinado *type*, sendo que este último corresponde a uma determinada forma de expressão. Por exemplo, para o *type* *bicho de sete cabeças*, há 53 *tokens*, ou seja, a expressão *bicho de sete cabeças* aparece 53 vezes na busca nos *corpora*.

³² Disponíveis em, respectivamente: <<http://www.corpusdoportugues.org/>>, <<http://visl.sdu.dk/visl/pt/>> e <<http://www.abril.com.br>>.

flexões dos verbos encontrados no portal Abril.com, Costa optou por trabalhar apenas com o *Corpus* do Português.

Para a análise, o autor usou 27 *types* verbais retirados do *Corpus* do Português, em um total de 365 ocorrências, tais como: *morrer de Y*, onde Y é, no caso analisado, o verbo *rir*, com 14 ocorrências. Pode-se ainda citar como exemplos *acabar (-se) de rir*, *chorar de rir* e *borrar (-se) de rir*, com 9, 3 e 1 ocorrências, respectivamente.

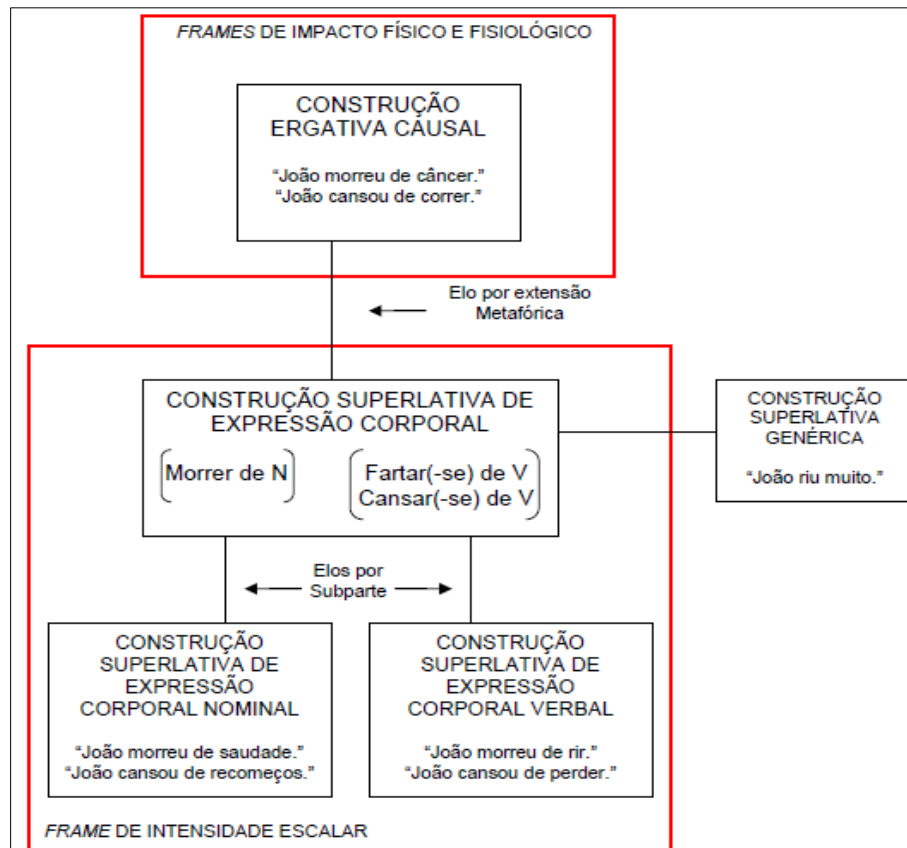
Nas análises, Costa constatou que a estrutura padrão da Construção Superlativa de Expressão Corporal é [Xv de Y(N/V)], em que X é representado por um verbo, que suscita um *frame* de impacto/dano físico e funciona como auxiliar modal, e Y é um nome ou um outro verbo. Além disso, a frequência da ocorrência da construção comprova sua convencionalização. Segundo Costa, a Construção Superlativa de Expressão Corporal é mais forte do que o superlativo da gramática tradicional, que possui aspectos formais e semânticos cristalizados, o que diminui sua força na enunciação. O mesmo fenômeno pode ocorrer com Construções Superlativas de Expressão Corporal, ao passo que se tornam muito frequentes e têm seu uso desmedido. Costa ainda reforça o papel central da metáfora na construção da gramática das línguas, explicando que, sob o argumento cognitivista,

[...] a metáfora é muito mais do que um simples adorno retórico [...], perpassa por categorias organizacionais fundamentais à cognição humana: conceptualização (em nível linguístico e mental) de noções primárias e complexas; léxico (expandindo o sentido das palavras e, conseqüentemente, aumentando e renovando repertório vocabular das línguas); e gramática (dentre outras coisas, ampliando a atuação de uma construção a novos contextos e graus de subjetificação). (COSTA, 2010, p. 120).

Os resultados das análises permitiram corroborar a hipótese de que as Construções Superlativas de Expressão Corporal fazem parte de um elo independente da rede de construções superlativas, com forma, sentido e uso próprios, e que estão em processo de gramaticalização. Costa apresenta a Rede de Construções na qual se encaixa a Construção Superlativa de Expressão Corporal, a qual ele chama de rede de herança parcial, conforme Figura 5³³.

³³ Note-se que “João morreu de câncer” é uma Construção Ergativa Causal para Costa (2010) e Inacusativa Causal para Sampaio (2007). Embora sejam sinônimos, os autores utilizaram nomenclatura diferente.

Figura 5 - Rede de herança parcial da Construção Superlativa de Expressão Corporal



Fonte: Costa (2010, p. 119).

A Figura 5 mostra a Construção Ergativa Causal, que suscita um impacto físico ou fisiológico, e, via extensão metafórica, expressa intensificação no grau de ideias expressas por nomes e por verbos, dando origem à Construção Superlativa de Expressão Corporal, a qual se subdivide, via elos por subparte, em Construção Superlativa de Expressão Corporal Nominal e Construção Superlativa de Expressão Corporal Verbal. Observa-se que a Construção Superlativa Genérica proposta por Costa (2010), exemplificada com “João riu muito”, difere da proposta por Machado (2011), conforme Figura 1, considerando que o Núcleo Graduável é um verbo, não contemplado na matriz construcional de Machado.

Santos (2012), por sua vez, objetivou demonstrar que a comparação é inerente à linguagem e a muitas operações e experiências corpóreas sensoriais e cognitivas, relacionando a comparação à metáfora, à metonímia e à metaftonímia³⁴ em relações de correspondência interdominiais, além de sinalizar as várias possibilidades de especificação dos estudos devido

³⁴ Metaftonímia é a denominação para o *continuum* metáfora-metonímia ou metonímia-metáfora, dada a interação entre tais processos cognitivos. Segundo Evans (2007), é “[o] fenômeno, estudado por *Louis Grossens*, no qual metáfora e metonímia interagem [...] **metáfora a partir da metonímia** e **metonímia dentro da metáfora**.” (2007, p. 140-141, grifos originais) [Do original: “The phenomenon, studied by *Louis Grossens*, in which metaphor and metonymy interact [...] **metaphor from metonymy** and **metonymy within metaphor**.”].

à alta complexidade do fenômeno linguístico em questão, através da descrição e análise das **Construções Comparativas Superlativas Disfêmicas**.

O *corpus* selecionado para a pesquisa foi obtido por meio de audiência de programas radiofônicos e televisivos, além de pesquisas em *sites*, o que demonstrou a frequência de uso não só na linguagem cotidiana, mas também nas mídias em geral. Santos ressaltar ter encontrado construções presentes na fala da comunidade gaúcha, especialmente utilizadas em áreas próximas às fronteiras, tais como:

- a) “*Mais atirado que capataz de estância grande*”;
- b) “*Mais apertado que bombacha de fresco*”;
- c) “*Mais gasto que fundilho de tropeiro*”;
- d) “*Mais apagado que fogão de tapera*”.

Foram encontradas 132 instanciações da Construção Comparativa Superlativa Disfêmica, com dois tipos de configuração sintática. Para a construção 1 [Verbo + mais que + SN], observaram-se 18 instanciações, entre elas:

- a) “*Corre mais que notícia ruim*”;
- b) “*Rolando mais que pau de enchente*”;
- c) “*Chorou mais que tampa de marmita*”;
- d) “*Suou mais que tampa de marmita*”.

A construção 2 se configura sintaticamente como [Mais + Qualificador + que + SN], sendo encabeçada pelo intensificador comparante *mais*. Santos coletou 76 ocorrências de sintagmas adjetivais que representam qualidade, tais como:

- a) “*Mais sujo que pau de galinheiro*”;
- b) “*Mais grosso que papel de enrolar prego*”;
- c) “*Mais gelado que focinho de cachorro*”;
- d) “*Mais por fora que cotovelo de caminhoneiro*”;
- e) “*Mais difícil que nadar de poncho*”.

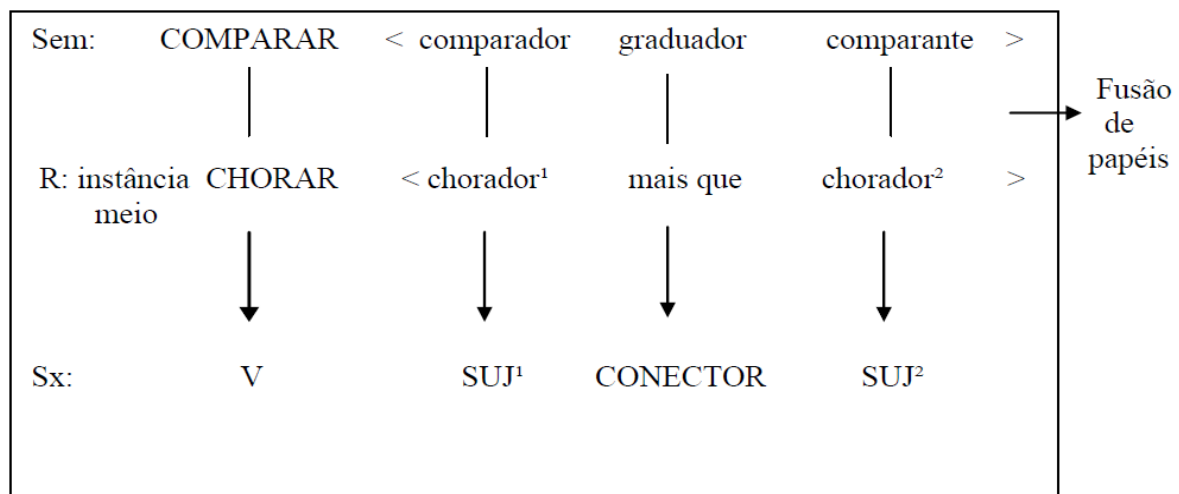
Há, ainda, uma variação da construção 2, [S.Adj + Mais + que + SN], como em:

- a) “*e não olham pro próprio RABO sujo mais que pau de galinheiro*”;
- b) “*Legislativo perdido mais que ‘cego em tiroteio’*”;

c) “um time quebrado mais que arroz de terceira”.

Santos enfatiza que, por mais que se assemelhem a ditos populares, as Construções Comparativas Superlativas Disfêmicas não têm objetivo moralizante, e sim de ridicularização de uma ideia. O autor apresenta a formalização da construção *chorar mais que bebê*, conforme Figura 6.

Figura 6 - Formalização da construção *chorar mais que bebê*



Fonte: Santos (2012, s. p.).

Dizer que alguém (chorador¹) chorou mais que bebê (chorador²) evidencia que essa pessoa chorou com grande intensidade, uma vez que a natureza de um bebê é ser chorão. Santos também apresenta a formalização da construção *apanhar mais que pandeiro de forró*, que se assemelha, em termos de constituintes, à construção *chorar mais que bebê*.

Pires (2013), tendo denominado a construção objeto de seu estudo de **Construção Hiperbólica por Símile**, buscou em sua tese descobrir quais recursos formais e semântico-pragmáticos são capazes de desenhar a riqueza expressiva dessa construção, após perceber que ela ocupava lugar considerável no discurso. A Construção Hiperbólica por Símile considerada por Pires abarca construções com *que nem* e *é*, conforme ele explica, uma construção essencialmente hiperbólica estruturada por analogia.

Servindo-se da Linguística de *Corpus*, Pires extraiu seu *corpus* específico do *Corpus* do Português (do séc. XIV ao XX) e do *Corpus* Legenda de Filmes (séc. XXI)³⁵, dos quais obteve 5.201 fragmentos contendo *que nem* (2.955 no *Corpus* do Português e 2.246 no *Corpus* Legenda de Filmes). Porém, as ocorrências do *que nem* apareceram em vários contextos sintáticos, diferentes daqueles desejados por Pires para seu estudo. Assim, o autor

³⁵ Disponíveis, respectivamente, em: <<http://corpusdoportugues.org>> e <<http://www.framenetbr.ujfj.br/>>.

teve que identificar apenas as instâncias comparativas do *que nem*, relacionando aquelas representativas da Construção Hiperbólica por Símile, tarefa que teve que ser realizada sem o auxílio de um computador.

A partir da busca manual, Pires identificou 499 instâncias construcionais (*tokens*) que evidenciam a Construção Hiperbólica por Símile, e pôde dividi-las em três subpadrões, com diferentes escopos:

- a) o subpadrão 1, a **Construção Hiperbólica por Símile Adjetiva**, tem como escopo um adjetivo, como em *chato que nem carrapato*;
- b) o subpadrão 2, a **Construção Hiperbólica por Símile Adverbial**, tem como escopo um advérbio que nem sempre está declarado no enunciado, como se percebe no exemplo *passou que nem uma bala*;
- c) o subpadrão 3 – *fala que nem cachoeira* – tem como escopo um verbo, e constitui a **Construção Hiperbólica por Símile Verbal**.

Dos três subpadrões identificados por Pires, a Construção Hiperbólica por Símile Adjetiva foi aquela com mais *tokens*, ou frequência de ocorrência, (268oc./53,7%), sendo o membro mais convencionalizado e mais familiar da Construção Hiperbólica por Símile. A Construção Hiperbólica por Símile Adverbial teve 196 ocorrências (39,2%) e a Construção Hiperbólica por Símile Verbal apenas 35 (7,1%) das 499 ocorrências totais, revelando-se a menos profícua. Pires descreve a Construção Hiperbólica por Símile conforme Figura 7.

Figura 7 - Descrição do constructo licenciado pela Construção Hiperbólica por Símile

$\{SX [Escopo Signo_1]_{F1} [Qualificador_de_grau Signo_2]_{F2}\}_M$

Nome	<i>Construção Hiperbólica por Símile</i>
M	SX: F1 com valência ampliada por F2.
F1	SX (SAdj., SAdv. ou SV), como Escopo ou núcleo graduável (EF Variável).
F2	Qualificador_de_grau: extensão da valência de F1. Valor de Referência hiperbólico. Introduzido pelo EEC (<i>que nem</i>).
Interpretação	A Qualificação de Grau promovida por F2 estabelece um valor hiperbólico para F1. A CHS evoca o <i>frame</i> <u>Posição máxima em uma escala</u> .

Fonte: Pires (2013, p. 130).

Carrara (2010) insere na rede de construções superlativas as **Construções Superlativas Causais Nominais**, objetivando desvelar o sistema conceptual que subjaz ao uso metafórico e metonímico da rede de construções metafóricas que evocam um *frame* de Escala em seu grau superlativo, com valor mínimo ou máximo, e descrever o padrão formal e

semântico-pragmático que a institui. Seu problema de pesquisa questiona se as Construções Superlativas Causais Nominais se constituem como um padrão construcional específico dentro da rede de Construções Superlativas do Português.

A autora relata que a constituição do *corpus* específico se iniciou por sua intuição linguística dos *types* escolhidos para a investigação, os quais se mostraram produtivos na posterior busca nos *corpora*, a saber, o *Corpus* do Português, o *corpus* VISL - *Visual Interactive Syntax Learning* e as revistas de conteúdo *on-line* da Editora Abril³⁶. Os 37 *types*/tipos buscados pela autora foram os seguintes: *de abafar*, *de abalar*, *de alegrar*, *de amargar*, *de arder*, *de atropelar*, *de cansar*, *de chorar*, *de detonar*, *de enjoar*, *de foder*, *de humilhar*, *de incendiar*, *de ofuscar*, *de viver*, *de tirar o chapéu*, *de comer rezando*, *de parar o trânsito*, *de perder o ar*, *de cortar os pulsos*, *de estourar a boca do balão*, ***de arrepiar***, ***de matar***, ***de enlouquecer***, ***de doer***, ***de arrasar***, ***de assustar***, ***de arrebat***, ***de morrer***, ***de lascar***, ***de apavorar***, ***de tirar o fôlego***, ***de arrebentar***, ***de abalar as estruturas***, ***de fechar o comércio***, ***de vomitar*** e ***de tremer***, das quais apenas os últimos 16 (destacados em itálico e negrito) foram encontrados no *Corpus* do Português, com um total de 59 ocorrências da Construção Superlativa Causal Nominal; os 8 sublinhados apareceram no VISL/Português, com um total de 140 ocorrências; e todos eles apresentaram resultados no *site* da Editora Abril, totalizando 1261 ocorrências. O *site* da Editora Abril, embora não seja um *corpus* tratado, conforme explica Carrara, veicula textos de gêneros bastante variados, enquanto os outros dois *corpora* contêm textos mais formais. Usando da Linguística de *Corpus*, a autora constituiu seu *corpus* específico e obteve 1.390 ocorrências e 37 tipos licenciados da Construção Superlativa Causal Nominal.

A proposta analítica de Carrara busca investigar, sob a perspectiva da Linguística Cognitiva, as multidimensões da Construção Superlativa Causal Nominal, no que tange à sua motivação conceptual – esquemas imagéticos e processos metafóricos e metonímicos – e à sua arquitetura formal e semântico-pragmática.

A autora evidenciou que, quanto ao aspecto semântico, a Construção Superlativa Causal Nominal tem valor simbólico de demarcar o grau superlativo de um Atributo através de impactos físico, orgânico ou emocional, os quais se manifestam negativamente sobre o Afetado e são metaforicamente expressos por verbos que se agrupam em *frames* de Causa (Causar Impacto Físico, Causar Impacto Orgânico e Causar Impacto Emocional). Alguns exemplos das construções registradas por Carrara (2010, p. 71-72) são:

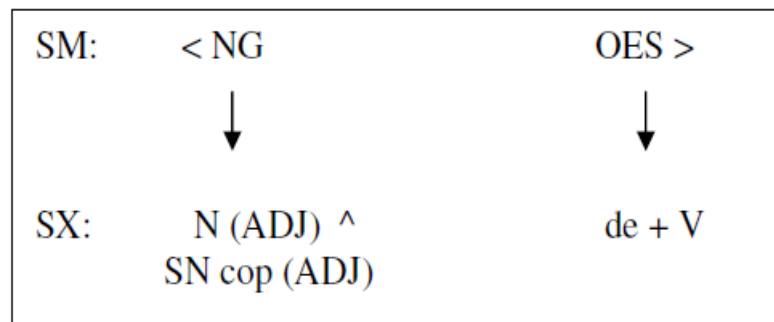
a) *de amargar*: “uma perda **de amargar**”;

³⁶ Disponíveis em, respectivamente: <<http://www.corpusdoportugues.org/x.asp>>, <<http://visl.sdu.dk/visl/pt/>> e <www.abril.com>.

- b) *de abafar*: “Cabelo bem cuidado, corpo **de abafar** e lindamente bronzeado...”;
- c) *de doer*: “não se fazem duas aventuras daquelas, e a minha foi **de doer**”;
- d) *de enlouquecer*: “Não tem borda infinita nem está diante de um panorama de enlouquecer”;
- e) *de humilhar*: “Foi **de humilhar!**”;
- f) *de matar*: “A temperatura era **de matar**”;
- g) *de morrer*: “esses olhinhos castanhos liiiindos **de morrer!**”.

Considerando a dimensão conceptual da Construção Superlativa Causal Nominal, Carrara destacou os esquemas imagéticos (Escala, Força), metáforas primárias (CAUSA É FORÇA FÍSICA e INTENSIDADE É ESCALA) e metáfora complexa (VIVER É GUERREAR), o que ela chama de “motivadores do processo de significação da construção estudada.” (p. 7). A autora apresenta a formalização da Construção Superlativa Causal Nominal, conforme Figura 8.

Figura 8 - Formalização da Construção Superlativa Causal Nominal



Fonte: Carrara (2010, p. 93).

A Figura 8 explica a forma da Construção Superlativa Causal Nominal, na qual se tem um Núcleo Graduável (NG) e um Operador de Escala Superlativa (OES), expresso sintaticamente por formas verbais precedidas da preposição *de*; já na Sintaxe (SX), tem-se um núcleo ocupado por um adjetivo ou um sintagma nominal, por exemplo, *linda de morrer* e *uma frase de arrepiar*.

Já em sua tese de doutorado, Carrara (2015) propõe classificar o uso de prefixos como modificadores de grau, o que se aplica tanto a adjetivos e substantivos como a verbos, e também a alguns advérbios, de acordo com os exemplos por ela utilizados. A pesquisa de Carrara integra o macroprojeto Construções Superlativas Morfológicas do Português (MIRANDA, 2011), e estuda a **Construção Prefixal de Modificação de Grau**, um dos nódulos dessa rede de construções superlativas mórficas.

Carrara utilizou a Linguística de *Corpus*, sendo seu *corpus* específico constituído pelo *Corpus* do Português e os *corpora* pertencentes ao Projeto Floresta Sintática, além de *tokens* obtidos através do *Web Concordancer Beta*³⁷. Antes de constituir o *corpus*, a autora definiu os prefixos com os quais gostaria de trabalhar: *super-*, *ultra-*, *hiper-*, *mega-*, *arqui-*, *maxi-*, *macro-*, *mini-*, *micro-*.

Tendo escolhido os prefixos, o número de ocorrências, seguido dos prefixos mais frequentes, é o seguinte: 874 ocorrências através do *Web Concordancer Beta*, das quais 400 com *super-* e 102 com *maxi-*; 359 ocorrências no *Corpus* do Português, com 156 para *micro-* e 77 para *super-*; 588 ocorrências na Floresta Sintática, das quais 194 para *macro-*, 153 para *arqui-* e 119 para *super-*.

Então, chega-se à Construção Prefixal de Modificação de Grau, objetivo da tese, que se constitui, segundo Carrara, “de um elemento mórfico, via de regra, antepositivo, que expressa modificação de grau (*super-*, *ultra-*, *hiper-*, *mega-*, *arqui-*, *maxi-*, *macro-*, *mini-* e *micro-*) e que se combina com quatro distintas categorias: substantivos, adjetivos, advérbios e verbos” (2015, p. 118), conforme esquema de formalização apresentado na Figura 9.

Figura 9 - Descrição informal da Construção Prefixal de Modificação de Grau

{ Construção Prefixal de Modificação de Grau [_{Modificador de Grau} _{signo1}]_{F1} [_{Escopo} _{signo2}]_{F2} }_M

Nome	Construção Prefixal de Modificação de Grau
M	Unidade Mórfica Complexa X que combina as valências de F1 e F2
F1	Modificador de grau: prefixos de grau
F2	Escopo: Núcleo graduável sem modificação de grau (Sub., Adj., Adv. e Verbo)
Interpretação	Um Valor de Referência em uma escala superlativa é estabelecido para F2 pelo Modificador de Grau particular (F1)

Fonte: Carrara (2015, p. 132).

A Figura 9 representa a formalização mais genérica apresentada por Carrara (2015), que elaborou uma descrição informal para cada tipo de Construção Prefixal de Modificação de Grau proposta. A autora explica que a descrição é informal por não cumprir uma meta lexicográfica, daí a escolha da descrição “em prosa”, que, segundo ela, atende a seus propósitos analíticos de natureza morfológica. Primeiramente, Carrara apresenta a Construção

³⁷ Disponíveis em, respectivamente: <www.corpusdoportugues.org/x.asp> , <www.linguateca.pt/floresta/principal.html> e <<http://webascorpus.org/searchwac.html>>.

Mórfica de Modificação de Grau, a partir da qual surge a Construção Prefixal de Modificação de Grau, considerada, pela autora, como um subpadrão do primeiro construto.

Alguns exemplos encontrados pela autora são *maxi brinco*, *super legal*, *megalonge*, *hiper amei*. A partir dos exemplos, Carrara explica os objetivos de seu estudo, os quais:

1. Postular a existência de um padrão construcional mórfico que recubra, de modo holístico, tais formações; 2. Propor uma análise dos polos semântico e formal deste padrão construcional, bem como das dimensões discursivas envolvidas em seu uso sincrônico; 3. Sustentar, empiricamente, articulações teóricas entre Morfologia Derivacional e Gramática das Construções implicadas nesta construção. (p. 118-119).

Para alcançar tais objetivos, a autora postula duas teses: (a) morfemas são construções; (b) os elementos mórficos antepositivos de grau (*super-*, *ultra-*, *hiper-*, *mega-*, *arqui-*, *maxi-*, *macro-*, *mini-*, *micro-*) são prefixos.

Após definir e exemplificar a **Construção Prefixal de Modificação de Grau Substantiva**, Carrara (p. 153) explica os subpadrões a ela relacionados:

- a) **Construção Prefixal de Modificação de Grau Substantiva de Tamanho**, cujas instâncias são fortemente convencionalizadas, portanto descritas parcialmente pela tradição gramatical e linguística, como formações prefixais marcadas pelo grau aumentativo ou diminutivo. Sandmann (1987, apud CARRARA, 2015) explica que o uso preferencial dos prefixos *maxi-*, *macro-*, *mini-* e *micro-* para marcar aumento e diminuição de tamanho ocorre pela ausência de forte emotividade nesses prefixos. Alguns exemplos retirados dos *corpora* são *maxi acessórios*, *macro região*, *mini coelhos*, *micro vestido*;
- b) **Construção Prefixal de Modificação de Grau Substantiva Polissêmica**, cujo sentido construcional, embora único, depende do contexto discursivo. Carrara cita os exemplos *hiper inflação*, *ultra maratonistas*, *mega unhas*, *super carro*, *arqui modelo*, inseridos nos respectivos trechos de onde foram retirados, explicando que *hiper inflação* remete à propriedade **Dimensão**, com a paráfrase *inflação de dimensões extremamente grandes*; *ultra maratonistas* remete a **Condicionamento**, com a paráfrase *maratonistas extremamente condicionados fisicamente*; *mega unhas* remete a **Tamanho**, com a paráfrase *unhas muito grandes*; *super carro* remete à **Potência**, com a paráfrase *carro extremamente potente*; e *arqui modelo* remete à **Qualidade**, com a paráfrase *modelo superior aos demais*.

Além da Construção Prefixal de Modificação de Grau Substantiva, Carrara apresenta a **Construção Prefixal de Modificação de Grau Predicadora**, que cumpre, segundo a autora, “uma função semântica bastante transparente, qual seja, a de intensificação de seu escopo.” (p. 161). Claridge (2011, p. 9) define intensificação como “[...] a disposição de uma predicação em uma escala de intensidade ou o grau de realização de uma predicação alcançando de um nível muito/extremamente baixo a um nível muito/extremamente alto”³⁸. Como esse tipo de construção apresenta diferentes escopos, Carrara os apresenta separadamente:

- a) **EC³⁹ Escopo adjetivo:** {[super-, ultra-, hiper-, mega-, archi- Modificador de Grau]F1[adjetivoEscopo]F2}CPMGPredicadora
Exemplos: *super fofos, jeito ultra fashion, hiper técnico, projeto mega bacana, archi rival*.
- b) **EC Escopo advérbio:** {[super-, hiper-, mega- Modificador de Grau]F1[advérbioEscopo]F2}CPMG Predicadora
Exemplos: *super bem, hiper tarde*.
- c) **EC Escopo verbo:** {[super-, ultra-, hiper-, mega- Modificador de Grau]F1[verboEscopo]F2}CPMG Predicadora
Exemplos: *super amei, super gostei, super recomendo, mega curti, hiper amei, ultra curti*.

Quanto à construção com escopo verbal, Carrara assinala que se trata de um caso produtivo, totalizando 341 ocorrências (19% do total) dos exemplos contidos nos *corpora* analisados. Alguns exemplos são *super amei, super gostei, super recomendo, super curti, super quis, mega curti, mega amei, hiper amei, ultra curti*.

A autora constatou também, através de uma pesquisa nas gramáticas e manuais de morfologia, a ausência de instâncias da Construção Prefixal de Modificação de Grau com escopo advérbio, sendo que a gradação mórfica destes ocorre, em geral, em termos de sufixação.

Além disso, o baixo número de ocorrências aponta para o baixo grau de convencionalização e produtividade dessas construções, que representam, segundo Carrara, 1% do total das ocorrências do *corpus*.

Por fim, a autora apresenta exemplos nos quais o escopo é uma Instanciação Nula e explica que os gramáticos e estudiosos da área nomeiam esses casos de formas livres dos prefixos. Alguns exemplos, cuja numeração da tese é mantida aqui, são:

³⁸ **Do original:** “[...] placement of a predication on a scale of intensity, or degree of realisation of the predication, reaching from extremely/very low to very/extremely high” (CLARIDGE, 2011, p. 9).

³⁹ EC significa Elemento Construcional.

(88) A gente tem um convidado para hoje. Meu **super, hiperModificador de Grau/Prefixo**F1 **[Instanciação NulaEscopo]F2**CPMG, sei lá, o quê... - O cara é foda. Nando Reis. Quero chamar ele pra tocar uma música com a gente. (WCB) <opus.lingfil.uu.se/OpenSubtitles2012/xml/pt_br/.../50361_1of1.xml.gz>

(89) Sobre o que você está falando?! - Eu posso olhar na sacola se eu quiser. - Estou amando essa cor. - **SuperModificador de Grau/Prefixo**F1 **[Instanciação NulaEscopo]F2**CPMG pra você, colega, mas eu não sou o Pete, e estou indo. Tchau. (WCB) <www.lucianeferraes.com.br/o-esmalte-da-vez/>

(90) Raios, delicioso chocolate coberto de passas. Maldição. Devia ter comprado o **megaModificador de Grau/Prefixo**F1 **[Instanciação NulaEscopo]F2**CPMG. (WCB) <http://paracozinhar.blogspot.com/2007/06/mini-quiches.html> (p. 175-176).

A partir dos exemplos citados por Carrara, podemos observar que nos casos de escopo nulo, o sentido é marcadamente positivo, como nestes exemplos apresentados pela autora:

“Se há forma de vida inteligente? Mas será que algum dia vamos encontrar uma raça superior? Se acontecer, será muito **super**! - Será incrível! Isto acontecerá um dia. Porquê não conosco? (WCB) <hypescience.com/nao-existe-vida-inteligente-fora-da-terra-segundo-cient...>” (p. 179);

“Os maxi colares já estão no hall da fama há algum tempo e vão continuar mais **MAXIS** ainda nessa temporada!!! (WCB) <http://www.totalmentein.com/tag/maxi-colares-2012/>” (p. 179);

“... quero MUITO comprar uma maxi colar, **BEM MAXI**, com pedras na cor cristal e base preta, pode me mandar foto e orçamento por e-mail ?? (WCB) <http://morenamelbazar.blogspot.com/2010/06/maxi-colares.html>” (p. 179).

Carrara explica que o fato de os prefixos estarem sendo intensificados, como em *super maxi*, *muito super* e *bem maxi*, revela a sua convencionalização como formas livres, que perderam, nesses exemplos, a sua consciência de prefixo.

Em outro estudo, almejando provar que lexemas cuja base semântica exprime estados absolutos podem dar origem a unidades lexicais com valor superlativo, Machado (2011) tem, em sua dissertação, a tarefa de mostrar como um estado absoluto pode ser concebido em termos de grau.

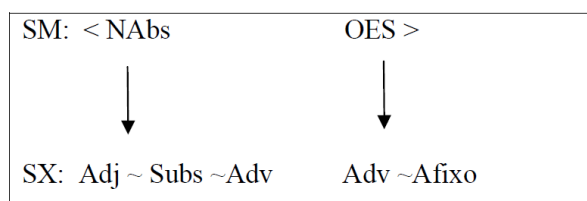
A autora utiliza a Linguística de *Corpus*, a partir da qual obteve 30 *types*, que totalizam 1757 *tokens*, provenientes de um conjunto de 8.189.656 palavras. O *corpus* específico foi constituído a partir do *Corpus* do Português, do site de busca *Google* e do concordanciador eletrônico *Web Concordancer Beta*⁴⁰.

Realizadas as análises, Machado atingiu seu objetivo de comprovar o estatuto da **Construção Superlativa Sintética de Estados Absolutos com o sufixo –íssimo**, sendo seu padrão mais reiterado aquele constituído por radicais deverbais participiais (76,5%), como

⁴⁰ Disponível em: <http://webascorpus.org/searchwac.html>.

casadíssimo, eleitíssimo e aprovadíssimo. A ocorrência de formas adjetivas não participiais (*gravidíssima, namoradíssimo, vivíssimo*) apresentou frequência de 23,5%, e o total de 1622 ocorrências com função adjetiva pôde ser subdividido em adnominais (1.072 ocorrências – 66.1%) e predicativas (550 ocorrências – 33.9%). A autora apresenta a Construção Superlativa Genérica de Estados Absolutos, tanto em sua forma analítica quanto sintética, conforme ilustra a Figura 10.

Figura 10 - Construção Superlativa Genérica de Estados Absolutos



Fonte: Machado (2011, p. 79).

A Figura 10 mostra que o padrão genérico de uma Construção Superlativa de Estados Absolutos é composta semanticamente por um Núcleo Absoluto (NAbs), que sintaticamente pode ser preenchido por um adjetivo, substantivo ou advérbio, seguido de um Operador de Escala Superlativa (OES), um afixo, no caso sintético, e um advérbio no caso analítico. Machado cita como exemplos *solteiríssimo, muito dentro* e *casadoço*. Porém, a autora se deteve apenas às construções sintéticas formadas a partir do sufixo *-íssimo*, as quais nomeou Construção Superlativa Sintética de Estados Absolutos com o sufixo *-íssimo*.

Já em sua tese de doutorado, Machado (2015) parte dos sufixos *-íssimo, -íssimo, -ésimo, -aço* e *-ão/-ona* para categorizar as **Construções Superlativas Sufixais de Desencontro**, que se configuram com o escopo tradicional do superlativo, um adjetivo, porém com aqueles que indicam estados absolutos, e, portanto, não são graduáveis, tais como *grávida, vivo, morto, casado*. Não se pode estar um pouco ou muito grávida, nem vivo ou morto com maior ou menor intensidade. Para tal incongruência, Machado utiliza o fenômeno do *mismatch*, ou desencontro⁴¹, como saída para as expressões de gradação que se encontram implícitas nesses adjetivos não graduáveis.

O objetivo geral de Machado consiste em subsidiar o campo da Morfologia Derivacional no espaço teórico-analítico dos modelos de Gramáticas das Construções e contribuir com a descrição de construções mórficas superlativas do Português Brasileiro, objeto de estudo em expansão. Para isso, a autora propõe a formalização da Construção

⁴¹ “O conceito de desencontro/*mismatch* tem sido usado (TRAUGOTT, 2007) para descrever um conjunto de fenômenos linguísticos que envolvem uma (aparente) incongruência entre as propriedades semântico-formais da construção. Essa incongruência é resultado de um mapeamento da relação entre forma e função das construções, considerados os padrões mais gerais de correspondência na linguagem.” (MACHADO, 2015, p. 91).

Superlativa Sufixal de Desencanto, em seus polos formal e semântico-pragmático, recobrando os *types* sufixais da rede (X-*érrimo*, X-*ésimo*, X-*aço*, X-*ão/-ona*), além de X-*íssimo*.

Como método, Machado utilizou a Linguística de *Corpus*, tendo reiterado que esta atua como coadjuvante metodológico em seu trabalho, uma vez que não é capaz de tratar os dados sem o olhar atento e crítico do analista. A partir da escolha de 30 núcleos, a autora iniciou a coleta de dados para evidenciar a ocorrência dos *types* pré-determinados. A partir dos 30 *types*, foram obtidos 1.757 *tokens*, através do concordanciador eletrônico *Web Concordancer Beta*⁴², entre eles *aprovado(a)*, *assinado(a)*, *candidato(a)*, *casado(a)*, *combinado (a)*, *grávida*, *morto (a)*, *vivo (a)*, *viúvo (a)*.

Machado verificou a informalidade da construção, considerando suas fontes, oriundas basicamente da internet, compostas por comentários (34%), notícias (21%), *posts* (20%) e fóruns (8,6%). O resultado é a integração de um núcleo não graduável (*solteiro*, *casado*, *grávida*) com um operador de escala superlativa (-*íssimo*, -*ésimo*, -*érrimo*, -*aço*, -*ão/-ona*), com *types* como *solteirão*, *casadaço*, *gravidissérria*. O padrão formal proposto por Machado é apresentado na Figura 11.

Figura 11 - Formalização da Construção Mórfica de Modificação de Grau

{SX [Escopo]F1 [Modificação de Grau]F2}M

Nome	<i>Construção Mórfica de Modificação de Grau (CMMG)</i>
M	Unidade Mórfica Complexa X que combina as valências de F1 e F2
F1	Escopo: núcleo graduável sem modificação de grau
F2	Modificador de Grau: morfema de grau (afixos)
Interpretação	Um Valor em uma Escala é estabelecido com relação a um Valor de Referência, que é especificado pelo Modificador de Grau particular

Fonte: Machado (2015, p. 126).

De forma a resumir os estudos por nós resenhados na revisão do estado da arte, elaboramos o Quadro 3, que contém um panorama das construções superlativas propostas pelos autores por nós utilizados na revisão da literatura, com exemplos de suas instanciações.

⁴² Disponível em: <<http://webascorpus.org/searchwac.html>>.

Quadro 3 - Construções Superlativas: estado da arte

SUPERLATIVIDADE NO PORTUGUÊS BRASILEIRO – ESTADO DA ARTE	
AUTORES	CONSTRUÇÕES SUPERLATIVAS
SAMPAIO (2007)	Uso metafórico do léxico da MORTE no Português Brasileiro: (a) MORRER DE + SN (82%): <i>morrer de medo, morrer de saudade</i> (b) MORRER DE + SV (8%): <i>morrer de rir/de trabalhar</i> (c) MORTA/O DE + SN (3%): <i>morto de fome/ de vergonha</i> (d) SN + DE MORRER: <i>linda de morrer</i>
MIRANDA (2008)	Construções Concessivas Hiperbólicas: (a) <i>P nem que Q</i> (Type Afirmativo): “<i>Dê uma volta, nem que seja no quarteirão (Revista Boa Forma)</i>” (b) <i>~P nem que Q</i> (Type Negativo): “<i>Não vou mudar por ninguém. Nem que isso custe uma grande perda (http://mundorosadave.blogspot.com/)</i>”
ALBERGARIA (2008)	Domínio-fonte frame de animal : itens lexicais <i>animal, bicho, fera, monstro</i> e <i>gigante</i> : “ <i>E meu dia foi animal</i> ”; “ <i>Luís Fabiano é o bicho no ataque</i> ”; “ <i>Ele é fera em matemática</i> ”; “ <i>Ela é um monstro no piano!</i> ”; “ <i>uma fome gigante</i> ”.
COSTA (2010)	Construção Superlativa de Expressão Corporal : <i>morrer de rir, mijar-se de rir, cair de sono, cansar de ouvir</i>
SANTOS (2012)	Construção Comparativa Superlativa Disfêmica : <i>mais curto que coice de porco, mais apertado que bombacha de fresco, mais sujo que pau de galinheiro, corre mais que notícia ruim</i>
PIRES (2013)	Construção Hiperbólica por Símile : <i>Chato que nem carrapato, Passou que nem uma bala, Fala que nem cachoeira.</i>
CARRARA (2010)	Construção Superlativa Causal Nominal : <i>uma perda de amargar, corpo de abafar, Foi de humilhar!, liiiindos de morrer</i>
CARRARA (2015)	Construção Prefixal de Modificação de Grau : <i>maxi brinco, super legal, megalonge, hiper amei</i>
MACHADO (2011)	Construção Superlativa Genérica: abarca o superlativo sintético e o superlativo analítico, ambos descritos pela tradição gramatical. Construção Superlativa Sintética de Estados Absolutos com o sufixo <i>–íssimo</i>: <i>casadíssimo, eleitíssimo e aprovadíssimo</i>
MACHADO (2015)	Construções Superlativas Sufixais de Desencontro : <i>solteirão, casadaço, gravidísserrima</i>

Fonte: Elaborado pela autora.

O Quadro 3 evidencia a grande quantidade e variedade das expressões superlativas que foram estudadas e categorizadas como construções superlativas. O objetivo de nosso estudo é partir dessa categorização de construções superlativas para analisar um conjunto de expressões cujas ocorrências foram buscadas no *Corpus* do Português e em pesquisa em *sites* adicionais: no *Corpus* Brasileiro e por meio de pesquisa no *Google*, nos casos em que o *Corpus* do Português apresenta poucas ocorrências. Nessa análise, verificamos a produtividade dos padrões construcionais já estudados, a possibilidade de encontrar alguma variação de padrões e a necessidade de ampliar os estudos sobre a superlatividade, nos casos em que não há, ainda, uma construção identificada da qual algumas expressões possam ser instanciações.

4 CONSTRUÇÕES SUPERLATIVAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO REGIONAL

O presente capítulo trata do método utilizado, dos procedimentos de busca de instâncias de uso de um conjunto de expressões candidatas a construções superlativas (*tri* (como prefixo), *de cair os butiá [do bolso]*, *frio de renguear cusco*, *frio de rachar*, *frio de lascar*, *baita*, *medo que me pelo*, *que dói*, *pra cacete/pra caralho*, *do cacete/do caralho*, *[que] afudê/afu e puta*) no *Corpus do Português*⁴³ e em outras fontes, conforme explicitado na seção 4.1; apresenta a análise exploratória dessas expressões, assim como a discussão dos resultados da pesquisa.

A partir da proposta de constituir um conjunto de exemplos que abarcasse expressões superlativas do Português Brasileiro, algumas delas utilizadas tipicamente no Rio Grande do Sul, foi feita pesquisa no *website Corpus do Português*, o qual foi incrementado, entre 2015 e 2016, com a ferramenta de pesquisa Web/Dialetos, que contempla textos de páginas da *web* oriundas de quatro países de Língua Portuguesa, o que abriu muito nossos horizontes para encontrarmos as expressões que elegemos, uma vez que elas são, em sua maioria, de uso oral.

4.1 MÉTODO, TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza exploratória e primariamente qualitativa, para identificar e analisar expressões intensificadoras/superlativas a partir de *corpora* de língua em uso.

Cervo e Bervian (2002, p. 69) definem estudos exploratórios como “um auxílio que traz a formulação de hipóteses significativas para posteriores pesquisas” e afirmam que o objetivo desses estudos é familiarizar-se com o fenômeno, obter nova percepção ou descobrir novas ideias acerca desse fenômeno. Os autores complementam que a pesquisa exploratória almeja descrever de forma precisa uma determinada situação e descobrir as relações entre os elementos que a compõem. Além disso, o planejamento de um estudo exploratório deve ser flexível, a fim de possibilitar a consideração de diversos aspectos pertinentes a um problema ou situação.

Segundo Köche (2010, p. 126), “[o] objetivo fundamental de uma pesquisa exploratória é o de descrever ou caracterizar a natureza das variáveis que se quer conhecer.”. Para o autor, “[n]a pesquisa exploratória não se trabalha com a relação entre variáveis, mas

⁴³ Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>.

com o levantamento da presença das variáveis e da sua caracterização quantitativa ou qualitativa.”.

Nesse sentido, a análise visa explorar, por meio de um conjunto de expressões, os estudos já existentes sobre construções superlativas, conforme seção 3.2, no sentido de demonstrar sua proficuidade, ao mesmo tempo em que se levantam hipóteses para um estudo sistemático de expressões passíveis de serem analisadas pela abordagem construcionista da gramática. Optamos por um estudo mais abrangente a fim de tornar possível a abordagem de mais expressões, uma vez que acreditamos que a diversidade enriquece nossa pesquisa exploratória. A eleição dessas expressões foi baseada no conhecimento linguístico e em sugestões de outros falantes de Português, e justifica-se pelo fato de ainda não terem sido tratadas nos estudos sobre intensificadores e superlatividade. As expressões *tri* (como prefixo), *de cair os butiá [do bolso]* e *frio de renguear cusco* são mais tipicamente regionais, no Rio Grande do Sul; *frio de rachar* e *frio de lascar*, por nós agrupadas com *frio de renguear cusco* por intensificarem frio, são expressões mais gerais e com algumas especificidades, que são discutidas na respectiva análise; *baita*, também muito utilizada no Rio Grande do Sul, tem seu uso mais generalizado em diferentes regiões do Brasil; *medo que me pelo* e *que dói* seguem um padrão já identificado nos estudos revisados, mas o primeiro tem um uso regional aparentemente mais frequente, enquanto o segundo tem um uso mais amplo no país; as demais expressões, *pra cacete/pra caralho*, *do cacete/do caralho*, *[que] afudê/afu* e *puta*, foram enquadradas nas Construções Superlativas Genéricas.

Para a pesquisa exploratória qualitativa, utilizamos prioritariamente o *Corpus* do Português⁴⁴, em Web/Dialetos. Esse *corpus on-line* contém uma seção de dialetos, com aproximadamente um bilhão de palavras retiradas de cerca de um milhão de páginas da internet, fator crucial para possibilitar nossa busca, uma vez que as expressões que pesquisamos estão presentes, de modo geral, na oralidade, e os textos da internet muito se aproximam dessa modalidade de uso da língua.

Desde 2015, segundo o *site*, houve a inclusão do Web/Dialetos, seção que contempla textos provenientes da internet e que se aproximam, por sua informalidade, da oralidade (ver Anexo A). Nesse *corpus* foram pesquisadas as expressões *tri*, *de cair os butiá [do bolso]*, *frio de renguear cusco*, *frio de rachar*, *frio de lascar*, *baita*, *que dói*, *pra cacete/pra caralho*, *[que] afudê/afu* e *puta*. Quando o número de ocorrências no *Corpus* do Português não permitiu observar os contextos de uso das expressões, como no caso de *do cacete/do caralho*,

⁴⁴ Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>.

*medo que me pelo, de cair os butiá [do bolso] e frio de renguear cusco*⁴⁵, foi feita pesquisa no *Corpus Brasileiro*⁴⁶ (ver Anexo D). Esse *corpus* é resultado de um projeto coordenado por Tony Berber Sardinha e contém cerca de um bilhão de palavras, acessíveis através de duas opções: o SketchEngine, modalidade paga, e a Linguatca, gratuita, porém ainda não completa, opção esta por nós utilizada. Para a busca de exemplos adicionais, realizaram-se pesquisas no *Google*.

As ocorrências foram contabilizadas em planilhas do *Microsoft Excel*, separando-se os diversos escopos de cada expressão. Para fins de análise, selecionamos um conjunto de ocorrências para demonstrar o funcionamento de cada forma. Cada linha de concordância foi copiada do quadro de origem, teve sua fonte indicada, em nota de rodapé, e foi numerada a partir de (1) neste subcapítulo.

Constatou-se a existência de ocorrências das expressões escolhidas no campo *lista* da página inicial do *Corpus* do Português. Das expressões escolhidas, apenas duas (*baita* e *puta*) tiveram resultado superior a 2.000 ocorrências. Decidimos, por julgar relevante para evidenciar um padrão de uso, analisar os *colocados*⁴⁷ dessas duas expressões até a frequência de ocorrência 2 (inclusa). Para as demais expressões, com frequência inferior a 2.000 ocorrências, analisamos todos os resultados. Essa análise foi realizada manualmente, por meio das linhas de concordância e acesso ao texto integral nos *links* respectivos nos quadros do *Corpus* do Português. Tal análise quanti-qualitativa manual visou indentificar o uso das referidas expressões como intensificadores/superlativos e, no processo, foram excluídos os casos de repetição não justificados⁴⁸. Os critérios para a análise via *colocados* de cada expressão estão descritos em suas respectivas análises, nas seções seguintes, de modo que o que apresentamos aqui diz respeito aos procedimentos gerais adotados.

Com o *Corpus* do Português e com a sua bem-vinda atualização, listamos as expressões que foram buscadas em Web/Dialetos. No caso das expressões *do cacete/do caralho* e *medo que me pelo*, o *Corpus* do Português forneceu número menor de resultados

⁴⁵ Não obtivemos resultados para *de cair os butiá [do bolso]* no *Corpus Brasileiro*; pesquisando por *frio*, encontramos um exemplo para *frio de renguear cusco*, embora *cusco* esteja grafado *custo*, o que não obscurece o significado da expressão: “Está um **frio** de renguear custo! – gritou um sargento, que não tinha poncho mas estava teso e risonho em cima do cavalo.”.

⁴⁶ Disponível em: <<http://corpusbrasileiro.pucsp.br/x/>>.

⁴⁷ O campo *colocados* permite verificar os elementos que antecedem e sucedem uma palavra ou expressão.

⁴⁸ Isso significa que, conforme observações no próprio site do *corpus*, há repetições por erro na compilação. Nesses casos, os administradores do *corpus* sistematicamente eliminam tais repetições, mas, mesmo assim, apenas o uso desse *corpus* permite que sejam identificadas as repetições indevidas. As repetições justificadas dizem respeito a trechos que reproduzem enunciados na forma de citação em outros textos, caracterizando-se, assim, seu caráter de discurso repetido e, portanto, de nova ocorrência de uso. Nesses casos, apenas a análise manual permite que essas ocorrências sejam identificadas.

comparado ao *Corpus Brasileiro*, via Linguateca, que forneceu resultados relevantes para evidenciar o padrão da expressão superlativa.

O Quadro 4 ilustra as formas que elegemos, seguidas de um exemplo retirado do *Corpus do Português* e do *Corpus Brasileiro*, deste último para as expressões *do cacete/do caralho e medo que me pelo*⁴⁹.

Quadro 4 - Forma das expressões superlativas/intensificadoras

(continua)

Formas		Exemplos
1	<i>tri</i> [ADJ] <i>tri</i> [Ø] <i>tri</i> [ADV] <i>tri</i> [N]	“Mas sou tri ciumenta, tenho que me tratar.” “E ali pertinho do Stanford Bridge tem também a Kings Road, que é tri pra fazer compras também” “Mas sabe que funcionou tri bem ?” “[...] quem cantava tal música porque eu escutava na chamada de algum TeleCine e achei tri massa , daí deixei a preguiça de lado e coloquei no google [...]”
2.	<i>baita</i> [N] <i>baita</i> [ADJ]	“[...] o qual poderá representar uma baita oportunidade de negócio para muitos.” “[...] antes de eu não ter orkut eu só jogava barbie meu deus baita da hora eu amei este jogo barbie!”
3.	<i>de cair os butiá</i> [do bolso]	“[...] há uma resposta que, como dizem os gaúchos, é de cair os butiá .”
4.	<i>frio de renguear cusco</i> <i>frio de rachar</i> <i>frio de lascar</i>	“[...] faz um frio de renguear cusco [...]” “[...] faz um frio de rachar pedra naquelas ilhas.” “[...] tá um frio de lascar onde moro [...]”
5.	<i>medo que me pelo</i>	“Tenho medo disto que me pélo ; em pequeno vi morrer três sujeitos de pancada com as tais cataporas!”
6.	[ADJ] <i>que dói</i> [N] <i>que dói</i>	“[...] o template que é fornecido é feio que dói , podem dar uma olhada aqui [...]” “Vôlei Futuro: incerteza e omissão que dói .”
7.	[ADJ] <i>pra cacete</i> [N] <i>pra cacete</i> [V] <i>pra cacete</i> [ADJ] <i>do cacete</i> [N] <i>do cacete</i>	“Eu achei o disco bom pra cacete ” “O povo unido é gente pra cacete !” “O sujeito trabalha pra cacete ” “[...] e aquela Elizabeth Hurley é uma chata do cacete !” “Tanto a cidade quanto Boogie Nights são filmes do cacete !”
8.	[ADJ] <i>pra caralho</i> [N] <i>pra caralho</i> [V] <i>pra caralho</i>	“O texto é longo, chato pra caralho [...]” “[...] estão cansadas de pagar imposto pra caralho ” “[...] eu queria dizer que gosto, gosto pra caralho ”

⁴⁹ Para a expressão *medo que me pelo*, utilizamos pesquisa no *Corpus Brasileiro* e no *Google*, obtendo resultados de 1 e 2 ocorrências, respectivamente. O *Corpus do Português* exibe 5 resultados para *que me pélo* (com acento agudo em *pelo*), porém todos são de Portugal, não servindo, portanto, para nossa análise.

(conclusão)

	[ADJ] <i>do caralho</i> [N] <i>do caralho</i>	de você.” “ Burro do caralho! ” “O som está ficando do caralho .”
9.	[<i>que</i>] <i>afudê/afu</i>	“[...] olha que afudê onde ele tá jantando” “[...] é a imagem mais afudê que guardo na memória [...]” “[...] fiquei 1hr e meia no sofa suando afu [...]”
10.	<i>puta</i> [N] <i>puta</i> [ADJ]	“Eu tomei um puta susto quando isso aconteceu [...]” “Fico puta arrasada com essas coisas que aumentam o preço só porque ficam famosas.”

Fonte: Elaborado pela autora.

É importante alertar que o *Corpus* do Português está em constante atualização, conforme explicação contida na página do *corpus*. Por essa razão, o número de ocorrências que são apresentadas nas próximas seções pode divergir daqueles que venham a ser pesquisados futuramente.

4.2 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste subcapítulo, são analisadas e discutidas as construções superlativas e intensificadoras a partir da Gramática das Construções. Primeiramente, no caso das buscas realizadas no *Corpus* do Português, apresentamos as frequências gerais, a partir da busca no campo *lista* (ver Anexo B para exemplo), uma vez que elas são importantes para respaldar o uso efetivo, abrangente e (mais) convencionalizado das expressões que escolhemos. Entretanto, no total dessa frequência, apenas alguns contextos indicam o uso das expressões superlativas ou intensificadoras (escalares). Por esse motivo, foi realizada uma seleção manual de cada ocorrência e estabelecido o seu número total, consideradas linhas de corte em cada caso. Tais critérios estão especificados em cada seção.

Na análise, verificamos os casos que se enquadram em construções superlativas/intensificadoras já encontradas para o Português Brasileiro e os casos que podem sugerir a ampliação de uma construção já estudada.

Apresentam-se, nas subseções seguintes, cada expressão com uma breve discussão sobre seu sentido, o número de ocorrências na respectiva fonte de pesquisa (*Corpus* do Português, *Corpus* Brasileiro ou *Google*), conforme indicação em cada caso, identificação de formas para cada *type* e o número de ocorrências em cada um. Ao longo das análises,

conforme um de nossos objetivos específicos, discutimos se os casos apresentados enquadram-se nas construções já apresentadas e examinadas na revisão da literatura.

4.2.1 *Tri*

Tri como prefixo intensificador parece ser usado tipicamente no Rio Grande do Sul. Por exemplo, na letra da música *Deu pra ti*, da dupla Kleiton e Kledir, a qual é uma homenagem a Porto Alegre, cidade capital do Rio Grande do Sul, encontram-se as expressões *tri legal* e *tri afim*, nos seguintes versos: “Vou pra Porto e bah! Tri legal” e “As gurias tão tri afim”⁵⁰. De qualquer modo, mesmo que *tri* tenha uso corrente nesse estado, não significa que não seja empregado em outras regiões do Brasil.

Fischer (1999), em seu *Dicionário de Porto-Alegre*⁵¹, afirma que *tri* é um advérbio de uso universal que significa, em geral, *muito*. O autor cita como exemplos *um sorvete tribom*, *um jogo tridisputado*, *uma mulher trigostosa*, *uma comida trirruim* e *um sujeito tripentelho* (p. 161), e diz haver duas teorias bem difundidas na cidade de Porto Alegre sobre a origem dessa expressão: uma atribui a origem do termo *tri* à conquista da Copa do México, em 1970, podendo também estar associada a uma vitória do Internacional (um dos dois times tradicionais do Rio Grande do Sul) em um tri estadual; a outra hipótese do surgimento de *tri* como *muito* diz respeito ao uso de um medicamento chamado *Trimedal*, que resultou em *doping* no futebol. Fischer argumenta que a circulação do nome do remédio pode ter reforçado o uso de *tri*.

No referido dicionário, logo após o verbete *tri*, está *trídi*, classificado como uma variação de *tri*, um encurtamento de *tri-de-bom*, mas que se usa isoladamente, sem se combinar com outros adjetivos, por exemplo, “‘Que tal tava o churra?’ ‘Trídi’.” (FISCHER, 1999, p. 161). Seguindo *trídi*, está *trilegal*, cuja definição é “[f]orma usual de elogio para qualquer coisa positiva ou pessoa considerada legal, correta, agradável, etc.” (p. 161).

Bossle (2003, p. 506), no *Dicionário gaúcho brasileiro*, define *tri* como um advérbio de intensidade muito usado, que significa “[m]uito, bastante: Ele ficou *tri* faceiro com a pilcha nova. De largo uso entre os gaúchos. (Parece vir das três vezes em que o Inter foi campeão nacional, 75, 76 e 79).”. A explicação para o surgimento da expressão coincide com uma das

⁵⁰ Letra disponível em: < <https://www.letras.mus.br/kleiton-e-kledir/131060/>>. Acesso em: mar. 2017.

⁵¹ Fischer faz questão de esclarecer que os termos contidos no seu *Dicionário de porto-alegrês* não são de uso exclusivo de Porto Alegre e nem sequer do Rio Grande do Sul, e define seu dicionário como “impreciso, precário, perecível, incompleto e várias vezes arbitrário” (1999, p. 5).

hipóteses levantadas por Fischer (1999). Há, ainda, o verbete *trilegal*, classificado como adjetivo, significando muito bom, muito legal (BOSSLE, 2003, p. 506). Nos dicionários de Língua Portuguesa, não foram encontrados significados de *tri* como intensificador, apenas a referência a *três*, motivo pelo qual não criamos um quadro de definições para *tri*, uma vez que os significados não servem para nosso propósito de verificar a superlatividade.

Pesquisamos *tri* no campo *lista* no *Corpus* do Português e obtivemos um resultado de 1886 ocorrências⁵². Como a frequência foi inferior a 2.000, contabilizamos todos os resultados na opção *colocados*, 1616 ocorrências no total, com as seguintes opções de busca: 0 casas à esquerda e 1 à direita, *ocorrências*⁵³ com o valor 1.000 (efetuamos buscas com valor até 3.000, mas o resultado permaneceu o mesmo) e *ocorr pcec* (que representa o número de resultados para uma pesquisa de concordâncias) com um valor de 200. Das 1616 ocorrências, analisadas todas as linhas de concordância e eliminados os casos que não indicam intensificação/superlatividade⁵⁴, as repetições e os exemplos de outros países que não o Brasil, restaram 178 ocorrências de *tri* com sentido intensificador/superlativo, com os seguintes escopos, conforme Quadro 5.

Quadro 5 - *Tri*: escopo da intensificação/superlatividade

Tri + escopo	Número de ocorrências
<i>Tri [ADJ]</i>	116
<i>Tri [LOC ADJ (PREP + N)]</i>	7
<i>Tri [ADV]</i>	7
<i>Tri [N]</i>	4
<i>Tri [Ø]</i>	44
Total de ocorrências	178

Fonte: Elaborado pela autora.

Trazemos, a seguir, exemplos com cada escopo:

a) ***Tri [ADJ]* e *Tri [LOC ADJ (PREP + N)]***: podemos perceber nesse padrão que *tri* é associado tanto a adjetivos positivos, como em *tri bom* e *tri massa*, quanto a

⁵² Realizada a pesquisa no *Corpus* Brasileiro, o resultado foi de 876 ocorrências, motivo pelo qual esse *corpus* não foi escolhido para realizar a contagem dos exemplos.

⁵³ Uma das opções de pesquisa do *Corpus* do Português que permite escolher quantas ocorrências se quer ver nos resultados.

⁵⁴ Esses casos abrangem *tri campeão* e *tri campeonato* (a maioria das ocorrências), tanto seguido das palavras *campeão* e *campeonato* quanto com elas subentendidas; casos de *tri* como nome próprio, como em nomes de games (*Ocidente Monster Hunter 3 Tri*), de blogs (*Mamy Tri*) e sites (*Tá Tri*), em siglas, como TRI (Teoria de Resposta ao Item), a mais utilizada individualmente, TRI (Tratamento de Incidentes), TRI (Termo de Responsabilidade Institucional) e TRI (Taxa de Retorno sobre o Investimento), e em *tri* como *trilhão* ou como *trimestre*.

adjetivos negativos, ou que indicam um sentimento ou situação não favorável, como em *tri assustador*, e, ainda, a locuções adjetivas, como *tri na dúvida*. Os casos de locução adjetiva são minoria, totalizando 7 ocorrências (*tri a favor*, *tri na pilha*, *tri na dúvida*, *tri na boa* e *tri a fim*, esta última com 3 ocorrências).

(1) “Ser pai de menina é **tri bom**, mas **tri assustador** também.”⁵⁵

(2) “Passei uma semana enchendo o saco do meu namorado pedindo pra ele procurar pra mim quem cantava tal música porque eu escutava na chamada de algum TeleCine e achei **tri massa**, daí deixei a preguiça de lado e coloquei no google [...]”⁵⁶

(3) “Na maioria das vezes, a gente deixa para procurar um lugar legal quando chegamos no nosso destino, justamente para não ter que ficar comparando as 1001 opções que a gente encontra na internet, perdendo um tempão e ficando **tri na dúvida** se estamos fazendo o melhor negócio!”⁵⁷

b) **Tri [Adv]**: o escopo adverbial foi o segundo menos frequente, perdendo apenas para o substantivo. Encontramos 7 ocorrências, das quais 6 para *tri bem* e 1 para *tri mal*, advérbios clássicos, mas nada impede que se combine com outros, como *tri tarde*, *tri cedo*, etc. Os exemplos (4) e (5) ilustram o escopo adverbial.

(4) “Graças a seus vídeos passei a ser mais vaidosa e estou me sentindo **tri bem**”⁵⁸

(5) “Uma prova disso eh o que eu ouvi um cara falando **tri mal** do GI JOE num programa de TV (algumas das coisas que tinham me feito gostar filme).”⁵⁹

⁵⁵ Exemplo disponível em: <<http://mamaeecia.com.br/category/rotina-2/>>. Acesso em: abr. 2017.

⁵⁶ Exemplo disponível em: <<http://www.adoravelpsicose.com.br/2012/02/felicidade-tomates-podres-e-tom-jobim.html>>. Acesso em: abr. 2017. Segundo o *Dicionário de baianês* (<http://www.folderpark.net/baianes/>), de Nivaldo Lariú, *massa* significa *legal*, *joia*, esta última também com sentido conotativo, podendo ter surgido, segundo Lariú (em entrevista ao *website* <http://www.ibahia.com/detalhe/noticia/massa-e-barril-entenda-como-surgiram-essas-expressoes/>), na década de 1970, provavelmente devido a uma música de Caetano Veloso, intitulada *Massa real*, cuja letra leva a acreditar que *massa real* seja algo muito bom, pois o compositor declara querer apenas coisas boas, o que inclui a *massa real*: “Hoje eu só quero alegria / É meu dia, é meu dia / Hoje eu só quero amor / Hoje eu só quero prazer / Hoje vai ter que pintar / Só quero a massa real / É o meu carnaval” (<https://www.vagalume.com.br/caetano-veloso/massa-real.html>). Outra possível interpretação, deixando de lado a definição de Lariú, poderia ser de *massa real* como as pessoas que participam do carnaval, já que em outras canções da MPB, como *Na massa*, de Arnaldo Antunes, *massa* significa multidão, conforme acepção normalmente contemplada nos dicionários: “pode se misturar / Na massa / some na massa” (<https://www.vagalume.com.br/arnaldo-antunes/na-massa.html>). No caso de *tri massa*, o significado fornecido pelo *Dicionário de baianês* é o que se adequa ao sentido que verificamos para a expressão, de algo que é muito bom, muito legal.

⁵⁷ Exemplo disponível em: <<http://felipeopequenoviajante.blogspot.com/2013/05/as-nossas-pousadas-em-petropolis-paraty.html>>. Acesso em: abr. 2017.

⁵⁸ Exemplo disponível em: <<http://supervaidosa.com/2012/10/04/novidade-pronta-entrega-na-fabulous-store/>>. Acesso em: abr. 2017.

⁵⁹ Exemplo disponível em: <<http://criticalhits.com.br/produtor-dos-filmes-de-uncharted-mass-effect-e-metal-gear-solid-fala-sobre-as-adaptacoes/>>. Acesso em: abr. 2017.

- c) **Tri [N]**: encontramos apenas 4 casos de *tri* com escopo substantivo. Podemos destacar que a principal função de *tri* nesses casos é a de intensificar as características pressupostas pelo substantivo que o sucede, por exemplo, no caso de *tri fã*, o vocábulo *fã* já denota um apreço intensificado por algo ou alguém, e tal apreço é reforçado pelo uso do prefixo modificador de grau *tri*. O mesmo ocorre com *tri clichê* e *tri vítima*, situações nas quais as características do que é ser *clichê* e *vítima* ganham proporção maior que a normal.

- (6) “Beijos e abraços a todos adoro o programa, meu pai é **tri fã** de carteirinha não perde um programa.”⁶⁰
- (7) “A combinação de sabores é tão correta que vou ter que usar uma frase que eu acho **tri clichê**, mas enfim... ”é uma explosão de sabor!”⁶¹
- (8) “Quanto mais iludido, acreditando em milagres, que as novidades mais caras são a solução para acertar dificuldades de saúde e maus hábitos alimentares e de vida, **tri vítima** será.”⁶²

- d) **Tri Ø**: o escopo nulo se revelou profícuo: 44 ocorrências, das 178 totais, representando quase ¼ dos resultados. Uma característica observável nos exemplos com escopo nulo é a referência a algo agradável, conforme discutimos na revisão da literatura.

- (9) “E mais: ele, que anda por aí se dizendo editor, é escritor na verdade. Só mais uma: desconfie toda vez que Rodrigo (Spinelli) Rosp disser Bah, que **tri**. Aviso: ele não é gaúcho, é carioca.”⁶³
- (10) “Na última semana passamos alguns dias em Bento Gonçalves fazendo um trabalho bem legal – que em breve vai estar por aqui;) – na companhia de um pessoal **tri**.”⁶⁴
- (11) “Bom, sou bem novato em todos os termos de WOW (sorte que amigos também servem pra essas horas), e queria dizer que a lista tá bem “**Tri**” (como se fala aqui pelas bandas do RS).”⁶⁵

⁶⁰ Exemplo disponível em: <<http://tvcontacto.wordpress.com/2009/09/19/o-melhor-do-brasil-rodri-go-faro-realiza-sonho-de-debutante-no-quadro-sua-festa-e-nossa/>>. Acesso em: abr. 2017.

⁶¹ Exemplo disponível em: <<http://www.cucinaartusiana.com/2013/02/spaghetti-alla-trapanese-espaguete.html>>. Acesso em: abr. 2017.

⁶² Exemplo disponível em: <<http://www.docelimao.com.br/site/linhaca/1306-semente-de-chia>>. Acesso em: abr. 2017.

⁶³ Exemplo disponível em: <<http://autoreselivros.wordpress.com/2013/06/11/fingidores-de-rodri-go-rosp/>>. Acesso em: abr. 2017.

⁶⁴ Exemplo disponível em: <http://www.destemperados.com.br/tag/serra-gaucha>. Acesso em: abr. 2017. Bento Gonçalves é uma cidade do Rio Grande do Sul.

⁶⁵ Exemplo disponível em: <<http://wowgirl.com.br/2012/12/23/pvp-o-que-te-faz-ganhar/>>. Acesso em: abr. 2017.

Os exemplos (9) e (11) fazem menção a ser coisa de gaúcho falar *tri*, o que pode ser uma evidência, neste caso com escopo nulo, de que se trata, provavelmente, de um hábito mais comum no Rio Grande do Sul. Apesar de termos contabilizado apenas exemplos do Brasil, apresentamos um de Moçambique por mencionar que *tri* é fala de gaúcho: “Gaúcho fala ‘**tri**’, eu estava com mania de falar ‘mega’, moçambicano fala ‘maningue’.”⁶⁶

Observa-se, ainda, nos exemplos (12) ao (16), casos de *muito tri*, *super tri*, *tri tri tri tri legal*, *muito tri mesmo* e *tri máximo*, exemplos de intensificação do intensificador, já observados por Carrara (2015), que considera esses casos como hiperbólicos, uma vez que o superlativo se torna uma forma convencionalizada e, portanto, perde sua força expressiva. A autora explica que, a fim de assegurar o impacto de seu discurso, o falante recorre a uma escala de intensificação que vai do superlativo à hipérbole, por meio do uso de mais de um prefixo indicador de superlatividade (p. 200).

(12) “Adorei as informações sobre o clima, frio, calor, sol, frio..., mas o que achei fantástico mesmo foram as [...] Como dizemos cá no sul ‘**muito tri**’!!!”⁶⁷

(13) “Oi minha linda Pepinha, que beleza esses encontros, e **super tri** a Margarete.”⁶⁸

(14) “Fred, curto muito teus textos. São **muito tri mesmo**.”⁶⁹

(15) “[...] pra mim ele e o cara tiro o chapéu pra ele sempre que for preziso e a falimia dele porque eles são bem simplis como dis eles são **tri tri tri tri** legal amei conheces-las [...]”⁷⁰

(16) “[...] as duas amigas vão se tornar melhores amigos o ryu vai dar hadokens dormindo nada de mais e tera boas confições pela frente assistam e **tri 10**”⁷¹

Considerando *tri* como um prefixo, entendemos que as expressões verificadas no *corpus*, com seus respectivos escopos, se encaixam nas Construções Prefixais Modificadoras

⁶⁶ Exemplos disponível em: <<http://www.nhatinha.com/blog/2010/03/>>. Acesso em: abr. 2017.

⁶⁷ Exemplo disponível em: <<http://www.ducsamsterdam.net/o-clima-em-amsterdam/>>. Acesso em: abr. 2017.

⁶⁸ Exemplo disponível em: <<http://www.otachodapepa.com/2013/07/luz-na-passarela-que-la-vem-ela.html>>. Acesso em: abr. 2017.

⁶⁹ Exemplo disponível em: <<http://papodehomem.com.br/trabalhar-demais-ate-que-ponto-id-5/>>. Acesso em: abr. 2017.

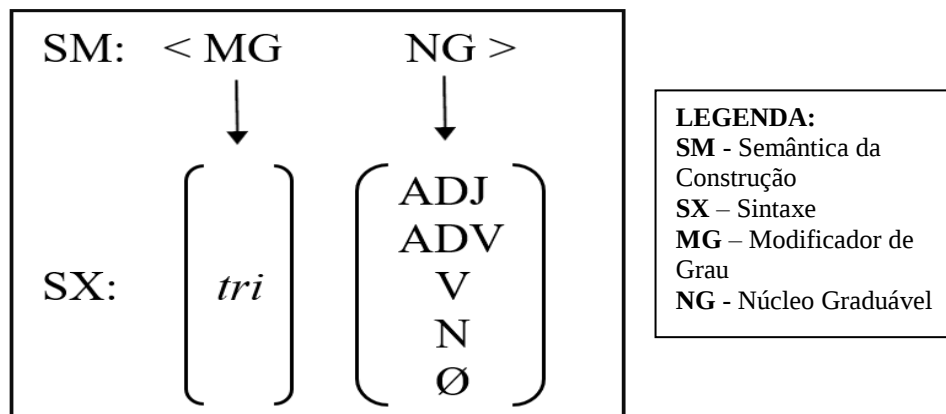
⁷⁰ Exemplo disponível em: <<http://www.sul21.com.br/jornal/destaques/mc-jean-paul-um-romantico-e-sonhador-a-servico-do-funk/>>. Acesso em: abr. 2017.

⁷¹ Exemplo disponível em: <<http://www.genkidama.com.br/videoquest/2011/03/04/video-quest-03-kimi-ni-todoke-s1-um-anime-que-anda-em-circulos/>>. Acesso em: abr. 2017. Nesse exemplo, o uso de *tri* intensifica a expressão *é 10*, que já significa que algo é muito bom.

de Grau, propostas por Carrara (2015). Segundo a autora, nessas construções um prefixo confere a ideia de superlatividade a um adjetivo, na maioria dos casos, podendo também ser combinado com substantivos, como em *maxi brinco*, com verbos, como em *hiper amei*, e ter também um escopo nulo, como em *super*. Conforme explicado na revisão do estado da arte (seção 3.2), o escopo nulo normalmente se refere a algo positivo. Da mesma forma que os prefixos examinados por Carrara, *tri* possui, conforme Quadro 5, diferentes escopos.

Baseando-nos em Carrara (2015), propomos a matriz construcional para *tri*, conforme Figura 12.

Figura 12 - Construção Prefixal Modificadora de Grau: *tri*



Fonte: Elaborado pela autora.

A Figura 12 apresenta, semanticamente, um Modificador de Grau (MG), *tri*, que modifica um Núcleo Graduável (NG), representado por um adjetivo (ADJ), um advérbio (ADV), um substantivo (N) ou um escopo nulo (Ø), sendo a frequência mais usual com adjetivos e com escopo nulo. *Tri* como prefixo modificador de grau se encaixa tanto na Construção Prefixal Modificadora de Grau Substantiva quanto na Construção Prefixal Modificadora de Grau Predicadora, tipos descritos por Carrara e abordados na seção 3.2 desta dissertação.

As ocorrências encontradas no *Corpus* do Português para *tri* com valor superlativo evidenciaram que o uso ocorre principalmente com adjetivos e com escopo nulo, não tendo sido encontrada nenhuma combinação de *tri* com escopo verbal. Apesar de se tratar de um número pequeno de ocorrências (178), se compararmos com o total de ocorrências fornecido pela busca (1616), podemos perceber um padrão da expressão superlativa com *tri*.

4.2.2 Baita

A expressão *mas que baita macho*, contida em uma música interpretada pelo grupo gaúcho Os Serranos⁷², engrandece um sujeito gaúcho, que é corajoso, que sabe tocar gaita (palavra regional para acordeão) e que possui os trejeitos e comportamento de um típico gaúcho, aquele estereotipado como bravo e destemido.

Geralmente associado a um substantivo, com referência a dimensões, como em *baita casa*, *baita* pode também intensificar uma característica, como em *baita macho*, que intensifica as características do estereótipo do macho gaúcho, e *baita boca aberta*, expressão presente em uma canção interpretada pelo grupo Os Mirins, *O boca aberta*, na qual se diz “mas que baita boca aberta”⁷³, provavelmente com a intenção de intensificar o adjetivo *boca-aberta* que, segundo o *Dicionário Houaiss*, significa, na linguagem informal e pejorativa, “1 indivíduo que por tudo se admira; simplório. 2 indivíduo pouco expedito, aparvalhado, lerdo” (2009, p. 302).

No Quadro 6, apresentamos as definições para o vocábulo *baita*.

Quadro 6 - Definições de *baita*

Aulete (2011, p. 193)	“1. Bras. Pop. Muito grande; ENORME; IMENSO [...] força, intensidade, grande quantidade etc. [...] 2 Muito bom; ÓTIMO; EXCELENTE”
Bossle (2003, p. 63)	“ <i>adj.2g.</i> 1. Grande, enorme. 2. Crescido. 3. Importante. (Do tupi, <i>mbaê-tatá</i> , coisa fogaosa.)”
Aurélio (2009, p. 252)	“1. Grande, enorme, imenso [...] 2. Crescido, desenvolvido. [P. us., pelo menos em parte do País.]”
Houaiss e Villar (2009, p. 244)	“ <i>adj.2g.</i> (1899) <i>B infrm.</i> 1 muito grande; imenso, enorme [...] 2 desenvolvido, crescido [...] 3 <i>fig.</i> cheio de bravura; corajoso, valente, destemido [...] 4 <i>fig.</i> de boa aparência e superior qualidade; apreciável, bonito [...] 5 <i>fig.</i> muito bom naquilo que faz; exímio, excelente”
Nunes e Nunes (1984, p. 53)	“ <i>adj.</i> Grande, crescido, importante. “Que <i>baita</i> homem”, isto é, que homem grande!”
Oliveira (2010, p. 40)	“ <i>Adj.</i> Grande, enorme.”

Fonte: Elaborado pela autora.

⁷² Há um exemplo no *Corpus* do Português que cita a canção do grupo Os Serranos: “Em 1974, gravaram pela Chanceler / Continental, em uma produção de Airton dos Anjos (Patinete), o disco Som Crioulo. A partir desta data se seguiram novas gravações: 1969, ‘Os Serranos’ (compacto duplo) 1970, ‘Tudo é Brasil’ (vários) 1971, ‘Nostalgia Gaúcha’ 1974, ‘Som Crioulo’ 1975, ‘Rio Grande Nativo’ 1980, ‘Rio Grande Tchê’ 1982, ‘Capão de Mato’ 1983, ‘Baita Macho’”. Exemplo disponível em: <<http://www.paginadogauchocom.br/musi/g-os.htm>>. Acesso em: abr. 2017.

⁷³ Letra disponível em: <<https://www.letras.mus.br/os-mirins/1398653/>>. Acesso em: abr. 2017.

A sigla *P. us.* utilizada no Aurélio significa “pouco usado no Brasil”, o que sugere que a grande concentração do uso de *baita* possa ocorrer apenas em algumas regiões do país.

No dicionário Aulete, *baita* dispõe de um verbete que abrange diferentes usos para o vocábulo, cujas quatro acepções estão descritas na íntegra abaixo (No Quadro 6 usamos apenas as palavras-chave):

a2g 1. Bras. Pop. Muito grande; ENORME; IMENSO: *um baita cão; uma baita dificuldade [uma baita despesa; uma baita dor de cabeça; levamos um baita susto; um baita enxame de abelhas; é um baita cafajeste.* us. tb. (assim como o adj. *grande*) para dar ideia não só de tamanho, mas de força, intensidade, grande quantidade etc., ou para reforçar, enfatizar.] 2 Muito bom; ÓTIMO; EXCELENTE: *Didi foi um baita jogador.* [Ant.: *terrível.*] 3 Que se desenvolveu muito, que se tornou robusto: *É um baita rapaz.* 4 Us. para dar ideia de que algo ou alguém se destaca e impressiona pela aparência ou por alguma outra característica (ger. positiva): *Comprou um baita aparelho de som. [i.e., caro, bonito, luxuoso etc., não necessariamente de ótima qualidade]* [Us. antes do substantivo.] [F.: De or. obsc.]. (AULETE, 2011, p. 193, grifos originais).

Baita é classificado com um adjetivo de dois gêneros, que pode indicar tamanho, conferir a ideia de força e intensidade, justificando nosso foco na superlatividade, e pode também se referir à grande quantidade. Sua origem é tida como obscura pelo Aulete. Bossle (2003, p. 63) é o único autor que refere a origem de *baita*, do tupi.

No *Corpus* do Português, a busca no campo *lista* resultou em 4128 ocorrências⁷⁴. Como as ocorrências excederam 2.000, contabilizamos até a frequência 2 exibida no campo *colocados*, o suficiente para evidenciar o padrão de expressão superlativa/intensificadora. Eliminados casos de repetição, de exemplos de outros países e de casos de não superlatividade/intensificação, o total de ocorrências foi 2022. Dessa contagem, temos que *baita* é seguido ou por um substantivo ou por um adjetivo. No caso do substantivo, temos uma subdivisão: *[Art] baita de [N]*, como em *um baita de um profissional*, por exemplo⁷⁵, e *[Art] baita [N]*, em *um baita texto*⁷⁶. O fato de *baita* ser antecedido de um artigo (em geral indefinido) ou de seguir-se de uma preposição em que se encontra posposto um artigo indefinido, faz com que os potenciais adjetivos sejam substantivados, em alguns casos. O Quadro 7 apresenta o total de ocorrências e as respectivas formas encontradas para *baita*⁷⁷.

⁷⁴ No *Corpus* Brasileiro, apenas 390 ocorrências resultaram da busca para *baita*.

⁷⁵ Os casos nos quais os substantivos não são precedidos por artigo indefinido parecem configurar esquecimento por parte de quem escreveu, como em *uma baita de verdade*. É visível no exemplo que o mais adequado seria o uso de *uma* antes de *verdade*.

⁷⁶ Os casos em que *baita* não é precedido por artigo indefinido são aqueles em que há interjeição, como em *baita macho*, ou casos em que *baita* inicia a frase, como em *Baita preconceito*.

⁷⁷ Observa-se que, nesta dissertação, não falamos de *types*. Optou-se por tratar diretamente de formas e ocorrências (*tokens*).

Quadro 7 - *Baita*: escopo da intensificação/superlatividade

Baita + escopo	Número de ocorrências
<i>[Art] baita [N]</i>	1947
<i>[Art] baita de [Art] [N]</i>	74
<i>baita [Adj]</i>	1
Total de ocorrências	2022

Fonte: Elaborado pela autora.

Apresentamos, a seguir, exemplos com os escopos:

- a) *[Art] baita [N]*: esse padrão apresentou 74 ocorrências, em um universo de 2022. Apesar de não ser tão frequente quanto *[Art] baita de [Art] [N]*, já nos revela um padrão razoável para comprovar a existência da expressão.

(17) “Simples: Bale é **um baita jogador**, mas, pelo menos ainda, não vale noventa milhões de euros.”⁷⁸

(18) “Ah, qdo tive o filhinho caçula minha rotina ficou stress pirada stress levei **um baita susto**, rsrs...”⁷⁹

(19) “Esse não é essencial, mas faz **uma baita diferença** no resultado.”⁸⁰

Baita pode intensificar diversas características em seus escopos. No exemplo (17), *um baita jogador* enaltece a qualidade do jogador, sua destreza e competência. Já em (18), *baita susto* intensifica o impacto causado pelo *susto*, provavelmente em uma indicação de potência. Em (19), *uma baita diferença* denota o grau de importância da *diferença*, bastante significativa.

- b) *[Art] baita de [Art] [N]*: esse caso, embora muito semelhante ao padrão anterior, tem como destaque o uso da preposição *de* sucedida por *um/uma*, além do artigo indefinido em posição inicial na expressão, o que confere uma espécie de ênfase adicional. Por exemplo, se dizemos *um baita texto*, intensificamos as qualidades do substantivo *texto*, ou podemos, também, estar usando o recurso de superlatividade

⁷⁸ Exemplo disponível em: < <http://blogfutebolclube.com.br/gareth-bale-preco-inaceitavel-gales/>>. Acesso em: abr. 2017.

⁷⁹ Exemplo disponível em: <<http://arrumadissimo.com.br/2013/04/26/organizando-a-rotina-e-mimando-a-casa/>>. Acesso em: abr. 2017.

⁸⁰ Exemplo disponível em: <<http://agrandediferenca.com.br/pequeno-guia-pratico-de-maquagem/>>. Acesso em: abr. 2017.

como uma maneira de ironizar a característica. Já em *um baita de um texto*, podemos perceber uma intensificação ainda maior, pelo uso reiterado do artigo e pelo acréscimo da preposição *de*. Parece-nos um bom ponto de partida para pensar nessa variação da expressão *[Art] baita [N]*.

(20) “[...] só que esse findi fui em uma festa e vi ele ficando com uma na minha frente, chorei horrores mandei **um baita de um texto** pra ele, dizendo tudo que sentia, ele demorou dois dias pra responder.”⁸¹

(21) “Erro nº 1 de todo mundo que começa é criar um produto e achar clientes. O certo é fazer o inverso. Pw **baita de uma postagem boa**, parabéns Bruno!”⁸²

(22) “Homem que acredita que a namorada é santa e inabalável quanto à fidelidade é **um baita de um otário**.”⁸³

c) **baita [Adj]**: esse padrão não resultou produtivo em função de o artigo substantivar os adjetivos usados nos exemplos, conforme explicamos anteriormente. Porém, dos 22 potenciais adjetivos encontrados na compilação das ocorrências, restou a locução adjetiva *da hora*, como mostra o exemplo (23).

(23) “[...] antes de eu não ter orkut eu só jogava barbie meu deus **baita da hora** eu amei este jogo barbie!”⁸⁴

O exemplo (24) mostra um caso de repetição hiperbólica, o mesmo que se verificou com *tri*, conforme apresentamos na seção 4.2.1.4.

(24) “Zé Ramalho Canta Bob Dylan, álbum que ele lançou há apenas quatro anos, é um **baita, baita, baita disco**. Inteligente, esperto, gostoso, popular, poético, musical.”⁸⁵

⁸¹ Exemplo disponível em: <<http://www.conquistarumhomem.com.br/como-fazer-um-homem-correr-atras/>>. Acesso em: abr. 2017.

⁸² Exemplo disponível em: <<http://www.empreendedor-digital.com/blogs-nao-prestam>>. Acesso em: abr. 2017. Aqui há um caso de *baita* combinado com *boa*. Uma *baita postagem* já é muito boa, o que sugere que *uma baita de uma postagem boa* denota uma postagem extremamente boa. Note-se que no exemplo não há artigo antes de *baita de uma postagem boa*, provavelmente por se tratar de uma interjeição.

⁸³ Exemplo disponível em: <<http://aurorabrasilis.blogspot.com/2013/06/aprenda-de-uma-vez-por-todas-o-que-seu.html>>. Acesso em: abr. 2017. Esse exemplo mostra um caso de um potencial adjetivo (*otário*) que foi substantivado pelo uso do artigo indefinido ‘um’.

⁸⁴ Exemplo disponível em: <<http://jogarjogosdabarbie.uol.com.br/jogo-online-de-pintar-unhas-para-meninas.html>>. Acesso em: abr. 2017.

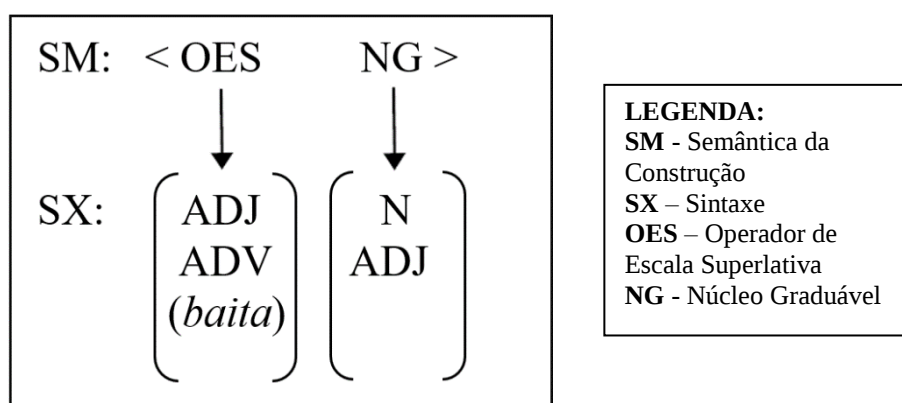
⁸⁵ Exemplo disponível em: <<http://farofafa.cartacapital.com.br/2013/04/12/para-seu-ze-ramalho-da-paraiba/>>. Acesso em: abr. 2017.

Outro caso que destacamos é o da expressão *que baita* [N], uma variação que substitui o uso do artigo indefinido pelo *que*. Nesse caso, o uso mais comum é o de interjeição, denotando surpresa, indignação ou alegria, por exemplo.

(25) “[...] aqui cabe bem a expressão gaúcha: “**que baita confusão**, tchê!”.”⁸⁶

Propomos que *baita* se encaixa, talvez provisoriamente, na Construção Superlativa Genérica, apresentada por Machado (2011), conforme ilustramos na Figura 13.

Figura 13 - Construção Superlativa Genérica: *baita*



Fonte: Elaborado pela autora.

A Figura 13 traz a adaptação da Construção Superlativa Genérica à expressão *baita*. Com relação à matriz original, há modificações relevantes. Uma diz respeito ao Operador de Escala Superlativa (OES): no caso de *baita*, o OES da construção, trata-se de um adjetivo, que ocupa a posição tradicionalmente pertencente a um advérbio ou afixo. Outra mudança está no Núcleo Graduável (NG), que é preenchido, nas expressões com *baita*, tipicamente por um substantivo (N), havendo casos menos frequentes de adjetivo (ADJ). O superlativo genérico possui como núcleo graduável típico um adjetivo ou um advérbio. Portanto, ao considerar-se *baita* como um operador de escala superlativa, está-se ampliando o núcleo graduável para outras classes gramaticais e, por consequência, estendendo a superlatividade para além de um núcleo graduável adjetival, como prescrevem as gramáticas normativas tradicionais.

Baita se mostrou um padrão bastante produtivo em termos de expressão de intensificação/superlatividade, considerando as 2022 ocorrências contabilizadas para nossa análise. Trata-se de um adjetivo que possui valor intensificador, elevando o substantivo que o sucede ao topo da escala da intensificação, um caso que pode ser estudado futuramente em

⁸⁶ Exemplo disponível em: <<http://obraspsicografadas.org/2013/cartas-de-uma-morta-x-a-vida-alm-do-vu-a-me-do-chico-a-me-do-owen/>>. Acesso em: abr. 2017. Esse exemplo faz referência a *baita* ser uma expressão gaúcha, indício de que, se não apenas gaúcha, trata-se de uma expressão comumente usada no Rio Grande do Sul.

termos mais aprofundados, a fim de verificar todas as ocorrências apresentadas pelo *Corpus* do Português ou mesmo por outros *corpora*.

4.2.3 De cair os butiá [do bolso]

De cair os butiá do bolso é uma expressão bastante usada pelos gaúchos, cujo sentido se traduz como expressão de espanto, surpresa, admiração, indignação, dentre outros possíveis fortes sentimentos. A questão é que a referida expressão intensifica um sentimento, funcionando de maneira semelhante a uma interjeição.

Segundo Nunes e Nunes (1984), em seu *Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul*, *butiá*, também *butiazeiro*, é uma espécie de coqueiro pequeno, cuja fruta, com o mesmo nome, é usualmente misturada na cachaça. O vocábulo é definido de forma semelhante em renomados dicionários que pesquisamos, além daqueles regionais, voltados a expressões do Rio Grande do Sul, conforme apresentamos no Quadro 8.

Quadro 8 - Definições de *butiá*

Aulete (2011, p. 249)	“sm. 1 Bot. Fruto comestível, de amêndoa gelatinosa, do butiazeiro. 2 Licor feito de butiá [...]”
Bossle (2003, p. 99)	“1. Bot. Espécie de coqueiro pequeno; butiazeiro. 2. Fruto do butiazeiro, usado para fazer licor. (Do tupi.)”.
Cunha (2010, p. 106)	“sm ‘nome de várias espécies de palmeiras’ 1899. Do tupi *muti’a”.
Aurélio (2009, p. 341)	“Palmeira (Cocos yatay) de folhas que se prestam a trabalhos trançados, e drupas comestíveis, de amêndoas oleaginosas, usadas no fabrico de bebida alcoólica [...]”
Houaiss e Villar (2009, p. 340)	“(1889) ANGIOS 1 design. comum às palmeiras do gên. Butia, com oito spp., nativas da América do Sul [...]”
Nunes e Nunes (1984, p. 76)	“Espécie de coqueiro pequeno e sua fruta. Butiazeiro. O butiá é muito apreciado para misturar na cachaça.”
Oliveira (2010, p. 55)	“Subs. Palmeira cultivada que produz pequenos coquinhos comestíveis, muito usados para se fazer licor.”

Fonte: Elaborado pela autora.

Percebe-se, a partir do Quadro 8, que as definições de *butiá* nos diferentes dicionários consultados em muito se assemelham, não havendo nenhuma menção ao uso da expressão *de cair os butiá do bolso*. Nem mesmo os dicionários regionais, Bossle (2003) e Nunes e Nunes (1984), apresentam acepção diferente daquela que designa o fruto ou a planta que o fornece.

Embora não mencione a expressão *de cair os butiá [do bolso]*, nem o vocábulo *butiá*, Fischer (1999, p. 39) inseriu em seu dicionário a expressão *cair a bunda*, cujo significado é deslumbrar-se, como em “Me caiu a bunda de ver o guri jogando bola”, ou ficar estarrecido ou indignado, como em “Me caiu a bunda a Fulana estar andando com aquela gente”, os quais se assemelham ao que *de cair os butiá [do bolso]* significa. Outra expressão difundida em Língua Portuguesa é *de cair o queixo*. Rocha e Rocha (2011, p. 375) apresentam, em seu *Dicionário de locuções e expressões da língua portuguesa*, a expressão *queixo caído*, a qual definem como “[e]mbasbacamento; admiração; extrema surpresa. (estar ou ficar de queixo caído é ficar pasmo, perplexo, admirado.)”.

Digitando a expressão no *Google*, muitos resultados são fornecidos, há várias explicações sobre a expressão (considerada como pertencente ao Rio Grande do Sul). Uma delas, por exemplo, está em um *site* sobre gírias, que define a expressão *me caiu os butiá do bolso* como “[n]ão acreditar em algo que aconteceu, se espantar com uma notícia [sic], etc.. (dando a idéia de que quando se pára de repente, os butiás (fruta pequena caracterísita [sic]) facilmente caem dos bolsos).”⁸⁷. Além de explicar o significado da expressão, os *sites*, em geral, classificam-na como regional, utilizada no Rio Grande do Sul. Um exemplo disso é um texto disponível no *site* da Revista Veja, intitulado “Ah! Eu sou gaúcho”, que lista dezesseis coisas típicas do Rio Grande do Sul, entre as quais está uma referência às expressões utilizadas pelos gaúchos: “No Rio Grande do Sul, [...] ‘**cair os butiá do bolso**’ remete a espanto, indignação ou surpresa [sic].”⁸⁸.

Há 5 ocorrências da expressão em questão no *Corpus* do Português, das quais 2 são repetições indicadas pelo próprio *Corpus*, restando apenas 3. Como ocorre com outras expressões analisadas a seguir, o baixo número de ocorrências pode ser característico de uma expressão regional mais utilizada na oralidade em situações informais de uso, que, como reiteramos em alguns casos, são mais dificilmente capturadas em *corpora* gerais. Abaixo, ilustramos as ocorrências.

(26) “Por fim, convenhamos T., patrulhar a vida amorosa / sexual dos outros é O FIM DA VÁRZEA! É “**de cair os butiá de o bolso**”.”⁸⁹

⁸⁷ Texto disponível em: <<http://www.qualeagiria.com.br/giria/me-caiu-os-butia-do-bolso/>>. Acesso em: jun. 2017. Há inúmeros *sites* com explicações sobre a expressão *de cair os butiá do bolso* e suas variações, como, por exemplo, *me caiu os butiá do bolso*, de modo que escolhemos um deles apenas para ilustrar nossa pesquisa.

⁸⁸ Texto disponível em: <<http://vejabrasil.abril.com.br/porto-alegre/materia/dia-do-gaucha-coisas-tipicas-de-gaucha-4863/>>. Acesso em: jun. 2017.

⁸⁹ Exemplo disponível em: <<http://escrevalolaescreva.blogspot.com/2012/08/tenho-22-anos-e-sou-virgem-sou-normal.html>>. Acesso em: abr. 2017.

(27) “Na página do Facebook deste evento, há uma resposta que, como dizem os gaúchos, é **de cair os butiá**.”⁹⁰

(28) “A da Chemical Plant do Sonic 2 é **de cair os butiá do bolso**.”⁹¹

Devido à baixa ocorrência da expressão no *Corpus* do Português, fizemos pesquisa adicional no *Corpus* Brasileiro, o qual não apresentou resultados. O próximo passo foi a pesquisa no *Google*, a qual forneceu vários exemplos com a expressão, dos quais escolhemos os seguintes:

(29) “Caiu tudo de seus devidos lugares: **o queixo da cara, os butiá do bolso, o cu da bunda**. Eu não acreditava em aquilo.”⁹²

(30) “É pra derrubar **os butiá**, os pequi, as figurinhas e o que mais tiver no bolso.”⁹³

O exemplo (29) expressa um sentimento de surpresa, de perplexidade com a realidade, contendo, além de *butiá*, as expressões que citamos anteriormente, verificadas nos dicionários: *de cair o queixo* e *de cair a bunda*, esta última com um acréscimo que a intensifica (*cair o cu da bunda*), todas com sentido semelhante. Já o exemplo (30) enumera diferentes objetos que podem cair do bolso, apresentando uma variação da expressão *de cair os butiá do bolso* para *é pra derrubar os butiá do bolso*.

A expressão *de cair os butiá do bolso* pode ser classificada como uma Construção Superlativa Causal Nominal, proposta por Carrara (2010), uma vez que indica uma causa resultante de uma situação que a provoca. Uma situação pode ser tão engraçada, ou tão trágica, que *os butiá caem do bolso*, ou seja, o impacto da situação é tão forte que provoca uma reação, em geral de perplexidade, que pode ser provocada por uma situação agradável ou não.

Em termos de matriz construcional, podemos adaptar a matriz proposta por Carrara (2010), para a Construção Superlativa Causal Nominal, consoante Figura 14.

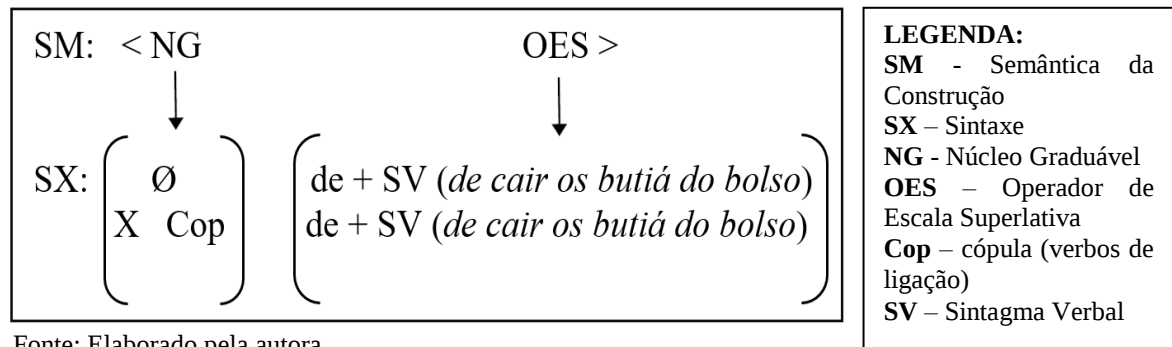
⁹⁰ Exemplo disponível em: <<http://victormartins.warmup.com.br/2013/06/03/a-varzea-de-rodas-15/>>. Acesso em: abr. 2017.

⁹¹ Exemplo disponível em: <<http://www.continue.com.br/desanimado-letargia-pessimismo-e-videogames/>>. Acesso em: abr. 2017.

⁹² Exemplo disponível em: <<http://www.cientistaqueviroumae.com.br/2013/02/senhora-senhora-se-chama-astolfo-o-dia.html>>. Acesso em: abr. 2017.

⁹³ Exemplo disponível em: <<http://papodehomem.com.br/era-uma-vez-bianca-e-eu-nao-sabia-o-que-falar/>>. Acesso em: abr. 2017.

Figura 14 - Construção Superlativa Causal Nominal: *de cair os butiá do bolso*



A Figura 14 mostra um Núcleo Graduável (NG), nesse caso nulo, uma vez que a expressão *de cair os butiá do bolso* funciona como uma interjeição, referindo-se a uma situação, não exatamente a um escopo preciso; um Operador de Escala Superlativa (OES), preenchido pela preposição *de* seguida de um verbo e seu complemento, padrão que atende à *de cair [os butiá do bolso]*, formando um Sintagma Verbal (SV). A forma alternativa é X (qualquer expressão como núcleo graduável) Cop (SER) e, em OES, de + SV.

4.2.4 Frio de renguear cusco / frio de rachar / frio de lascar

A fim de compreender a expressão *frio de renguear cusco*, é importante definir *renguear* e *cusco*. De acordo com o Houaiss (2009, p. 1644), *renguear* significa “tornar-se rengo ou coxo, mancar, claudicar (cavalo estava rengueando)”. Fischer (1999) define *cusco* como sinônimo de *cachorro*, termo muito usado na região da Campanha, e também na cidade, porém com um sentido pejorativo. O autor ressalta que um cachorro de raça não é chamado de cusco, normalmente. Há um contraste quanto a esse aspecto, já que para o gaúcho da Campanha o cusco é, além do cavalo, seu melhor amigo, e várias canções gaúchas evidenciam esse carinho pelo cachorro, como, por exemplo: “Cusco amigo”, de Francisco Vargas⁹⁴; “Meu cusco”, do grupo Os Monarcas⁹⁵. Podemos citar também o poema de Odilon Ramos: “Que diacho! Eu gostava do meu cusco”, no qual o poeta expressa terno carinho por seu cusco guaiepeca⁹⁶.

⁹⁴ Não encontramos a letra disponível na internet. Há, apenas, a canção.

⁹⁵ Letra disponível em: <<https://www.letras.com.br/os-monarcas/meu-cusco>>. Acesso em: abr. 2017.

⁹⁶ O referido poema está disponível nos seguintes sites: <<https://www.letras.mus.br/odilon-ramos/813416/>> e <

Nunes e Nunes (1984) definem *cusco* como um cão pequeno e de raça ordinária, e acrescentam que a possível origem do vocábulo seja *gozque*, do castelhano, que significa cão pequeno. Os autores apresentam *cusca*, como feminino de *cusco*, e *cusquinho*, como seu diminutivo.

Fischer (1999, p. 60) define *de renguear cusco* como uma expressão gauchesca, recuperada para o uso na cidade, que funciona como um qualificativo para o frio intenso, tão forte que torna o cusco rengo, causando-lhe um impacto físico. O autor sugere como sinônimo *frio de lascar*, sem explicação para *lascas*.

Na busca em *lista*, no *Corpus* do Português, foram encontradas 15 ocorrências, das quais quatro são repetições indicadas pelo *corpus*, todas acompanhando o adjetivo *frio*, com o intuito de intensificá-lo. O número baixo de ocorrências sugere uma expressão regional mais utilizada na oralidade em situações informais de uso, mais problemáticas para *corpora* gerais. Escolhemos três exemplos para representar a expressão:

- (31) “Três fortes motivos me fizeram entrar no restaurante: o frio ‘**de renguear cusco**’, como dizem os gaúchos [...]”⁹⁷
- (32) “Mas se eu pudesse escolher, prefiro esse clima de outono, nem **frio de renguear cusco**, nem calor dos infernos.”⁹⁸
- (33) “Segue uma receitinha de sopa de capeletti roots para aqueles **frios de renguear cusco**.”⁹⁹

Outra expressão utilizada para designar frio intenso é *frio de rachar*, com variações que contêm um substantivo como complemento para o verbo *rachar*, conforme os exemplos (35) e (36), em *frio de rachar as guampas* e *frio de rachar mamona*¹⁰⁰. No *Corpus* do Português, há 205 resultados na busca por *frio de rachar* no campo *lista*, dos quais apenas 26 são do Brasil, por exemplo:

<http://poesiasrs.blogspot.com.br/2009/02/que-diacho-eu-gostava-do-meu-cusco.html>>. Neste último, a autoria é atribuída à Alcy Cheuiche, motivo pelo qual citamos ambos os endereços eletrônicos, uma vez que não temos certeza sobre a autoria do poema.

⁹⁷ Exemplo disponível em: <http://paulofranke.blogspot.com/2013_04_01_archive.html>. Acesso em: abr. 2017.

⁹⁸ Exemplo disponível em: <<http://esclerosemultiplaeu.blogspot.com/2013/04/clima-de-bergamota-adoooooro.html>>. Acesso em: abr. 2017.

⁹⁹ Exemplo disponível em: <<http://thecookingfellowship.blogspot.com/>>. Acesso em: abr. 2017.

¹⁰⁰ *Mamona*, segundo uma das acepções do *Dicionário Houaiss*, é o “fruto da mamoneira, uma cápsula trícoca com espinescências moles” (2009, p. 1227).

(34) “Salário baixo, um **frio de rachar**, longos meses de completa escuridão, perigo constante, retorno seguro duvidoso.”¹⁰¹

(35) “Mas pensem em um **frio de rachar as guampas**.”¹⁰²

(36) “tá um **frio de rachar mamona** em São Paulo [...]”¹⁰³

Outras duas expressões, *frio de rachar pedra* e *frio de rachar mamona*, mostraram-se bastante produtivas, através de pesquisa no *Google*. No *Corpus* do Português e no *Corpus* Brasileiro não aparecem resultados para esse tipo específico, com exceção de um único exemplo com *frio de rachar mamona* fornecido pelo *Corpus* do Português, o que nos leva a deduzir que se trata de um caso de regionalidade, devido à ausência de resultados nos *corpora*. Contudo, os vários exemplos encontrados através da pesquisa no *browser* são suficientes para atestar a existência da expressão. Não contabilizamos o total de ocorrências resultantes da busca no *Google* devido à dificuldade em compilar exemplos que não sejam resultado da formação de um *corpus*, seguindo critérios rigorosamente estabelecidos, como os *corpora* anteriormente referidos. Escolhemos dois exemplos para atestar a existência das expressões:

(37) “Cara lá é um **frio de rachar pedra**.”¹⁰⁴

(38) “[...] levei na galhofa o boletim meteorológico local, que anunciava **frio de rachar mamona** para a hora do jogo de ontem.”¹⁰⁵

Pesquisando por *frio de rachar mamona*, encontramos a variação *sol de rachar mamona* e *calor de rachar mamona*, o que sugere que tanto o frio quanto o calor são condições climáticas capazes de provocar impacto na planta. Contudo, não se diz que está *calor de renguear cusco*, uma vez a temperatura fria é que, normalmente, provoca impacto nas articulações. O exemplo (39) contém a expressão *calor de rachar mamona*.

(39) “O **calor** está **de rachar mamona**, o sol está de derreter asfalto, parece que estamos em um deserto. Para os internautas, não faltam formas de expressar o quanto as altas temperaturas deste início de verão estão incomodando...”¹⁰⁶

¹⁰¹ Exemplo disponível em: <<http://blogprnewswire.com/2013/02/11/licao-de-marketing-com-o-primeiro-marinheiro-que-chegou-a-antartica/>>. Acesso em: jun. 2017.

¹⁰² Exemplo disponível em: <<http://michelunardi.blogspot.com/2011/07/e-ja-nao-se-fazem-mais-gays-como.html>>. Acesso em: jun. 2017.

¹⁰³ Exemplo disponível em: <<http://www.coisademaes.com/2013/08/os-famosos-e-seus-filhos-qual-e-a-diferenca-com-voce/>>. Acesso em: jun. 2017.

¹⁰⁴ Exemplo disponível em: <<https://www.mdig.com.br/index.php?itemid=13527>>. Acesso em: jun. 2017.

¹⁰⁵ Exemplo disponível em: <<http://esportes.estadao.com.br/noticias/geral,remorso-e-pe-gelado-imp-,567203>>. Acesso em: jun. 2017.

¹⁰⁶ Exemplo disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2016/12/29/nao-esta-aguentando-o-calor-refresque-a-alma-com-esses-memes.htm>>. Acesso em: jun. 2017.

com o sentido de ter muito medo. Nesse sentido, a expressão *medo que me pelo* pode adquirir o sentido de um sentimento tão forte que se apodera da consciência do sujeito que o sente, ou seja, quando você se pela de medo, você fica despido de reação, de coragem, uma vez que o medo se apoderou de você, e, provavelmente, fato que ocorreu de forma indevida, sem o seu consentimento.

O Quadro 9 apresenta as definições de *pelar-se de medo* encontradas em quatro dicionários consultados, porém sem explicação sobre sua possível origem.

Quadro 9 - Definições para *pelar-se de medo* encontradas no verbete *medo*

Aulete (2011, p. 909)	“Pelar-se de ~ Ficar apavorado [...] Ter um ~ que se pela. Ver Pelar-se de medo”.
Rocha e Rocha (2011, p. 343)	“pelar-se de medo. Ter muito medo.”
Aurélio (2009, p. 1301)	“Pelar-se de medo. Ter um medo que se pela. [...] Ter um medo que se pela. Ter medo excessivo; pelar-se de medo.”
Houaiss e Villar (2009, p. 1264)	“pelar-se de m. ser tomado por grande pavor”

Fonte: Elaborado pela autora.

A busca em *lista* no *Corpus* do Português forneceu 5 resultados, porém todos de Portugal. Fazendo uma pesquisa no *Google* para *medo que me pelo*, encontramos apenas duas ocorrências. Pesquisando pela variação *medo que se pela*, referente à terceira pessoa, aparecem mais resultados, os quais não inserimos em nossa contagem por não serem parte de um *corpus* tratado e organizado, fato que dificulta, se não impossibilita, uma contagem razoavelmente precisa. Novamente, o número baixo de ocorrências é um indício de que se trata de uma expressão regional mais utilizada na oralidade em situações informais de uso, não sendo recorrente em *corpora* gerais, o que demonstra a necessidade de pesquisas adicionais com *corpora* orais regionais, assim como acontece com outras expressões analisadas neste capítulo.

(40) “Medo - **medo que me pelo**, como diria minha avó - eu sinto mesmo é de lagartixa.”¹⁰⁷

(41) “Tenho **medo que me pelo** de ficar velho com papo?”¹⁰⁸

(42) ““Acredite quem quiser. Quem trabalha com ela (ministra Dilma Rousseff) tem um **medo que se pela**.””¹⁰⁹

¹⁰⁷ Exemplo disponível em: <<http://mimeographo.blogspot.com.br/2006/01/medo-que-me-pelo.html>>. Acesso em: abr. 2017.

¹⁰⁸ Exemplo disponível em: <<https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20161218052517AAaVULG>>. Acesso em: abr. 2017.

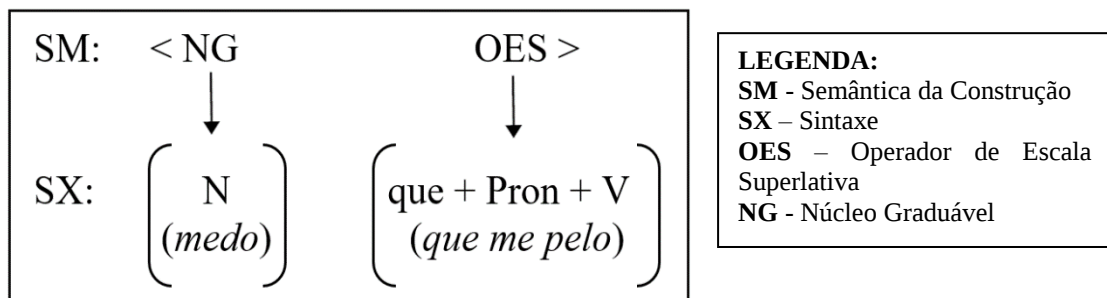
- (43) “O desespero tem um medo danado, tem um **medo que se pela** de quem amanhece com música alta e dança.”¹¹⁰

No *Corpus Brasileiro*, encontramos uma ocorrência.

- (44) “Tenho **medo** disto **que me pelo**; em pequeno vi morrer três sujeitos de pancada com as tais cataporas!”

A expressão *medo que me pelo* é mais uma (além de *de cair os butiá [do bolso]*, *frio de renguear cusco*, *frio de rachar* e *frio de lascar*) que pode ser classificada como Construção Superlativa Causal Nominal (CARRARA, 2010). O medo é tão intenso que a pessoa se pela, despe-se de sua coragem. A Figura 16 exemplifica a matriz construcional para a expressão.

Figura 16 - Construção Superlativa Causal Nominal: *medo que me pelo*



Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme a Figura 16, temos, no nível semântico, um Núcleo Graduável (NG), nesse caso específico, o substantivo *medo*, e um Operador de Escala Superlativa (OES), *que + Pronome + Verbo* (ou verbo pronominal) *me pelo*, que atua como intensificador de *medo*.

4.2.6 *Que dói*

Carrara (2010) estudou a Construção Superlativa Causal Nominal *de doer*, que indica uma causa de impacto físico. Consideramos a expressão *que dói* como uma variação da Construção Superlativa Causal Nominal *de doer*. Por essa razão a incluímos em nossa análise. Um dos exemplos mencionados por Carrara é “não se fazem duas aventuras daquelas, e a

¹⁰⁹ Exemplo disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br/Impresso/?Ano=115&Numero=19&Caderno=0&Noticia=43981>>. Acesso em: jun. 2017.

¹¹⁰ Exemplo disponível em: <<http://www.pedrinhofonseca.com/doseupai/2014/8/16/teresa-e-joo>>. Acesso em: jun. 2017.

minha foi **de doer**.”, no qual *de doer* intensifica o substantivo *aventura*. Da pesquisa em *lista* no *Corpus* do Português resultaram 1674 ocorrências¹¹¹. Eliminados casos de repetição, exemplos de outros países que não o Brasil e casos que não expressam superlatividade/intensificação, restaram 70 ocorrências, das quais 64 são de adjetivos que antecedem *que dói* e 6 de substantivos, distribuídas em seis padrões estruturais, conforme mostra o Quadro 10.

Quadro 10 - *Que dói*: escopo da intensificação/superlatividade

Escopo + <i>que dói</i>	Número de ocorrências
[Adj] <i>que dói</i>	53
[Adj] <i>que dói</i> [SP]	5
[Adj] <i>que dói</i> [N]	2
Tão [Adj] <i>que dói</i>	2
Tão [Adj] <i>que dói</i> [SP]	2
[N] <i>que dói</i>	6
Total de ocorrências	70

Fonte: Elaborado pela autora.

A seguir, apresentamos exemplos com cada escopo:

- a) **[Adj] *que dói***: esse padrão foi o mais produtivo em nossa busca, com 53 ocorrências de um total de 69. Foi possível perceber que a maioria dos adjetivos que antecedem a expressão *que dói* são negativos, talvez devido ao fato de a dor ser algo, em geral, desagradável.

(45) “Concordo que Neymar é **feio que dói**, mas esse é o menor dos problemas.”¹¹²

(46) “Já posteí outra vez a minha paixão pelos produtos da marca, o único problema mesmo é o valor... **salgadinho que dói**.”¹¹³

(47) “O goleiro era o Toinho, não Tonho. **Ruim que dói**, mas raçudo.”¹¹⁴

No exemplo (45), *feio que dói* intensifica a feiura do jogador de futebol, uma característica negativa, de certa forma. O exemplo (46) faz alusão a um preço muito

¹¹¹ Da pesquisa no *Corpus* Brasileiro, resultaram 1325 ocorrências, motivo pelo qual não utilizamos esse *corpus*.

¹¹² Exemplo disponível em: <<http://acertodecontas.blog.br/artigos/por-que-o-comercial-da-lupo-com-ney-mar-contem-homofobia/>>. Acesso em: jun. 2017.

¹¹³ Exemplo disponível em: <<http://www.mamaesvaidosas.com.br/2013/06/testei-e-aprovei-redermic-hyalu-c-olhos.html>>. Acesso em: jun. 2017.

¹¹⁴ Exemplo disponível em: <<http://www.arquibancadatricolor.com.br/forum/viewtopic.php?p=300571>>. Acesso em: jun. 2017.

alto através do adjetivo *salgadinho*, que já funciona, por si só, como uma forma intensificadora, pelo uso do sufixo *-inh* em *salgad-*, nessa acepção metafórica de que um preço alto é salgado, difícil de ingerir. No entanto, não sendo a forma *salgadinho* suficiente para expressar o quão alto é o preço do produto, o falante usou *salgadinho que dói*, o que nos faz presumir que o preço é realmente muito alto.

b) **[Adj] que dói [SP]**: essa variação da expressão **[Adj] que dói** tem como acréscimo um Sintagma Preposicional (SP), que indica o local onde o escopo da expressão dói. Durante a contagem dos exemplos, deparamo-nos com diversos casos de expressões que, em um primeiro momento, pareciam indicar superlatividade, mas, através da análise mais atenciosa do contexto, revelaram-se como intensificadoras de uma dor física ou emocional, como, por exemplo, *frio que dói no corpo* e *ruim que dói no peito*.

(48) “É tanto contrato com valores **exorbitante que dói** até **nas costas da população...**”¹¹⁵

(49) “Melancolia **conformista que dói em cada pedacinho do ser.**”¹¹⁶

(50) “Com razão, ele é preto e ela é **loira que dói nas vistas.**”¹¹⁷

O exemplo (48) intensifica o adjetivo *exorbitante*, e o fato de doer nas costas da população pode ser um indicativo de que ela é quem paga a conta. O exemplo (49) intensifica o adjetivo *conformista*, que caracteriza o substantivo *melancolia*. Trata-se de uma melancolia muito conformista, em grau tão intenso que chega a doer “em cada pedacinho do ser”. Esse Sintagma Preposicional também atua, de certa forma, como colaborador para a intensificação de *melancolia conformista*, devido a seu grau de detalhamento, pois não se trata de uma dor qualquer, mas aquela que dói em cada parte constituinte do ser que a sente. Por fim, o exemplo (50) intensifica uma característica física, *loira*, que no contexto está contrastada com *preto*, comparação que chama atenção porque a pessoa descrita no exemplo não é apenas *loira*, mas sim, *loira* que chega a doer nas vistas, de tão forte a sua característica.

¹¹⁵ Exemplo disponível em: <<http://www.blogdomayconalves.com/2013/07/rapidinhas-do-blog.html>>. Acesso em: jun. 2017.

¹¹⁶ Exemplo disponível em: <<http://mvcee.blogspot.com/2013/06/queria-te-dizer-que.html>>. Acesso em: jun. 2017.

¹¹⁷ Exemplo disponível em: <<http://www.tradutorprofissional.com/o-preto-e-o-negro/>>. Acesso em: jun. 2017.

- c) **[Adj] que dói [N]**: esse padrão, assim como o anterior (**[Adj] que dói [SP]**), tem como constituinte um complemento que indica o lugar onde dói, mas que não está sendo introduzido por preposição. Apenas duas ocorrências se encaixam nessa forma.

(51) “Além do mais, o Zune é **feio que dói a alma**.”¹¹⁸

(52) “Fora que pra variar, tem cada carrinho **feio que dói os zoio do diabo**.”¹¹⁹

- d) **Tão [Adj] que dói**: nesse caso, o advérbio de intensidade *tão* tem a função de reforçar a superlatividade já expressa em *que dói*, contando o adjetivo com dois recursos de intensificação. Uma característica é tão forte, tão marcante, que provoca impacto físico de dor.

(53) “Que as vezes a guria parece ser **tão bonita que dói**.”¹²⁰

(54) “A busca pelo perfeito é **tão ridículo que dói** [...]”¹²¹

O exemplo (53) contém a intensificação do adjetivo *bonita*, enfatizado pelo uso de *tão* e resultante em impacto físico, metaforicamente. O mesmo acontece com o exemplo (54).

- e) **Tão [Adj] que dói [SP]**: essa variação da expressão **[Adj] que dói [SP]** tem como característica o acréscimo de *tão*. Uma característica é tão intensa que provoca dor, nesse caso, em sentido metafórico.

(55) “A lua está **tão bonita que dói por dentro** [...]”¹²²

- f) **[N] que dói**: o padrão com substantivo foi o menos produtivo, com apenas 6 ocorrências das 70 totais.

¹¹⁸ Exemplo disponível em: <<http://applemania.info/?p=3067>>. Acesso em: jun. 2017.

¹¹⁹ Exemplo disponível em: <<http://bandeiraverde.com.br/2011/06/06/superleague-pra-que/>>. Acesso em: jun. 2017.

¹²⁰ Exemplo disponível em: <<http://4verbos.com.br/tu-te-apaixona/>>. Acesso em: jun. 2017.

¹²¹ Exemplo disponível em: <<http://escrevalolaescreva.blogspot.com/2012/09/guest-post-racismo-no-salao-cabeleireiro.html>>. Acesso em: jun. 2017.

¹²² Exemplo disponível em: <<http://semamorsoaloucura.blogspot.com/2006/09/meio-silncio.html>>. Acesso em: jun. 2017. Há duas ocorrências dessa expressão, que, embora idênticas, são contabilizadas como duas pelo *corpus* por aparecerem em dois trechos distintos.

contabilizamos, foram considerados positivos apenas *cômico*, *bonito* e *bonita*, e encontramos *branquinho* e *loira*, os quais, nos contextos em que estão inseridos, não indicam algo positivo ou negativo, apenas uma característica.

4.2.7 *Para cacete /pra cacete /do cacete e para caralho / pra caralho / do caralho*

Embora normalmente consideradas expressões vulgares, *pra cacete* e *pra caralho* são amplamente usadas com sentido de intensificação¹²⁶. Mesmo sem ter pronunciado a expressão *chato pra caralho*, um falante de Língua Portuguesa sabe que se trata de alguém que é muito chato, bem além da conta. Rocha e Rocha apresentam essas expressões em seu *Dicionário de locuções e expressões da língua portuguesa* e definem *pra cacete* como muito, demais, e *pra caralho* como “[e]m grande quantidade; à beça.” (2011, p. 363). Embora *caralho* e *cacete* designem pênis, os autores consideram como chula apenas *pra caralho*, talvez porque *cacete* tenha outros significados, como veremos a seguir.

Cunha, no *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, também define *caralho* como pênis, do latim *caracūlu*, que significa “pequeno pau”, que deriva do grego *chárax*, “estaca, paliçada” (2010, p. 126); no mesmo dicionário, *cacete* é definido como “bordão, porrete”, seguido de variações como *cassetete*, um “cacete curto, usado, em geral, por policiais” (p. 109).

Fischer apresenta *caralho!* como interjeição: “Usa-se dizer a palavra assim, exclamativamente, para expressar desgosto, contrariedade, fúria. Como no espanhol ‘carajo’. Também se diz ‘Porra do (ou ‘dum’) caralho!’, no mesmo sentido.” (1999, p. 42).

Nunes e Nunes definem *cacete* como “[p]essoa importuna, impertinente” (1984, p. 79), acepção diferente de todas as outras. Os autores definem *carajo* como uma interjeição que exprime admiração, com o mesmo sentido de *caramba!* (p. 92), o que reitera a menção de Fischer a *carajo*.

O Quadro 11 apresenta as definições encontradas para o vocábulo *cacete*.

¹²⁶ Encontramos um texto sobre o poder do palavrão, no qual são mencionadas, dentre outras, as expressões *pra caralho*, *do cacete* e *puta casa*. O autor discute a força dessas expressões, sendo elas as melhores escolhas em termos de expressividade em diversos contextos. O texto está disponível em um *blog*, no seguinte endereço eletrônico: <<http://www.marcelo.com.br/o-poder-inigualavel-da-superlatividade-do-palavrao/>>.

Quadro 11 - Definições de *cacete*

Aulete (2011, p. 255)	“ sm. 1 Peça de pau com uma das extremidades mais grossa do que a outra [...] 3 <i>Tabu</i> . O pênis s2g . 4 Pessoa maçante a2g 5 Enfadonho, chato (sujeito <u>cacete</u>) interj. 6 <i>Bras. Tabu</i> Exprime espanto ou contrariedade”
Bossle (2003, p. 104)	“ adj.2g. Pessoa que abusa da paciência dos outros; maçante, importuno, impertinente.”
Cunha (2010, p. 109)	“ sm. ‘bordão, porrete’ 1831; adj. s2g. ‘maçante’ XX. Talvez dim. de <i>caço</i> ‘vasilha com cabo’, em alusão à pequena dimensão do cabo”
Aurélio (2009, p. 352)	“1. Peça de pau com uma das pontas mais grossa que a outra [...] 2. S 2 g. 2. V maçante (2). 3. <i>Bras. Pop.</i> O pênis; caceta.”
Houaiss e Villar (2009, p. 352)	“ s.m. (1831) 1 pedaço de madeira, mais ou menos cilíndrico, ger. mais grosso numa das pontas, us. esp. para desferir pancadas [...] 3 <i>infrm.</i> ou <i>tab.</i> pênis; caceta adj2g.s.2g. 4 que ou o que provoca tédio, enfado, aborrecimento; maçante [...] interj. <i>B. infm.</i> ou <i>tab.</i> 6 expressa apreensão, lembrança repentina, aborrecimento [...] do c. <i>B infm.</i> muito interessante, muito bom [...] pra c. <i>B infm.</i> ou <i>tab.</i> muito, em grande quantidade ou intensidade; pra caceta”
Nunes e Nunes (1984, p. 79)	“ s. Pessoa importuna, impertinente.”
Oliveira (2010, p. 57)	“ Subs. Pessoa importuna; maçante.”

Fonte: Elaborado pela autora.

Os dicionários tradicionais de Língua Portuguesa apresentam definições semelhantes para *cacete*, porém apenas o Houaiss menciona as expressões *do cacete*, com o sentido de muito bom, e *pra cacete*, expressando grande quantidade ou intensidade. Na acepção 2 do Aurélio, há uma instrução para ver *maçante*, verbete que possui, como um de seus significados, *cacete*, que se refere a uma pessoa ou trabalho chato (p. 1241), única acepção apresentada por Bossle e Nunes e Nunes, o que pode ser um indicativo de regionalidade, embora não se possa ter certeza, já que os demais dicionários não fazem nenhuma alusão à origem de *cacete* com o significado de *chato*. Outro dado a ser observado é a acepção de *pênis*, tratada como tabu no Aulete, popular no Aurélio, e ambas possibilidades no Houaiss, o que sugere que depende da situação em que se usa o vocábulo. Cunha (2010), que apresenta a etimologia dos vocábulos, não menciona a acepção *pênis* para o verbete *cacete*.

Buscando no campo *lista*, no *Corpus* do Português, encontramos as frequências de 546 (*pra cacete*) e 40 (*para cacete*), que somadas totalizam 586 ocorrências. A pesquisa foi feita no campo *colocados*, no qual selecionamos os seguintes números de palavras antes e depois da expressão que estávamos buscando: 3 à esquerda e 0 à direita (3/0) na busca por colocados para *para a cacete* e 2 à esquerda e 0 à direita (2/0) na busca para *para cacete* e *pra cacete*.

Verificamos que as expressões *para cacete*, *pra/prá cacete* (ou *para a cacete*¹²⁷) normalmente são antecedidas de [ADJ], [V] e [N], com raras ocorrências com advérbios (24). Das 586 ocorrências, eliminados casos de repetição, aqueles que não indicavam superlatividade e exemplos de outros países que não o Brasil, restaram 493 exemplos, dos quais 265 são precedidos por [ADJ], 173 [V], 31 [N] e 24 por [ADV]. Pesquisamos a expressão *do cacete* no *Corpus* do Português, que exibe quatro resultados, sendo dois do Brasil e dois de Portugal. Como não encontramos resultados para *do cacete* que expressassem superlatividade nesse *corpus*, buscamos no *Corpus* Brasileiro, via Linguatca, inserindo *cacete* na caixa de busca, o que resultou em 431 ocorrências, das quais 18 são *do cacete* e expressam superlatividade/intensificação. O Quadro 12 apresenta esses números em termos de escopos e ocorrências.

Quadro 12 - *Para cacete / pra cacete*: escopo da intensificação/superlatividade

Escopo	[Adj]	[V]	[N]	[Adv]
Pra/Prá cacete	252	159	30	23
Para cacete	13	14	1	1
Do cacete	1	-	17	-
Total de <i>tokens</i>	266	173	48	24
Total geral de ocorrências: 511				

Fonte: Elaborado pela autora.

Das ocorrências com escopo [ADJ], tem-se atributos positivos e negativos, o que evidencia que *para cacete* e seus derivados podem intensificar qualquer adjetivo. Quando se trata do escopo [N], a expressão *para cacete* serve como um marcador de grande quantidade ou de intensificação, conforme o contexto de uso.

Selecionamos exemplos para cada classe gramatical que precede a expressão em questão:

¹²⁷ No *Corpus* do Português tem-se acesso ao texto expandido, no *link* da coluna BR. Nesse caso, encontra-se *para a cacete*, mas acessando o texto completo original pelo *link* oferecido em *Source*, no cabeçalho da página do texto expandido, constata-se que todos os casos de *para a cacete* são, na verdade, *pra cacete*. Os casos de *prá cacete* consideramos na contagem de *pra cacete*, sem o acento agudo, por se tratar de uma variação meramente ortográfica. Decidimos separar apenas *para cacete* e *pra cacete* por julgarmos que a o uso da redução ‘pra’ indica maior grau de informalidade, mesmo sendo a expressão em si informal.

a) *[Adj] para cacete / pra cacete*

(59) “[...] e um pouco de bom humor e não se levar tão a sério assim (a ponto de virar uma **chata de galocha pra cacete**) faz bem, né não?”¹²⁸

(60) “Só que o Forrest era legal, o Tom Hanks 10 vezes mais ator do que a Zooey e o filme **bom pra cacete**.”¹²⁹

(61) “[...] os caras do balcão são **mal educados pra cacete**, mas divertidos [...]”¹³⁰

O exemplo (59) ilustra uma intensificação sobre outra intensificação, pois *chato de galocha* já é uma intensificação, representada por *de galocha*, alguém muito chato. Como ser *chato de galocha* não foi o suficiente para o falante expressar a intensidade da chatice, atribuiu-lhe o intensificador *para cacete*. Nos exemplos (60) e (61), *pra cacete* intensifica um adjetivo positivo e outro negativo, respectivamente.

b) *[V] para cacete / pra cacete*

(62) “Nos últimos dois anos, **choveu pra cacete** durante a prova paulistana da Indy.”¹³¹

(63) “Você que está aí enalhada (o) e procurando um coitado (a) para se casar com você, morra de inveja dessas pessoas que se casaram várias vezes! Por outro lado você aí que está infeliz no seu casamento, separe-se, se case de novo! Talvez um dia você fique feliz como esse tiozinho aí da foto! Confira 8 histórias bizarras de pessoas que se **casaram para a cacete**!”¹³²

(64) “Também estamos tristes, pois **trabalhamos para cacete**.”¹³³

No caso do escopo verbo [V], a intensificação pode ter sentidos diversos, dependendo do contexto. No exemplo (62), *choveu pra cacete* significa que choveu com forte intensidade, em grande proporção. Em (63), *casaram pra cacete* não significa que se

¹²⁸ Exemplo disponível em: <<http://www4.cinemaemcena.com.br/diariodebordo/?p=544>>. Acesso em: abr. 2017.

¹²⁹ Exemplo disponível em: <<http://frappuccinomochabranco.blogspot.com/2013/01/porque-eu-nao-suporto-zooey-deschanel.html>>. Acesso em: abr. 2017.

¹³⁰ Exemplo disponível em: <<http://napraticaateoriaeoutra.org/?p=4525>>. Acesso em: abr. 2017. Nesse caso, consideramos adjetivo aquelas locuções grafadas com hífen de acordo com a nova ortografia, como em *mal-educado*. Nos casos em que o advérbio acompanha um adjetivo, *mal pintadas* e *bem filmada*, por exemplo, contabilizamos *mal* e *bem* como advérbios, independentemente da grafia apresentada pelo *Corpus*. Os casos de *mau* e *mal* foram contabilizados de acordo com a função, independentemente da grafia no *Corpus*.

¹³¹ Exemplo disponível em: <<http://bandeiraverde.com.br/tag/rubens-barrichello/>>. Acesso em: abr. 2017.

¹³² Exemplo disponível em: <<http://www.vodkanerd.com.br/2013/07/as-pessoas-que-mais-se-casaram-no-mundo.html>>. Acesso em: abr. 2017.

¹³³ Exemplo disponível em: <http://rudsonkitriedge.blogspot.com/2013/09/criticado-pela-ipe-avalia-contratacoes-e.html>.

casaram muito, no sentido de intensificar o verbo *casaram*, mas que se casaram diversas vezes. Já em (64), *trabalharam para cacete* expressa potência, o quanto trabalharam, quanta energia empregaram no trabalho, em uma das interpretações possíveis.

c) *[N] para cacete / pra cacete*

(65) “Conheço gente ‘estudada’ que investiu **dinheiro pra cacete** nisso.”¹³⁴

(66) “GETÚLIO DORNELES VARGAS! O cara foi FODA! Fez **coisa pra cacete!**”¹³⁵

(67) “Esse Bottas, veja bem, tem a maior cara de alemãozinho balofo que comia **chocolate pra cacete** e tomava cueção no ensino primário.”¹³⁶

Os exemplos (65), (66) e (67) têm um substantivo (*dinheiro*, *coisa* e *chocolate*, respectivamente) intensificado em termos de quantidade, proporção.

d) *[Adv] para cacete / pra cacete*

(68) “É, eu por exemplo a 9 anos atrás, tinha rotina bem desgastante e ganhava **mal pra cacete!**”¹³⁷

(69) “Avante É engraçado como a mídia flapress e a torcida deles se iludem facilmente e passam a falsa idéia de que estão **bem pra cacete** [...]”¹³⁸

(70) “Você provavelmente foi dormir **tarde pra cacete** e com certeza acordou cedo [...]”¹³⁹

Os exemplos (68), (69) e (70) têm um advérbio sendo intensificado com relação à circunstância que expressam.

Com um significado muito semelhante à *cacete* em termos de superlatividade, apresentamos as definições para o vocábulo *caralho*, conforme Quadro 13.

¹³⁴ Exemplo disponível em: <<http://acertodecontas.blog.br/economia/esquecam-a-telexfree-e-a-bbom-o-negocio-e-a-priples/>>. Acesso em: abr. 2017.

¹³⁵ Exemplo disponível em: <<http://jorgeroriz.wordpress.com/a-carta-que-getulio-vargas-deixou-ao-se-suicidar/>>. Acesso em: abr. 2017.

¹³⁶ Exemplo disponível em: <<http://bandeiraverde.com.br/category/pitacos/>>. Acesso em: abr. 2017.

¹³⁷ Exemplo disponível em: <<http://papodehomem.com.br/trabalhar-demais-ate-que-ponto-id-5/>>. Acesso em: abr. 2017.

¹³⁸ Exemplo disponível em: <<http://blogs.lancenet.com.br/doente-botafogo/2013/08/12/perdemos-pontos-mas-e-preciso-ter-tranquilidade-para-ser-campeao/>>. Acesso em: abr. 2017.

¹³⁹ Exemplo disponível em: <<http://www.trocistas.com/veiga/bom-dia-por-que/>>. Acesso em: abr. 2017.

Quadro 13 - Definições de *caralho*

Aulete (2011, p. 284)	“Tabu. sm. 1. O pênis interj. 2. Us. para exprimir espanto, admiração 3 Us. para demonstrar raiva [F.: Posv. do lat. caraculu.] Pra ~ Bras. Chulo Em grande quantidade ou intensidade.
Bossle (2003, p. 123)	“CARAJÓ, INTERJ. Exprime admiração; caramba. (O ‘j’ se pronuncia à espanhola).”
Cunha (2010, p. 126)	“sm. ‘pênis’ XIII. Do lat. * caracūlu ‘pequeno pau’, deriv. do gr. chárax ‘estaca, paliçada’.”
Aurélio (2009, p. 400)	“S. m. Chulo 1. O pênis. Interj. 2. Designa irritação, indignação [...] Pra caralho. Bras. Chulo Em grande quantidade, força ou intensidade; à beça. [Tb. se usam as f. contratas paca e pacas.]”
Houaiss e Villar (2009, p. 399)	“ <i>tab. 1</i> o pênis <i>interj.</i> . <i>tab. 2</i> expressão us. para demonstrar admiração, entusiasmo [...] 3 expressão que indica indignação [...] para ou pra c. <i>B tab. 1</i> muito, demais, extremamente [...] 2 em profusão, em grande quantidade; à beça [...] uso com o sentido de loc. empregam-se tb. as reduções <i>paca</i> , <i>pacas</i> e <i>praça</i> ”
Nunes e Nunes (1984, p. 92)	“CARAJÓ, interj. Exprime admiração. O j é gutural. Tem o mesmo sentido de caramba!”.
Oliveira (2010, p. 67)	“CARAJÓ! – Interj. Interjeição de admiração ou espanto. O mesmo que <i>caramba!</i> ”

Fonte: Elaborado pela autora.

Há considerável semelhança entre as acepções apresentadas pelos dicionários de Língua Portuguesa para *caralho*, que significa *pênis*, sendo considerado um vocábulo chulo pelo Aurélio e tabu pelo Aulete e Houaiss. Ao mesmo tempo, pode ser usado como interjeição para expressar admiração ou indignação e, também, na expressão *pra caralho*, aludindo à grande quantidade. O Aurélio apresenta, ainda, as reduções *paca* e *pacas*, também contidas no Houaiss, que menciona *praça*.

Através de pesquisa adicional na internet, encontramos uma definição para *caralho* que difere das apresentadas pelos dicionários: *caralho* é o nome da cesta que existia nos navios antigos, local onde um marinheiro ficava para vigiar e identificar obstáculos à frente. Como se tratava de um lugar desconfortável, que balançava muito, causando enjoos, não era do gosto dos marinheiros passar um tempo no *caralho*, local que acabava, muitas vezes,

servindo como punição para alguma infração cometida a bordo¹⁴⁰. A partir desse significado, podemos inferir o sentido de expressões como *raça do caralho*, recorrente em nossas pesquisas como uma crítica aos policiais, que pode, mesmo sem os falantes terem consciência, referir-se a uma raça inferior, pois quem ficava no *caralho* das embarcações era, ao que tudo indica, aqueles que não podiam escolher, fosse por castigo ou por posição hierárquica. Outra inferência que podemos fazer a partir dessa definição de *caralho* é que o vocábulo não significa, necessariamente, algo chulo, um palavrão que vise ofender.

Contudo, tomando a acepção da cesta sujeita a balanços constantes no navio, algo que não se configura muito agradável, vemos uma inversão de significado nas expressões do tipo *lugar do caralho*, que pode significar um lugar muito bom. O que decide se o uso da expressão é positivo ou negativo é o contexto no qual ela está inserida.

As frequências resultantes da busca em *lista*, no *Corpus* do Português, foram 1176 (*pra/prá caralho*) e 77 (*para caralho*), distribuídas entre os respectivos escopos, conforme Quadro 14.

Quadro 14 – *Pra / prá caralho / para caralho*: escopo da intensificação/superlatividade

Escopo	[Adj]	[V]	[N]	[Adv]
<i>Pra/Prá caralho</i>	442	279	39	33
<i>Para caralho</i>	26	15	-	1
<i>Do caralho</i>	-	-	-	-
Total de tokens	468	294	39	34
Total geral de ocorrências: 835				

Fonte: Elaborado pela autora.

Alguns exemplos com a expressão *pra/prá/para caralho*, separados por escopo, são:

a) **[Adj] pra / prá / para caralho**

(71) “Certo dia navegando pela TV Tropes, eu encontrei o artigo chamado So Bad it's Horrible, que nada mais é do que uma listagem descritiva de várias produções que são **ruins pra caralho** ao ponto de serem quase inassistíveis”¹⁴¹

(72) “O texto é longo, **chato pra caralho** e quem gosta de discussões sobre motores e pistas deve parar por aqui.”¹⁴²

¹⁴⁰ Ver os textos disponíveis nos endereços eletrônicos: <<http://saibahistoria.blogspot.com.br/2013/08/historia-da-palavra-caralho.html>> e <<http://www.recantodasletras.com.br/gramatica/3685408>>. Acesso em: jun. 2017.

¹⁴¹ Exemplo disponível em: <<http://theblackcatworld.blogspot.com/2010/07/beauty-and-warrior-possivelmente-pior.html>>. Acesso em: abr. 2017.

¹⁴² Exemplo disponível em: <<http://bandeiraverde.com.br/2010/05/05/por-que-o-povo-gosta-do-senna-e-detesta-o-piquet/>>. Acesso em: abr. 2017.

- (73) “Oidupaa Vladimir Oiun é tipo um Deus da música tuva, com todas aquelas técnicas **legais pra caralho** de cantar, o famoso ‘throat singing’ e já até figurou por aqui na nossa Mixtape da Primavera.”¹⁴³

Os exemplos (71) e (72) têm como escopo da expressão um adjetivo negativo, enquanto (73) intensifica um adjetivo positivo, o que mostra que *pra caralho* é usado para reforçar qualidades consideradas boas ou ruins.

b) [V] *pra / prá / para caralho*

- (74) “[...] acerte um tapa-de-leão no pescoço. Isso **dói pra caralho**, desnuka!”¹⁴⁴

- (75) “Como assim, velho? O cara **canta pra caralho, toca pra caralho, compõe pra caralho!** Qual o problema?!”¹⁴⁵

- (76) “O Rhodolfo **jogou pra caralho** no Atlético”¹⁴⁶

No exemplo (74), *dói pra caralho* intensifica a potência da dor. Em (75), a intensificação dos verbos *cantar*, *tocar* e *compor* diz respeito à qualidade das ações, da mesma forma que ocorre em *jogou pra caralho*, no exemplo (76), descrevendo a qualidade positiva do desempenho (na ação de jogar) do jogador.

c) [N] *pra / prá / para caralho*

- (77) “[...] conheci muita gente nas esquinas, gastei **grana pra caralho** e tudo mais.”¹⁴⁷

- (78) “sou **fã pra caralho** do pp34, minha primeira camiseta de nba foi dele”¹⁴⁸

- (79) “Eu era moleque, tinha 13 anos, **moleque pra caralho**, e totalmente influenciado pela geração do rock dos anos 80”¹⁴⁹

¹⁴³ Exemplo disponível em: <<http://www.altnewspaper.com/>>. Acesso em: abr. 2017.

¹⁴⁴ Exemplo disponível em: <<http://papodehomem.com.br/50-maneyras-de-se-derrubar-alguem-maior-que-voce/>>. Acesso em: abr. 2017.

¹⁴⁵ Exemplo disponível em: <<http://bandadesenhada01.blogspot.com/2012/02/cuide-de-voce.html>>. Acesso em: abr. 2017.

¹⁴⁶ Exemplo disponível em: <<http://spfc.terra.com.br/forum2.asp?nID=237184>>. Acesso em: abr. 2017.

¹⁴⁷ Exemplo disponível em: <<http://libertesedosistema.blogspot.com/2011/07/reflexoes-de-eduardo-marinho.html>>. Acesso em: abr. 2017.

¹⁴⁸ Exemplo disponível em: <<http://celticsbrasil.com.br/paul-millsap-e-o-plano-a-do-celtics-al-jefferson-e-o-b/>>. Acesso em: abr. 2017.

¹⁴⁹ Exemplo disponível em: <<http://gafieiras.com.br/entrevistas/hamilton-de-holanda/3>>. Acesso em: abr. 2017.

A Figura 18 mostra que *para / pra cacete* e *para / pra caralho* são representantes do Sintagma Preposicional (SP) no nível sintático, atuando como Operadores de Escala Superlativa (OES), com relação a um adjetivo (ADJ), verbo (V), substantivo (N) ou advérbio (ADV), os quais representam o Núcleo Graduável (NG) da expressão. Observa-se, portanto, que os NGs estendem-se a outras classes gramaticais, diferentemente da Construção Superlativa Genérica Informal, cujos NGs seriam tipicamente ADJ e ADV. Permanece aberta a questão de se, por se tratarem de expressões consideradas chulas, haveria a necessidade de ser uma Construção Superlativa Genérica de algum tipo especial.

4.2.8 [Que] *afudê* / *afu*

A expressão *afudê* é, no mínimo, curiosa, se pensarmos que *foder*, a grafia original em Português Brasileiro, significa manter relação sexual ou, então, prejudicar alguém, conforme os dicionários Houaiss (2009), Aulete (2011) e Aurélio (2009). Na internet há alguns *sites* que abordam a expressão *afudê* e seu significado, e a definem como positiva ou negativa, indicativa de algo bom ou ruim, ou como sinônimo de *foda*. Há, ainda, menção à redução *afu* e a uma possível origem de *afudê*, de *afuzel*¹⁵³.

Fischer (1999) define *a fuder* como um intensificador de algo bom ou designador de uma pessoa muito boa, legal. Além disso, o autor associa *a fuder* com *a fazer*, com o sentido de levar algo a sério:

Pela ortografia brasileira deveria grafar-se “a foder”, mas é “a fuder” a expressão, que tem uma forma contrata, “a fu”, que também se diz, malandramente segundo o critério popular, “a fuzel”; designa aquilo que é muito bom, de alta qualidade, tanto uma situação (“Tava uma festa a fuder”) quanto um sujeito (“Bá, esse cara é a fuder”); também quer dizer “a fazer” (v.). (FISCHER, 1999, p. 15).

Na busca no campo *lista* para *afudê*, foram encontradas 12 ocorrências, das quais todas configuram superlatividade. Dos 12 exemplos, o que se tem são expressões como *coisas afudê*, *ser afudê* (com as conjugações do verbo *ser*) e *que afudê*. Apresentamos três exemplos retirados do *Corpus* do Português¹⁵⁴.

¹⁵³ Para mais detalhes, ver os textos em: <<https://euempalavras.wordpress.com/2010/03/24/meu-dicionario-gaucha-2/>>, <<http://www.franklinjr.com/blog/index.php/2008/03/14/o-que-e-afude/>> e <<http://kupoxd.blogspot.com.br/2008/07/gurias-aqui-do-sul.html>>. Acesso em: jun 2017.

¹⁵⁴ Não houve nenhum resultado para a busca no *Corpus* Brasileiro.

(83) “[...] mas é uma ideia **afudê**. -- era sexo. -- pornográfico. – pornográfico [...]”¹⁵⁵

(84) “Mas não diga que fui eu quem te sugeriu esse tipo de coisa. Curtir isso: Uma resposta para ‘Como um cão’ cara, que **afudê**. eu ainda não li Kafka. sei, que vergonha, um cara letrado como eu etc. etc. [...]”¹⁵⁶

(85) “Vão se descobrir coisas como o poder do televisionamento, SP-RIOCENTRISMO, rivalidade Brasil-Argentina, folclore e uma porção de coisas **afudê**.”¹⁵⁷

O que se percebe nos exemplos é que *afudê* remete a algo positivo, legal, muito bom, o que não impede que haja usos irônicos ou negativos.

Quanto à expressão *afu*, embora o sentido intensificador seja o mesmo de *afudê*, podemos verificar, através dos exemplos, que *afu* é usada com verbo¹⁵⁸, enquanto *afudê* vem acompanhada de *que* ou do verbo *ser*, caso este em que um substantivo a acompanha, como o exemplo (83), “é uma ideia **afudê**”. Na busca em *lista* no *Corpus* do Português, 27 resultados são exibidos, dos quais 11 expressam superlatividade/intensificação. Apresentamos três exemplos retirados do *corpus*.

(86) “[...] mas, foi necessário porque eu tinha **engordado afu** mesmo.”¹⁵⁹

(87) “[...] e alguns estudantes brilhantes que **estudam afu** acham legal anular o voto.”¹⁶⁰

(88) “De posse da costela para aquela churrascada com os camaradas, o tempo vira... **esfria afu** e aquela chuva fininha começa a cair...”¹⁶¹

Outra expressão que encontramos em busca no *Google* foi *tri afudê*, uma combinação de *tri*, como prefixo intensificador, com o adjetivo *afudê*.

(89) “Bah guri, essa página tá **tri afudê** néammm!”¹⁶²

¹⁵⁵ Exemplo disponível em: <<http://cineesquemanoivo.org/expandido/saiba-mais-cen-e-tatui/>>. Acesso em: maio 2017.

¹⁵⁶ Exemplo disponível em: <<http://gabrieldivan.wordpress.com/2012/07/15/como-um-cao/>>. Acesso em: maio 2017.

¹⁵⁷ Exemplo disponível em: <<http://impedimento.org/o-folclore-termina-quando-acaba/>>. Acesso em: maio 2017.

¹⁵⁸ Fazemos essa afirmação considerando os exemplos obtidos através do *Corpus* do Português, já que tanto *afu* como *afudê* podem ser usados como interjeição.

¹⁵⁹ Exemplo disponível em: <<http://esclerosemultiplaeu.blogspot.com/2012/10/minha-falta-de-dieta.html>>. Acesso em: maio 2017.

¹⁶⁰ Exemplo disponível em: <<http://www.sul21.com.br/jornal/destaques/revolta-contr-aumento-da-passagem-gera-grande-protesto-na-noite-de-porto-alegre/>>. Acesso em: maio 2017.

¹⁶¹ Exemplo disponível em: <<http://thecookingfellowship.blogspot.com/>>. Acesso em: maio 2017.

¹⁶² Exemplo disponível em: <<https://www.facebook.com/brunozaninn/posts/468537323295235>>. Acesso em: jun. 2017.

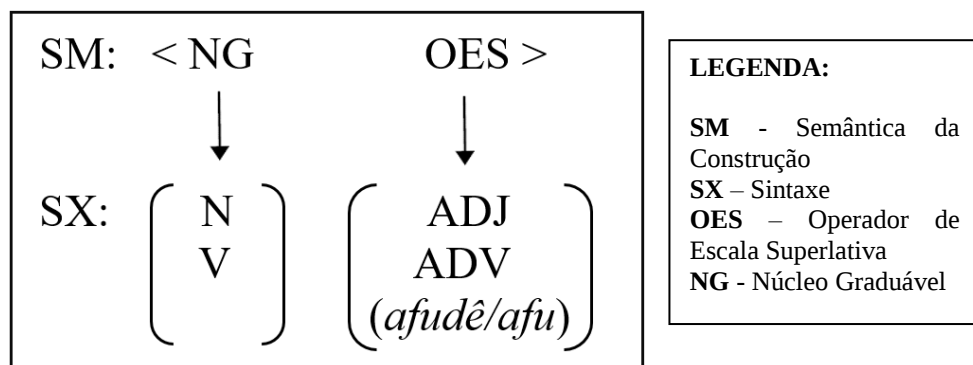
A expressão também está presente num verso da música “Aí É Que Foi Tri”, do Grupo Rotentix.

- (90) “Eu encontrei você perto da redenção / Tirando vários ramones com o seu violão / Então eu chamei no blitzkriegbop / Hey ho let’s go oh yeah / E essa foi pra ti e foi **tri afudê**”¹⁶³.

O Grupo Rotentix é uma banda gaúcha, o que pode ser a explicação para o uso de *tri* como prefixo intensificador. Além disso, constatamos, em nossa pesquisa nos dicionários regionais, a expressão *afudê*, que também é, ao que tudo indica, regional, do Rio Grande do Sul, fato que não significa que seu uso não seja frequente em outras regiões do Brasil.

Classificamos *afudê* e *afu* como expressões superlativas genéricas, conforme matriz construcional representada na Figura 19.

Figura 19 - Construção Superlativa Genérica: *afudê* / *afu*



Fonte: Elaborado pela autora.

Analisando a Figura 19, temos um Núcleo Graduável (NG), que pode ser um substantivo (N) ou um verbo (V). O Operador de Escala Superlativa (OES) pode ser um adjetivo (ADJ) ou um advérbio (ADV), representado por *afudê* e *afu*. O que verificamos como padrão aparentemente mais comum é o uso de substantivo com o adjetivo *afudê*, conforme exemplos (83) e (85), e verbos intensificados pelo advérbio *afu*, como nos exemplos (86), (87) e (88).

¹⁶³ Letra disponível em: <<https://www.ouvirmusica.com.br/rotentix/ai-e-que-foi-tri/>>. Acesso em: jun. 2017.

4.2.9 Puta

A primeira possível reação ao se ouvir a palavra *puta* é de ofensa, dado seu significado de mulher libertina, e também devido a expressões como *filho da puta* e *ir a puta que o pariu*, ambas extremamente ofensivas à mãe do interlocutor a quem alguém se dirige. Porém, apesar do significado chulo e ofensivo, *puta* funciona como um intensificador, um “hiperbolizante”, nas palavras de Houaiss e Villar, com sentido positivo. Podemos associar o uso de *puta* ao de *baita*, pois ambos são comumente combinados com substantivos, a fim de intensificá-los, seja em tamanho, em qualidade ou como algo muito bom. Por exemplo, *um puta carro* pode ser um carro grande, com todos os acessórios possíveis para o conforto, ou um carro de boa qualidade, caro, desejável. Quem tem *uma puta casa* provavelmente tem uma casa grande, confortável, dentre outros adjetivos que o falante possa atribuir à casa, normalmente positivos. Vejamos no Quadro 15 as definições para o vocábulo *puta*.

Quadro 15 - Definições de *puta*

Aulete (2011, p. 1132)	“sf. 1 Tabu. Prostituta, mulher que faz sexo por dinheiro [...] 2 Fig. Mulher despudorada e acintosamente vulgar a2g2n. 3 Muito grande, intenso ou extraordinário: uma puta comemoração; um puta carro. [F.: obsc. Nas defs 1 e 2 é ofensivo.]”
Cunha (2010, p. 533)	“sf. ‘meretriz’ ‘mulher devassa’ XIII. Fem. de puto, do lat. vulg. *pūtus (cláss. pūtus -ī ‘rapazinho, menino’)”
Aurélio (2009, p. 1662)	“[Do lat. *putta, por puta, ‘menina’.] S. f. Chulo 1. Meretriz. 2. Mulher devassa, libertina.”
Houaiss e Villar (2009, p. 1580)	“s.f. (sXIII) tab. 1 m.q. PROSTITUTA 2 pej. qualquer mulher lúbrica que se entregue à libertinagem adj.2g.(2n.) B tab. 3 termo que se emprega antepositivamente como hiperbolizante, no sentido de ‘enorme, fantástico, excelente, sensacional’ etc”

Fonte: Elaborado pela autora.

A primeira acepção que os dicionários mostram para *puta* é a de meretriz, mulher devassa, prostituta, porém apenas o Aulete e o Houaiss apresentam *puta* como uma palavra intensificadora. No Aulete, consta que as demais acepções, aquelas não intensificadoras, de prostituta e mulher vulgar, são ofensivas, o que, implicitamente, sugere que como intensificador, *puta* não é ofensivo. No Houaiss, há uma explicação sobre a gramática e o uso de *puta* na acepção 3, como hiperbolizante: “na acep. 3, a palavra não tem nenhum teor jocoso ou pejorativo e pode concordar em número ou não com o substantivo que qualifica” (2009, p. 1580).

O resultado da busca no *Corpus* do Português, em *lista*, foi 13807. O critério para a contagem foi o mesmo de *baita*, uma vez que os resultados excederam 2.000 ocorrências. Tendo contabilizado até a frequência 2 das ocorrências no campo *colocados*, obtivemos os seguintes resultados: 571 casos de *puta* sucedido por um substantivo e 9 casos seguido de adjetivo, conforme o Quadro 16.

Quadro 16 - *Puta*: escopo da intensificação/superlatividade

<i>Puta</i> + Escopo	Número de ocorrências
<i>Puta [N]</i>	571
<i>Puta [Adj]</i>	9
Total de ocorrências	580

Fonte: Elaborado pela autora.

Apresentamos três exemplos com cada escopo:

a) *puta [N]*

- (91) “Bom, pra minha tristeza, não era mentira e eu fiquei com uma **puta dor** nas pernas depois de uma dança.”¹⁶⁴
- (92) “É uma **puta vergonha** a gente ter que pagar uma **puta grana** pra tocar na rádio, meu!”¹⁶⁵
- (93) “Reiko começou a namorar o cara, que morava em Montecito, um bairro nobre da cidade, e tinha um **puta carrão**.”¹⁶⁶

No exemplo (91), a potência de *dor* é intensificada por *puta*. Em (92), *puta* intensifica a proporção da *vergonha*, sua potência, de certa forma, e *puta grana* indica grande quantidade. Em (93), *carrão* já é uma forma intensificada, pois não se trata de falar de um carro grande em tamanho ou dimensões, e a intensificação está sendo reiterada pelo uso de *puta* como um indicador de alta qualidade, ou de bons atributos. Há também casos como *puta filmão*, *puta filmaço*, *puta golaço*, *puta friozão*, *puta gostosona*, *puta dinheirão*, *puta amigão*. Em outras ocorrências, há um diminutivo com valor pejorativo, que é intensificado por *puta*, como em *puta futebolzinho*, *puta entrevistinha*, *puta discursinho*, expressões nas quais o uso do diminutivo visa criticar

¹⁶⁴ Exemplo disponível em: <<http://esclerosemultiplaeu.blogspot.com/2010/06/porque-vida-essa-sim-e-uma-caixinha-de.html>>. Acesso em: maio 2017.

¹⁶⁵ Exemplo disponível em: <<http://gafieiras.com.br/entrevistas/andre-abujamra/19>>. Acesso em: maio 2017.

¹⁶⁶ Exemplo disponível em: <<http://1001pessoas.com/2013/05/10/41-reiko-a-minha-japonesa-favorita/>>. Acesso em: maio 2017.

a qualidade, pô-la em dúvida, situação que é intensificada pelo uso do adjetivo hiperbolizante *puta*.

b) *puta* [Adj]

(94) “Esse sr. vai tomar uma raquetada na orelha que nunca mais ele vai esquecer, **puta babaca**, se expor por nada”¹⁶⁷

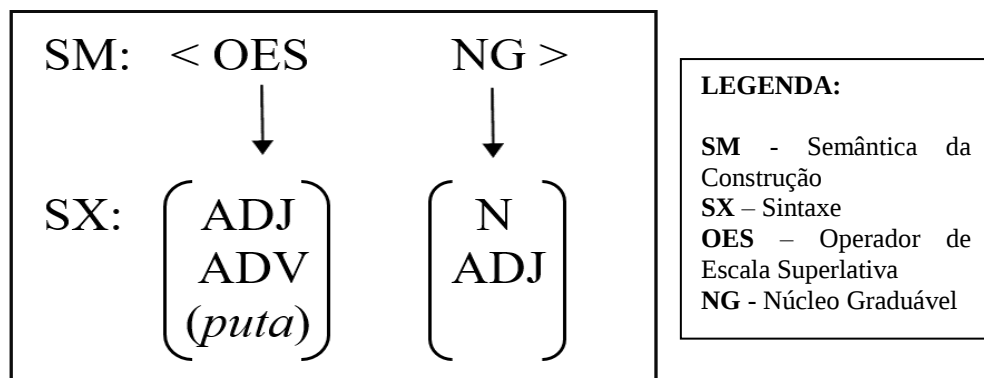
(95) “[...] eu quero que se foda presto socorro na hora!! essa jornalista **puta maconheira** amiga do caramante não sabe o q fala, ela é quem merece um tiro na cara para ver o q é bom!!”¹⁶⁸

(96) “Fico **puta arrasada** com essas coisas que aumentam o preço só porque ficam famosas.”¹⁶⁹

Nos casos de *puta* [Adj], há uma intensificação da característica expressa pelos adjetivos. Em nossa pesquisa no *Corpus* do Português, dos 8 resultados com escopo adjetivo, 7 são, aparentemente, negativos. Tal fato não impede que *puta* possa ser combinado com adjetivos positivos, mas indica que o padrão usual, dados os resultados, ocorre com características negativas.

A Figura 20 mostra a matriz construcional para *puta*.

Figura 20 - Construção Superlativa Genérica: *puta*



Fonte: Elaborado pela autora.

¹⁶⁷ Exemplo disponível em: <<http://flitparalisante.wordpress.com/2013/06/21/presidente-dilma-sanciona-plc-132-estabelecendo-que-investigacoes-criminais-devem-ser-conduzidas-por-delegado-de-policial/>>. Acesso em: maio 2017.

¹⁶⁸ Exemplo disponível em: <<http://flitparalisante.wordpress.com/2013/05/06/policiais-ignoram-regra-e-prestam-socorro-ao-saber-que-ferido-era-pm/>>. Acesso em: maio 2017.

¹⁶⁹ Exemplo disponível em: <<http://www.acordeilinda.com/2012/05/bom-e-barato-lapis-toque-de-natureza.html/>>. Acesso em: maio 2017.

A Figura 20 exibe um Operador de Escala Superlativa (OES), representado pelo adjetivo hiperbolizante *puta*, que intensifica um Núcleo Graduável (NG), preenchido por um substantivo (N) ou por um adjetivo (ADJ).

Conforme evidenciam os números, *puta* é uma expressão intensificadora bastante usada. Os 580 casos de *puta* como intensificador já são suficientes para revelar um padrão de superlatividade. Sendo *puta* um adjetivo hiperbolizante, de acordo com alguns dicionários que consultamos, propomos, por ora, enquadrá-la na Construção Superlativa Genérica. O que pode ser pensado em estudos futuros é o caso de *puta* ser parte de um *frame* de sexualidade, assim denominado informalmente por nós nesta dissertação, conforme mencionamos na seção 4.1.

Apresentadas nossas buscas e analisadas as expressões, tecemos algumas considerações sobre nosso processo investigativo. Chamou nossa atenção a quantidade de expressões para expressar uma mesma ideia, fato que não caracteriza novidade, e sim justifica os estudos sobre superlatividade, importantes para formalizar expressões superlativas/intensificadoras de uso costumeiro pelos falantes de Português Brasileiro.

O Quadro 17 mostra as expressões analisadas, as respectivas classificações e o número de ocorrências de cada uma delas.

Quadro 17 - Total de expressões e ocorrências

Tipo da Construção Superlativa	Forma e total de ocorrências
Construção Prefixal Modificadora de Grau (CARRARA, 2015)	<i>tri</i> (178/1886)
Construção Superlativa Causal Nominal (CARRARA, 2010)	<i>de cair os butiá [do bolso]</i> (3/5) <i>frio de renguear cusco</i> (11/15) <i>frio de rachar</i> (26/205) <i>frio de lascar</i> (23/25) <i>medo que me pelo (Google)</i> <i>[ADJ] que dói</i> (70/1674)
Construção Superlativa Genérica (MACHADO, 2011)	<i>baita</i> (2022/4128) <i>pra cacete</i> (493/586) <i>do cacete</i> (18/431) CB <i>pra caralho</i> (835/1253) <i>do caralho</i> (32/156) CB <i>[que] afudê</i> (12/12) <i>afu</i> (11/27) <i>puta</i> (580/13807)

O Quadro 17 exhibe as três classificações nas quais encaixamos as expressões analisadas, além do número de ocorrências com sentido superlativo/intensificador, seguido pelo número total de ocorrências resultantes da busca inicial no campo *lista*, respeitados os critérios de recorte escolhidos para cada caso (cf. 4.1). No caso de *medo que me pelo*, a busca no *Google*, como forma de comprovar a existência da expressão, não possibilitou a contagem das expressões, pelo fato de não se tratar de um *corpus* tratado e por não termos construído um *corpus* específico para tal propósito de contagem. Para as expressões *do cacete* e *do caralho*, foram consideradas as ocorrências do *Corpus* Brasileiro, devido ao maior número de ocorrências, comparando-o ao *Corpus* do Português, e também pelo contexto de superlatividade/intensificação.

Através de nossa pesquisa, obtivemos resultados consideravelmente profícuos, os quais nos permitiram evidenciar o uso significativamente efetivo das expressões investigadas. Além disso, a pesquisa nos corpora e no *Google* possibilitou o contato com formas diferentes daquelas que havíamos pensado originalmente e nos permitiu detalhá-las e exemplificá-las.

Devido à quantidade de expressões que elegemos, o recorte analítico acabou por ser menos denso do que aqueles dos estudos revisados, o que se justifica pela natureza exploratória desta pesquisa, a partir da qual objetivamos reunir as construções superlativas já estudadas e mostrar as vastas possibilidades desse campo de estudo. Acreditamos que este

estudo exploratório contém variados aspectos passíveis de aprofundamento teórico-analítico, tarefa para estudos futuros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia de que a superlatividade faz parte do cotidiano pode ser corroborada de diversas maneiras, que vão muito além da abordagem realizada pela gramática tradicional. Nesta dissertação, objetivamos, em um primeiro momento, revisar as regras para a formação do superlativo abordadas em renomadas gramáticas de Língua Portuguesa. Em seguida, revisamos estudos oriundos, principalmente, do grupo de pesquisa Gramática e Cognição, coordenado pela Profa. Dra. Neusa Salim Miranda, os quais serviram como aporte teórico e de análise, uma vez que partimos deles para investigar o conjunto de expressões analisadas no Capítulo 4. Apesar de revisados os estudos sobre superlatividade até o ano de 2015, apenas alguns foram produtivos para a análise. De qualquer modo, aqueles estudos não utilizados na análise corroboram a proficuidade da superlatividade/intensificação como objeto de estudo de gramáticas baseadas na língua em uso.

Nossos objetivos específicos abrangeram a investigação de ocorrências das expressões escolhidas no *Corpus* do Português, no *Corpus* Brasileiro e no *Google*; a análise dos significados de palavras centrais nas expressões ou da própria expressão em alguns casos; o enquadramento das expressões candidatas a construções superlativas nas matrizes construcionais propostas nos estudos revisados; e a proposição de matrizes construcionais específicas para cada expressão analisada. Respondendo à questão de pesquisa, constatamos, principalmente no uso coloquial do Português Brasileiro (em alguns casos, usos regionais), a existência de expressões produtivas que podem ser consideradas construções superlativas.

Devido à natureza de nosso estudo, buscamos explorar expressões que denotam superlatividade/intensificação. Tendo feito o recorte das expressões contempladas em nossa análise, o próximo passo foi verificar em diferentes *corpora* suas ocorrências, de modo a ter o respaldo necessário para atestar seus respectivos usos. Foi utilizado o *Corpus* do Português. Essa ferramenta se mostrou extremamente útil para nossa pesquisa, já que buscávamos expressões presentes, de modo geral, na oralidade, que acabam por ser reproduzidas em gêneros textuais disponibilizados na internet, como textos de *blogs*, por exemplo. Nesse *corpus*, pesquisamos as ocorrências das expressões *tri*, *de cair os butiá [do bolso]*, *frio de renguear cusco*, *frio de rachar*, *frio de lascar*, *baita*, *que dói*, *pra cacete / pra caralho*, *[que] afudê / afu e puta*. Utilizamos, também, o *Corpus* Brasileiro para a pesquisa de ocorrências das expressões *do cacete / do caralho*, *medo que me pelo*, *de cair os butiá [do bolso]* e *frio de renguear cusco*. E, para a busca de exemplos adicionais, utilizamos o *Google*.

Realizadas as buscas nos *corpora* e no *Google*, as expressões foram contabilizadas e classificadas em termos de escopo, o que nos permitiu refletir sobre cada padrão evidenciado. Para tal reflexão, consideramos o que as gramáticas normativas consultadas explicam sobre o superlativo, a fim de verificar o que difere delas para a língua em uso. A partir da compilação dos exemplos, buscamos enquadrar as expressões em categorias de construções superlativas propostas pelos estudos sobre superlatividade por nós revisados. Dessa tarefa, resultou o seguinte: enquadrámos as expressões *de cair os butiá [do bolso]*, *frio de renguear cusco*, *frio de rachar*, *frio de lascar*, *medo que me pelo* e *que dói* na Construção Superlativa Causal Nominal, proposta por Carrara (2010); *tri* foi considerado como Construção Prefixal Modificadora de Grau, categoria formalizada por Carrara (2015); e *baíta*, *pra cacete / pra caralho*, *do cacete / do caralho*, *[que] afudê* e *puta*, não tendo encontrado padrão específico nos estudos revisados, classificamo-las como Construções Superlativas Genéricas Informais, baseando-nos em Machado (2011), que propõe uma construção genérica, a qual abrange o uso de advérbios de intensidade e sufixos. Baseando-nos nessa categorização e nos respectivos autores, criamos uma matriz construcional para cada expressão. Como foi observado, os núcleos graduáveis se estendem a outras classes gramaticais, para além do adjetivo e do advérbio, diferentemente da Construção Superlativa Genérica, proposta por Machado (2011), de acordo com a Figura 1.

A extensão de núcleos graduáveis evidencia que a língua em uso supera as gramáticas normativas tradicionais em termos de superlatividade, uma vez que dispõem de mais recursos para a intensificação. Tal fato reforça a importância dos trabalhos que têm sido desenvolvidos acerca de construções superlativas, uma vez que coloca em evidência a Linguística Cognitiva e a Gramática das Construções, em busca do empreendimento de uma Gramática das Construções de Língua Portuguesa, que seja capaz de abarcar o máximo de expressões designativas de superlatividade/intensificação, bem como de outros aspectos da expressão linguística. Os achados sobre construções superlativas fortalecem a ideia de que uma análise baseada em pares de forma e função, as construções, superam a análise composicional, que se mostra como restrita, e, em alguns casos, pouco usada em comparação a construções superlativas.

Embora tenhamos abrangido diversas expressões em nosso estudo, e também devido à variedade de padrões nos quais elas se encaixam, fato que nos guiou a uma análise mais superficial de cada uma delas, constata-se que já há estudos suficientes para que se construa a rede mais ampla da superlatividade com a definição dos *links* de herança, em especial as construções mais diretamente ligadas à construção superlativa genérica, para a qual

encontramos novos pareamentos de sentido-forma. A construção dessa rede seria um empreendimento de grande fôlego, haja vista sua complexidade. Considerando os estudos revisados, a rede da superlatividade encontrar-se-ia ligada à rede das Construções Inacusativas (Figura 2), à das Construções Concessivas (Figura 3) e à das Construções Ergativas (Figura 4), para citar apenas os casos já mencionados.

Quanto ao uso dos dois *corpora*, utilizados separadamente para a verificação de ocorrências de algumas expressões e não outras, cremos que o uso conjunto de ambos para todas as expressões poderia ter sido produtivo numa pesquisa de caráter quantitativo mais elaborada e com propósitos mais amplos. Por outro lado, considerando as especificidades das expressões analisadas, cada uma poderia ser objeto de estudo em separado com uso de *corpora* gerais ou de *corpus* especificamente construído para tal, seguindo-se, então, mais rigorosamente, a metodologia de Linguística de *Corpus*. Da mesma forma, tais expressões poderiam ser analisadas explorando-se modelos teóricos da Linguística Cognitiva que comumente são integrados aos estudos gramaticais construcionistas. Esses modelos teóricos não foram chamados para a nossa análise, considerando o recorte estabelecido no Capítulo 3.

De maneira geral, nossa pesquisa, assim como as demais que foram e vêm sendo realizadas sobre a superlatividade sob a ótica da Gramática das Construções, reforça a ideia de que os recursos de expressão da superlatividade/intensificação são os mais variados dada a criatividade e a produtividade intrínsecas à língua em uso, o que não consegue ser abarcado pelas restrições impostas pelas gramáticas normativas tradicionais. As regras gramaticais não conseguem suprir as necessidades expressivas da língua, que está intimamente relacionada ao mundo que cerca o falante, o que faz da Linguística Cognitiva, para a qual aprendemos a linguagem da mesma forma que aprendemos outras habilidades, base fundamental para compreendermos os processos de escolha linguística de um falante.

Como conclusão de um estudo que, como qualquer outro, deixa lacunas a serem discutidas, esperamos que nossa pesquisa contribua para a ampliação da rede de construções superlativas e que possa servir de fomento a estudos futuros, a fim de avançar naquelas questões que possam ter ficado em aberto ou aperfeiçoar os procedimentos analíticos adotados ao longo desta dissertação.

REFERÊNCIAS

- ALBERGARIA, Genezpabla. *Projeção figurativa e expansão categorial do PB: o caso de um frame “animal”*. 2008. 107p. Dissertação (Mestrado em Linguística), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2008.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.
- BOSSLE, Batista. *Dicionário gaúcho brasileiro*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2003.
- CARRARA, Anna Carolina Ferreira. *A construção prefixal de modificação de grau – uma abordagem construcionista da morfologia derivacional*. 2015. 216p. Tese (Doutorado em Linguística), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.
- CARRARA, Anna Carolina Ferreira. *As Construções Superlativas Causais Nominais: uma abordagem construcionista*. 2010. 150p. Dissertação (Mestrado em Linguística), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.
- CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. *Metodologia Científica*. 5.ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.
- CLARIDGE, C. *Hyperbole in English: A corpus-based study of exaggeration*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.
- COSTA, Igor de Oliveira. *A construção superlativa de expressão corporal: uma abordagem construcionista*. 2010, 143p. Dissertação (Mestrado em Linguística), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.
- CROFT, William.; CRUSE, D. Alan. *Cognitive linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed., rev. e atual. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- EVANS, Vyvyan. *A glossary of cognitive linguistics*. Salt Lake City: The University of Utah Press, 2007.
- FAUCONNIER, G.; TURNER, M. *The way we think*. New York: Basic Books, 2002.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 4.ed. Curitiba: Positivo, 2009.
- FILLMORE, Charles J. *Frame semantics*. Linguistics in the morning calm. The Linguistic Society of Korea (Ed.). Seoul: Hanshin, 1982. p. 111-37.
- FILLMORE, Charles J. Frames and the semantics of understanding. *Quaderni di semantica*, n. 6, p. 222-254, 1985.
- FILLMORE, Charles J. Innocence: a second idealization for linguistics. Proceedings of the Fifth Berkeley Linguistics Society, 1979.

FILLMORE, Charles J.; KAY, Paul; O'CONNOR, Mary Catherine. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: the case of let alone. *Language*, v. 64, n. 3, p. 501-538, set. 1988.

FISCHER, Luís Augusto. *Dicionário de porto-alegrês*. 6. Ed. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

GEIGER, Paulo (Org.). *Novíssimo Aulete*: dicionário contemporâneo da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

GOLDBERG, Adele. *Constructions at work*. Oxford. Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, Adele. *Constructions*: a construction grammar approach to argument structure. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, Adele. Constructions: a new theoretical approach to language. *TRENDS in Cognitive Sciences*, v. 7, n. 5, p. 219-224, may 2003.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello; INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS DE LEXICOGRAFIA. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JESUS, Izabel Teodolina de. Construções condicionais proverbiais: uma visão sociocognitiva. *Alfa*, São Paulo, 49(1), p. 139-160, 2005.

KÖCHE, José Carlos. *Fundamentos de metodologia científica*: teoria da ciência e iniciação à pesquisa. 27.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

LAKOFF George; JOHNSON, Mark. *Philosophy in the flesh*: the embodied mind and its challenge to Western thought. New York: Basic Books, 1999.

LAKOFF, George. A hipótese da Invariância: o pensamento abstrato está baseado em esquemas de imagens? *Cadernos de Tradução*, n. 31, jul./dez. 2012. Tradução de *The invariance hypothesis: Is abstract reason based on image schema?* por Larissa Brangel, Dalby Dienstbach; revisão de tradução de Aline Aver Vanin; revisão técnica de Heloísa Pedroso de Moraes Feltes.

LAKOFF, George. *Women, Fire and Dangerous Things*. Chicago: University of Chicago Press: 1987.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

MACHADO, Patrícia Miranda. *A construção superlativa sintética de estados absolutos com o sufixo -íssimo*: um caso de Desencontro/ Mismatch morfológico. 2011, 139p. Dissertação (Mestrado em Linguística), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011.

MACHADO, Patrícia Miranda. *Gramática das construções e morfologia*: um estudo sobre a rede de construções superlativas sufixais de desencontro do português. 2015, 173p. Tese (Doutorado em Linguística), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

MIRANDA, Lara Carvalho. *As Construções Concessivas de Polaridade Negativa no Português do Brasil*. 2008. 160p. Dissertação (Mestrado em Linguística), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2008.

MIRANDA, Neusa Salim. Apresentação. In: MIRANDA, Neusa Salim; SALOMÃO, Maria Margarida Martins (Org.). *Construções do português do Brasil: da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009a. p. 9-19.

MIRANDA, Neusa Salim. Construções gramaticais e metáfora. *Gragoatá*, Niterói, n. 26, p. 61-80, 1. sem. 2009b.

MIRANDA, Neusa Salim; MACHADO, Patrícia Miranda. Polaridades, intensidades e desencontros: uma construção superlativa de estados absolutos. *Linha D'Água (Online)*, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 117-137, jun. 2014.

MIRANDA, Neusa Salim; SALOMÃO, Maria Margarida Martins (Org.). *Construções do português do Brasil: da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

NUNES, Zeno Cardoso; NUNES, Rui Cardoso. *Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1984.

OLIVEIRA, Alberto Juvenal de. *Dicionário Gaúcho: termos, expressões, adágios, ditados e outras barbaridades*. 4. ed. Porto Alegre: AGE, 2010.

PIRES, Robledo Esteves dos Santos. *forte que nem touro, alto que nem torre, livre que nem passarinho: a configuração de uma construção hiperbólica do Português*. 2013, 179p. Tese (Doutorado em Linguística), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013.

ROCHA, Carlos Alberto de Macedo; ROCHA, Carlos Eduardo Penna de M. *Dicionário de locuções e expressões da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

SALOMÃO, Maria Margarida Martins. Gramática das construções: a questão da integração entre sintaxe e léxico. *Veredas, revista de estudos linguísticos*, Juiz de Fora, v. 6, n. 1, p. 63-74, jan./jun. 2002.

SALOMÃO, Maria Margarida Martins. Teorias da linguagem: a perspectiva sociocognitiva. In: MIRANDA, Neusa Salim; SALOMÃO, Maria Margarida Martins (Org.). *Construções do português do Brasil: da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009a. p. 20-32.

SALOMÃO, Maria Margarida Martins. Tudo certo como dois e dois são cinco: todas as construções de uma língua. In: MIRANDA, Neusa Salim; SALOMÃO, Maria Margarida Martins (Org.). *Construções do português do Brasil: da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009b. p. 33-74.

SAMPAIO, Thais Fernandes. *O uso metafórico do léxico da morte: uma abordagem sociocognitiva*. 2007. 154p. Dissertação (Mestrado em Linguística), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2007.

SANTOS, Silvio César. *As construções comparativas superlativas disfêmicas: uma análise sociocognitiva*. 2012. 100p. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

ANEXOS

ANEXO A – *Corpus do Português*

o corpus do português

Os corpora
 Nova interface
 Tamanho dos corpus
 Comparar com outros corpora
 Recursos
 Pesquisadores (inglês)

[Seja voluntário!](#)

Problemas (inglês)
 Contatar

English **Português**

Criado pelo Professor [Mark Davies, BYU](#). Financiada pelo [National Endowment for the Humanities](#) (2004, 2015). Faz parte da coleção [corpora da BYU](#).

	Corpus	Tamanho	Criado	Mais informação
1	Gênero / Histórico	45 milhões de palavras	2004-06	Info
2	Web / Dialeto	1 <i>bilhão</i> de palavras	2015-16	Info

O Corpus do Português já tem duas partes distintas:

- um corpus (original e menor) que permite ver as mudanças históricas assim como variações de gênero
- um corpus (novo e muito maior) que permite verificar as variações dialéticas (e tem 50 vezes mais dados do português moderno).

Clicar no link [Info] acima para mais detalhes.

ANEXO B – Corpus do Português: Web/Dialetos

Corpus do Português: Web/Dialetos










ENG

PORT



PESQUISAR

FREQUÊNCIA

CONTEXTO

AJUDA

Lista

Gráfico Colocados Comparar PCEC

[POS]

Pesquisar

Apagar

☐ Seções Virtual Ordem/Limite Opções

 (OCULTAR AJUDA)

NÃO ESTÁ LOGADO

Este corpus contém aproximadamente um bilhão de palavras em Português, retiradas de mais ou menos um milhão de páginas de web de quatro países que falam Português (Brasil, Portugal, Angola e Moçambique). O corpus está a ser financiado por - US National Endowment for the Humanities - e assim permitindo-nos atualizar o original do Corpus do Português (2006), que também foi financiado pelo NEH.

Clique em qualquer um dos links a sua esquerda para ajuda sensível de contexto, e para poder ver a variedade que o corpus oferece. De realçar, é a comparação de dialetos e os novos corpora virtuais, que na criação personalizada e coleções de textos relacionados a uma área específica de interesse.

Ajuda específica para o ficheiro:
 Examinação da variação entre os vários dialetos
 O efeito do tamanho do corpus (comparado com o CdP anterior).
 Ajudar a melhorar o corpus (e ganhar créditos)

[1]

ANEXO C – Exemplos de resultados nas linhas de concordância do *Corpus do Português*

Corpus do Português: Web/Dialetos

ENG
PORT

PESQUISAR

FREQÜÊNCIA

CONTEXTO

AJUDA

SECCÕES: NÃO HÁ LIMITES

AMOSTRA: 100 200 500 1000

PÁGINA: << < 1 / 17 > >>

CLIQUE NO TÍTULO PARA MAIS CONTEXTO

☐ [?]

1	G BR	acritica.uol.com.br	A B C	! 588149 Vettel comemora tri com a presença de vips em São Paulo Vettel conquistou o tri em este domingo
2	G BR	acritica.uol.com.br	A B C	588149 Vettel comemora tri com a presença de vips em São Paulo Vettel conquistou o tri em este domingo, em São Paulo (Prakash Singh / AFP) A os
3	G BR	acritica.uol.com.br	A B C	foram rapidamente trancados por os seguranças, afinal nada poderia atrabalhar a festa de o Tri. Para brindar o título, Vettel pediu a os garçons uma
4	G BR	adsense-pt.blogspot.com	A B C	de texto e gráficos ativados "» e tem um ponto de exclamação amarelo e um tri ^ ngulo vermelho. E o tipo de anúncios que eu tenho sendo exibidos :
5	G BR	altamiroborges.blogspot.com	A B C	. Somos classificados como MASCULINO e FEMININO, e não como HÉTERO, BI, TRI ou HOMOSSEXUAL. O que cada um faz para alcançar seu PRAZER, c
6	G BR	amelhordasintencoes.wordpress.com	A B C	a a ciumes, tenho que me calar... é uma m.. Mas sou tri ciumenta, tenho que me tratar. hehehehe
7	G BR	artigos.netsaber.com.br	A B C	nova abordagem. Se não falhar, não estará sendo criativo, pois as novas tri ~ lhe&lhes as não têm sinalização e são repletas de armadilhas. 23. Não ir
8	G BR	astro.if.ufrgs.br	A B C	624-546 a.C.)] -- sabendo- se um de os lados de um sistema de tri? ngulos e seus? ngulos, podemos calcular todos os lados. Em a
9	G BR	astro.if.ufrgs.br	A B C	lados por letras minúsculas (a, b, c). Seja ABC um tri? ngulo? rico como em a figura, chamando os lados BC de
10	G BR	astro.if.ufrgs.br	A B C	AB e AC. Logo, BAC = DAE e chamamos de A. Em o tri? ngulo plano OAD, o? ngulo OAD? 90° e o? ngulo
11	G BR	bandeiraverde.com.br	A B C	auto risco. É legítimo. Mas celebre o que saiu vivo e também foi tri. Em a verdade quem fez de o Senna, o herói nacional foi a
12	G BR	bandeiraverde.com.br	A B C	fundamento? Quantos Tri-campeões tem a Formula 1? Quem pode ser melhor que um tri campeão? Se a eleição tivesse fundamento, o número 1 de
13	G BR	bandeiraverde.com.br	A B C	tricampeão com o melhor carro em todos os anos. Em 91, quando foi tri, a McLaren foi melhor em o início de o ano. Em o final
14	G BR	bandeiraverde.com.br	A B C	ou forjava algum carro problema... foi mais do que a obrigação de ele ser tri campeão pq ele sabia de o problema de a geração senna ao lado de ele

ANEXO D – Corpus Brasileiro: página inicial


Bem-vindo, ! - Sair

Corpus Brasileiro

1 bilhão de palavras do português brasileiro contemporâneo

Resultados: 1 - aproximadamente 0 ocorrências (13.18 segundos)

Pesquisar

Palavra(s)

Contexto

Pesquisar [limpar]

Seção do corpus

- TODOS
- ESCRITO
- FALADO
- bula de remédio
- literatura - contos
- crônicas
- revistas
- docs.(educação)
- educação
- jornal
- literatura
- artigos acadêmicos

Resultados:

N	Modo	Registro/gênero	Ocorrência	ver	kwic
1.	escrito/falado	Todos	0		

© © 2008-2010 Corpus Brasileiro - PUCSP - FAPESP - Todos os direitos reservados. 1152 x 864

ANEXO E – Corpus Brasileiro: Linguatca: exemplo do campo para pesquisa

Procurar:

Resultado:

- ☒ Concordância
- ☐ Distribuição das formas (*word*)
- ☐ Distribuição dos lemas ([lema](#))
- ☐ Distribuição da categoria gramatical (PoS) ([pos](#))
- ☐ Distribuição do tempo verbal e/ou do caso pronominal ([temcagr](#))
- ☐ Distribuição de pessoa e/ou número ([pessnum](#))
- ☐ Distribuição do género morfológico ([gen](#))
- ☐ Distribuição da função sintáctica ([func](#))
- ☐ Distribuição por género de texto (*genero*)
- ☐ Distribuição por campo semântico (*sema*)
- ☐ Distribuição por grupo (de cor, roupa, etc.) (*grupo*)

Opções

- ☐ Resultados por ordem alfabética (só distribuições)
- ☐ Ignorar maiúsculas/minúsculas (não admite parâmetros)

Amostra aleatória de linhas.

Estrutura do corpo

O corpo está apenas dividido em frases (s).

Além disso, o Corpus Brasileiro contém os seguintes valores do atributo **genero**, em que o prefixo **e** indica português escrito e **f** português falado:

genero	Gênero	Fonte
ei	Acadêmico	Artigos
ej	Acadêmico	Teses e dissertações
eq	Acadêmico	Anais de congresso
en	Cinema e TV	Roteiros
ee/ef	Educação	Diversos
ee/ef	Educação	Diversos
et	Enciclopédia	Wikipédia
fa	Esporte	Narração de jogos de futebol
ek	Informática	Manuais
ed	Jornalismo	Revistas
eg	Jornalismo	Jornais
eo	Jornalismo	Horóscopo
fe	Jornalismo	Entrevistas
em/ex	Legislação	Diversos
em/ex	Legislação	Diversos
eb	Literatura	Contos
ec	Literatura	Crônicas
eh/ew	Literatura	Variados
eh/ew	Literatura	Variados
eu	Literatura	Biografias
ea	Medicina	Bulas de remédio
ep	Política	Atas de assembléia legislativa
fb	Política	Debates de TV
fc	Política	Pronunciamentos do presidente
fd	Política	Sessões do congresso
el	Religião	Diversos
ev	Religião	Bíblia
er/es	Técnico	Relatórios e manuais diversos
er/es	Técnico	Relatórios e manuais diversos

Como todos os corpos do AC/DC, o Corpus Brasileiro está também anotado sintacticamente pelo PALAVRAS, e contém alguma anotação semântica nos atributos **sema** e **grupo**.

Veja um [excerto do corpo e informação adicional](#).

Exemplo de pesquisas

	Procurar:	Resultado:
a palavra "Pelé"	Pelé	Concordância
frases contendo a expressão "casaco comprido"	"casaco" "comprido"	Concordância
referências a Dilma em jornais brasileiros	[word="Dilma" & genero="eg"]	Concordância
distribuição de "Vasco da Gama" por gênero	"Vasco" "da" "Gama"	Distribuição por gênero

Dados quantitativos

- [Lista de formas deste corpo e sua frequência](#) (veja também [esta lista](#))
- [Dados sobre palavras gráficas](#)
- [Contagens de atributos estruturais](#)
- [Contagens de multipalavras](#)
- [Distribuição por categoria gramatical](#)

Para informação sobre como foram obtidos estes valores, consulte a página dos [Corpos](#)

Agradecimentos

Tony Berber Sardinha, a quem estamos gratos pela autorização para a disponibilização deste corpus, agradece à Fapesp o financiamento do projeto.

[[Exemplos](#) | [Atomização](#) | [Anotação](#) | [Corpos](#) | [Agradecimentos](#)]

Última actualização: 02 de Agosto de 2016

[Perguntas, comentários e sugestões](#)